

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Alex da Silva Dias Américo

**Reestruturação produtiva e fragmentação do parque
industrial de Santo Amaro:**

Industrialização e desenvolvimento desigual na periferia da metrópole de 2000 à 2014

SÃO PAULO

2016

ALEX DA SILVA DIAS AMÉRICO

**Reestruturação produtiva e fragmentação do parque
industrial de Santo Amaro:**

Industrialização e desenvolvimento desigual na periferia da metrópole de 2000 à 2014

Trabalho de Graduação Individual
apresentado ao Curso de Geografia
da Universidade de São Paulo para
a obtenção de título de Bacharel em
Geografia. Nível de Graduação.

Área de Concentração:
Geografia Urbana

Orientador(a): Profa Dr. Isabel
Aparecida Pinto Alvarez.

SÃO PAULO

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Ar	Américo, Alex da Silva Dias Reestruturação produtiva e fragmentação do parque industrial de Santo Amaro: Industrialização e desenvolvimento desigual na periferia da metrópole de 2000 à 2014 / Alex da Silva Dias Américo ; orientadora Isabel Aparecida Pinto Alvarez. - São Paulo, 2016. 99 f. TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana. 1. reestruturação produtiva. 2. desconcentração industrial. 3. desindustrialização. 4. segregação socioespacial. 5. Santo Amaro. I. Alvarez, Isabel Aparecida Pinto, orient. II. Título.
----	--

Nome: Américo, Alex da Silva Dias

Título: Reestruturação produtiva e fragmentação do parque industrial de Santo Amaro: Industrialização e desenvolvimento desigual na periferia da metrópole entre os anos de 2000 à 2014

Monografia apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de bacharel em Geografia .

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr _____

Julgamento _____

Instituição _____

Assinatura _____

Prof. Dr _____

Julgamento _____

Instituição _____

Assinatura _____

Prof. Dr _____

Julgamento _____

Instituição _____

Assinatura _____

*“Não baixo a guarda!
Sigo em pé apesar de tudo
Não baixo a guarda!
Punhos cerrados por um novo mundo!”*

Agradecimentos

À orientadora, professora e amiga Isabel (Bel) que nos meandros do vivido esteve presente nos momentos mais críticos desses seis breves anos de graduação que tive: do conflituoso Pontal do Paranapanema à caótica metrópole de São Paulo. Suas orientações foram além dos limites restritos de um trabalho acadêmico, reservo neste pequeno pedaço de texto minha profunda admiração e respeito à sua personalidade sempre solidária e humana. Ao Léo, Matheus e ao Sr. Chico por ajudar e fazer acontecer as instigantes aulas de Planejamento que se materializaram neste trabalho.

Às camaradas Renilda, Terezinha, Luciana e Felipe pela leitura atenciosa, sugestões e ao estímulo que me deram para que caminhasse adiante de passos firmes nessa longa travessia cheia de obstáculos que é a realidade, bem como o *caminho correto* para sua compreensão. Ao Grupo de leitura: *Para uma ontologia do ser social de Lukács*, que mantemos firmes e fortes!

Às companheiras Juliana, Marília, Leidi, Ricardo, Renato, Caio e Rodrigo (vulgo Sapo) e aos debates que travamos no espaço Marx realizados no Labur e Intersindical. Ao Hugo pela rica contribuição nos mapas que sem seu empenho, comprometimento e calma, dificilmente teriam sido concretizados com êxito. À Melzinha por me ajudar nas entrevistas e trabalho de campo, tradução do resumo e, sobretudo, à sua companhia, conversas e amizade que ficarão guardadas comigo.

Ao Pablo pela atenção e ajudar com o resumo em espanhol.

Aos “parceiros de quebrada” Márcio, Eduardo, Denis e Jorel pelos bons momentos de diversão. Ao Daniel pela amizade e sensibilidade em ajudar com a base (moradia e acesso a universidade) sem a qual dificilmente teria realizado esta pesquisa. Ao Celão e seus ensinamentos empíricos sobre o sistema *just in time* na fábrica Vila Skate.

Às minhas *mães* Sandra, Olga e Cirlene, mulheres sempre lutadoras, sábias e enérgicas; Aos “irmãos” Samir, Wellington, Priscila e Silvia, sempre sensíveis e generosos; ao meu “pai/avô” Samuel Dias, sempre disposto a debater política; e aos meus *irmãozinhos* Davi, Mônica e Gui!

Aos companheiros Cleber, Lucas, Augusto(Guga), Marina e Simone, bem como aos moradores e moradoras da favela jardim da Felicidade que nos auxiliaram e participaram das conversas e atividades mediadas por Ana e Marcelo que nos receberam. À Ana Jimenez e Rauflin por ajudarem com informações preciosas para realização deste trabalho. À Cintia e Claudionor pelos bons momentos de curso e, sobretudo, à amizade que extrapola os tempos e espaços da universidade.

Aos companheiros e companheiras da Unesp: Washington, Dida, Taís, Giuglianna, Laís, Rubão, Barba, Talita, Martha, Mayara, Verônica, Ana, Gerson, Flávio, Geovana, Juba e Paulo com quem me situei na militância estudantil junto ao Diretório Acadêmico (D.A) e ao cursinho Rosa Luxemburgo. Aos companheiros dos cursinhos: Lima Barreto e Projeto Raiz, bem como aos estudantes, educadores e trabalhadores que lutam bravamente por uma educação que nos auxilie a pensar e compreender criticamente o mundo que queremos transformar!

RESUMO

O presente trabalho trata das implicações da reestruturação produtiva e da fragmentação da indústria ao sul da cidade de São Paulo, sobretudo as consequências deste processo no período entre 2000 e 2014. O parque industrial de Santo Amaro é um dos espaços que mais concentra o valor adicionado e empregos do setor produtivo paulistano, embora também seja uma das áreas que mais vem perdendo sua área construída para uso industrial. A prefeitura de São Paulo, aprovou em 2016 a lei de zoneamento nº.: 16.402 que estimula as atividades industriais através das seguintes delimitações: Zonas Predominantemente Industriais e de Zonas de Desenvolvimento Econômico. Cada delimitação destaca o padrão tecnológico dos estabelecimentos industriais, bem como a infraestrutura dos espaços voltados à atividade industrial as margens do Rio Pinheiros. Com a concentração e centralização do capital na metrópole, bem como a ampliação do setor terciário, ao longo das últimas décadas, houve o deslocamento de muitos dos antigos galpões metalúrgicos para além da metrópole, tornando vazios terrenos para grandes incorporadoras imobiliárias e, ao mesmo tempo, criando condições para que reconcentrem, no parque industrial, segmentos de alta intensidade tecnológica, como os setores químico e alimentício. Estes segmentos ao se especializarem nas áreas mais valorizadas da cidade (Granja Julieta e Morumbi à norte de Santo Amaro) concentrou o ramo de bens de consumo não duráveis, enquanto ao sul (Jurubatuba e Socorro), espaços menos valorizados, destaca-se o ramo de bens de consumo duráveis. Tal segmento terá em seu conjunto uma parte expressiva de galpões de indústria metalúrgicas, mecânica e elétrica que ainda se mantiveram mesmo com a reestruturação produtiva e a desconcentração industrial da década de 1990. Abordaremos as transformações e contradições imanentes ao parque industrial de Santo Amaro e seus desdobramentos na produção desigual dos espaços periféricos da/cidade.

Palavras-chave: reestruturação produtiva; desconcentração industrial; desindustrialização; segregação socioespacial; Santo Amaro.

RESUMEN

El presente trabajo trata sobre las implicaciones de las reestructuraciones productivas y de la fragmentación de la industria al sur de la ciudad de Sao Paulo, sobretudo, de las consecuencias ocurridas entre los años 2000 y 2014. El parque industrial de Santo Amaro es uno de los espacios que más concentra el valor adicionado y empleos del sector productivo paulista, aunque también sea una de las áreas que más viene perdiendo espacios para uso industrial. La prefectura de Sao Paulo, aprobó en el 2016 la ley de zonificación nº 16.402, que estimula las actividades industriales a través de delimitaciones de las zonas predominantemente industriales y las zonas de desarrollo económico. Cada delimitación destaca el patrón tecnológico de los establecimientos industriales, así como infraestructura de los espacios enfocados a las actividades industriales en el rio Pinheiros. Con la concentración y centralización del capital en la metrópolis, así como la ampliación del sector terciario, a lo largo de las últimas décadas, llevo al desplazamiento de muchos de los antiguos galpones metalúrgicos, cediendo terrenos para el mercado inmobiliario, además de segmentos de alta intensidad tecnológica, como los sectores químicos y alimenticios. Estos segmentos al espacializarse en áreas más valorizadas de la ciudad(norte), concentro la rama de bienes de consumo no duraderos, y en cuanto al sur áreas menos valorizadas, se destaca la rama de bienes de consumo duraderos. Tal segmento tendrá en su conjunto una parte expresiva de galpones de industria metalúrgica, mecánica y eléctrica que se mantuvieron igual con la reestructuración productiva y la desconcentración industrial en la década de los 1990. Abordaremos las transformaciones y las contradicciones inmanentes al parque industrial de Santo Amaro y sus dispersiones (o desdoblamientos) en la producción desigual de los espacios periféricos en la ciudad.

Palabras clave: reestructuración productiva; desconcentración industrial; desindustrialización; segregación socioespacial; Santo Amaro.

ABSTRACT

The following paper presents the implications of the productive restructuring and the industrial fragmentation of the Southern part of the city of São Paulo, focusing on the consequences of these processes between 2000 and 2014. The Santo Amaro Industrial Park is one of the spaces that most concentrates surplus value and employs the productive sector of the state, whilst also being one of the spaces that has most lost. In 2016, the city hall of São Paulo approved Zoning Law No. 16.402, which stimulates industrial activities through the delimitations of Predominantly Industrial Zones and Economic Development Zones. Each delimitation highlights the technological standard of industrial establishments, as well as the infrastructure of those spaces directed to industrial activity on the banks of the Pinheiros River. Over the last decades, due to the concentration and centralization of capital and the increase of employment within the third sector in the metropolis of São Paulo, many former metallurgical factories were reallocated beyond the city's borders, which conceded land to large real estate developers. Simultaneously, the land yielded by the former factories also created conditions for the re-concentration, within the industrial park, of high-tech industrial segments, such as the chemical and food industries. These high-tech industrial segments were relocated to areas with high value within the city, especially the northern stretch of Santo Amaro, between the Largo 13 square and the Business Center, which concentrated the factories that produce non-durable consumer goods. Meanwhile, to the South, and less-valued areas, between Vila Socorro and Jurubatuba, concentrated the factories that produce durable consumer goods. The southern area sustains an expressive part of metallurgical, mechanical and electrical industry factories that still remain despite the productive restructuring and industrial deconcentrating of the 1990s. In this paper, we will tackle the transformations and contradictions that are inherent to the Santo Amaro Industrial Park, and the consequences of these processes within the unequal production of periphery spaces of/within the city.

Key-words: Productive restructuring; industrial deconcentrating; deindustrialization; social-special segregation, Santo Amaro.

Lista de Mapas

Mapa 1 - Delimitação da pesquisa no fragmento do Parque Industrial de Santo Amaro.....	16
Mapa 2 - Expansão da área urbanizada do município de São Paulo - de 1881 a 2012	22
Mapa 3 - A urbanização de Santo Amaro - 1954.....	23
Mapa 4 - Número de vínculos de emprego da indústria no estado de São Paulo em 2003.....	43
Mapa 5 - Participação industrial do Valor Adicionado da metrópole	45
Mapa 6 - Fragmentos industriais na cidade de São Paulo a partir da lei de zoneamento – ZPI e ZDE	46
Mapa 7 - Distribuição da indústria de transformação nos fragmentos do parque industrial de Santo Amaro.....	48
Mapa 8 - Habitação e renda nos distritos do conjunto	51
Mapa 9 - Operação Urbana Consorciada Água Espraiada e Zonas de Desenvolvimento Econômico II.....	54
Mapa 10 - Valor adicionado no segmento alimentício.....	61
Mapa 11 - Valor Adicionado no segmento químico	61
Mapa 12 - Pessoal ocupado e unidades locais do segmento alimentício	61
Mapa 13 - Pessoal Ocupado e Unidades locais da segmento químico.....	61

Lista de Fotos

Foto 1 - Uninove Amador Bueno.....	51
Foto 2 - Poupa Tempo Santo Amaro.....	51
Foto 3 - Fábrica Aryzta, rua Amador Bueno.....	57
Foto 4 - Fábrica Apsen, rua Lapaz	57
Foto 5 - Favela Pantanal, esquina com o complexo administrativo da Bayer.....	63
Foto 6 - Condomínios Gafisa e a Favela Jurubatuba.....	63
Foto 7 - Fábrica da Avon no cruzamento entre as avenidas Interlagos e Nações Unidas, Jurubatuba.	65
Foto 8 - Fábrica Maquimasa, R. Domingos Jorge, Vila Socorro	65
Foto 9 - Galpão desativado, R. Ferrovia Viana, Vila Socorro	65
Foto 10 – R. Alexandre Gusmão, Vila Socorro	65
Foto 11 – R. Olinda, Vila Socorro	65
Foto 12 - Complexo administrativo e Industrial da empresa Bayer, Vila Socorro	67

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Evolução de estabelecimentos industriais em Santo Amaro até 1985.....	26
Gráfico 2 - Proporção de estabelecimentos por segmentos no distrito Jardim São Luis.....	55
Gráfico 3 - Proporção de estabelecimentos por segmentos no distrito Santo Amaro	56

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Evolução dos estabelecimentos industriais em Santo Amaro até 1985	27
Tabela 2 - Os seis distritos da cidade de São Paulo com área construída industrial superior à 700.000m ²	44
Tabela 3 - Os distritos com maior número de empregos na Indústria de Transformação, 2000 – 2014.....	44
Tabela 4 - Taxas de crescimento na indústria de transformação e construção civil nos distritos estudados – 2000-2014.....	47
Tabela 5 - Favelas e Valor Geral de Vendas dos Lançamentos Residenciais Verticais: Jardim São Luis e Santo amaro em 2014.....	50
Tabela 6 - Número de Obras e empregos na Construção Civil em Jurubatuba e Socorro	64

Índice

INTRODUÇÃO	12
<u>1. A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E A ESPACIALIZAÇÃO DA INDÚSTRIA NA PERIFERIA DA CIDADE: A INDUSTRIALIZAÇÃO EM SANTO AMARO</u>	<u>18</u>
1.1 INDUSTRIALIZAÇÃO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO EM SANTO AMARO	20
1.2 DO “MILAGRE” À “CRISE SOCIAL”: PERIFERIZAÇÃO E OS ESPAÇOS INDUSTRIAIS NA REPRODUÇÃO DA METRÓPOLE	28
1.3 REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E FRAGMENTAÇÃO DO PARQUE INDUSTRIAL EM SANTO AMARO	33
<u>2. OS FRAGMENTOS INDUSTRIAIS DE SANTO AMARO: VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO E DESENVOLVIMENTO DESIGUAL</u>	<u>40</u>
2.1 SANTO AMARO E JARDIM SÃO LUIS: VALORIZAÇÃO E SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL	49
2.2 SOCORRO E JURUBATUBA: A INDUSTRIALIZAÇÃO DA PONTE PRA CÁ	62
<u>3. DESINDUSTRIALIZAÇÃO, DESCONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL E REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA: SITUANDO O PROBLEMA E SUA PERTINÊNCIA NO DEBATE ATUAL</u>	<u>69</u>
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	78
<u>ANEXOS: QUESTIONÁRIO, ENTREVISTA E TABELAS</u>	<u>82</u>
QUESTIONÁRIO	83
ENTREVISTA	84
TABELAS – SUBITEM 2	92
TABELAS – SUBITEM 2.1	96
TABELAS – SUBITEM 2.2	98

Introdução

A paisagem de Santo Amaro se apresenta como a síntese de metamorfoses. Antigos edifícios fabris deteriorados foram transformados em shopping-centers, clubes e associações profissionais, universidades, sede do Poupa Tempo, restaurantes, supermercados, etc. usos muito diversos dos originais. Ao caminhar da praça Floriano Peixoto em direção a rua Amador Bueno observamos que a paisagem que configura aquele lugar passa a ser a síntese de distintos momentos de efetivação da industrialização de São Paulo no plano do bairro. Ao fim do trajeto desembocamos em dois grandes galpões fabris que permanecem ativos, sendo eles: a Prada, fábrica voltada a produção de alumínio e embalagens, e a Aryzta, que produz alimentos para redes *fast food*. Tais galpões, próximos a estação de trem Santo Amaro, encontram-se cercados de empreendimentos imobiliários verticalizados de alto padrão. Ao sul desses estabelecimentos, nos bairros São Luís e Socorro entre as várzeas do Rio Pinheiros e a Avenida Nações Unidas, observamos um aglomerado de galpões industriais ainda ativos; e, ao sul destes, já na estação de trem Jurubatuba ainda na Avenida Nações Unidas, a paisagem se apresenta como a justaposição de usos distintos do espaço, neste lugar encontram-se fábricas, concessionárias automotivas, condomínios verticais, shoppings-centers, entre outros.

Por meio dessas primeiras impressões dessa paisagem que parecia um caos, indagamos sobre os conteúdos, que teriam tangenciado as transformações, revelando o dilaceramento entre o novo e o velho materializado no espaço.

Historicamente a industrialização teve importante papel no contexto da formação das favelas e da ocupação nas áreas de mananciais que conformam boa parte das periferias e espaços de autoconstrução na cidade de São Paulo.

Santo Amaro se torna um campo de lutas nas greves dos fins do anos 1970, marcada pelo assassinato do líder sindical metalúrgico Santo Dias pela polícia em um contexto de greve e mobilização operária. Esse episódio, dentre tantos outros, expressou o cenário de crise social do regime militar ao longo dos anos 1980, trazendo consigo perspectivas políticas nas populações dos grandes centros urbanos¹. Ao mesmo tempo, revelam Santo Amaro como um dos lugares da indústria e do operariado em São Paulo.

¹ Esse contexto é relatado de modo magistral no filme “Eles não usam Black-tie” ao tratar o dilema da vida cotidiana dos trabalhadores das indústrias metalúrgicas de Santo Amaro do período,(Nesse caso a empresa

O histórico de luta e o papel da industrialização na conformação da periferia) nos impulsionaram à compreensão do debate acerca da fragmentação do parque industrial de Santo Amaro nas últimas décadas e suas implicações na organização da classe trabalhadora². Para tanto cindimos analiticamente sua história em três momentos distintos. São momentos vinculados à sua industrialização: 1) a origem do bairro enquanto tal, entre as décadas de 1940 e 1950, 2) o aprofundamento da industrialização em simultaneidade com a intensa urbanização, na transição entre as décadas de 1970 e 1980, e, 3) as transformações ocorridas nas duas últimas décadas decorrentes dos ajustes neoliberais o que levou à saídas de grandes galpões metalúrgicos e a entrada dos novos segmentos industriais nos distritos de Santo Amaro e Socorro.

Essas transformações da realidade industrial nas últimas décadas resultou a nível geral das implicações que a reestruturação produtiva do capital exerceu na realidade urbana. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que o Estado assume um papel ativo nesse contexto por meio das políticas de planejamento. Por exemplo, a Lei de Zoneamento 16.402/16 baseada no Plano Diretor Estratégico(PDE) de 2014 definirá por meio de projeções as principais funções econômicas e usos dos mais variados do solo urbano, promovendo a valorização de determinados espaços da metrópole em sua totalidade. Observamos que os lugares nos quais empiricamente identificamos como industriais, são os mesmos que estão definidos na lei de zoneamento como Zonas Predominantemente Industrial I e Zonas de Desenvolvimento Econômico II. O mapa respectivo à esta lei destaca alguns lotes como industriais e, por isso, sujeitos ao estímulo do poder público para concentrar tais atividades. Segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), em 2014, Santo Amaro e os distritos que o circundam (Socorro, e Jurubatuba) estão entre os que concentram o maior número de estabelecimentos e empregos na indústria. De acordo com a definição da Lei de Zoneamento 16.402/16, as *Zonas Predominantemente Industriais* são

porções do território destinadas à implantação e manutenção de usos não residenciais diversificados, em especial usos industriais, sendo subdivididas em: **I - Zona Predominantemente Industrial 1 (ZPI-1):** áreas destinadas à maior diversificação de usos não residenciais, localizadas na Macrozona de Estruturação e Qualificação Urbana; **II - Zona Predominantemente**

Metal Leve) fica explícita a relação constante entre as lutas sindicais no chão de fábrica aos dilemas familiares vividos nos espaços de moradia nos bairros pobres de Santo Amaro.

² Tendo em vista a fragilidade que os sindicatos atuais se encontram, sem conseguir dar respostas às medidas de flexibilização das leis trabalhistas e à previdência social, imposta pelos setores mais retrógrados e arcaicos que continua detendo o poder político no cenário atual.

Industrial 2 (ZPI-2): áreas destinadas à maior diversificação de usos não residenciais compatíveis com as diretrizes dos territórios da Macrozona de Proteção e Recuperação Ambiental e dos Subsetores Noroeste e Fernão Dias do Setor Eixos de Desenvolvimento da Macroárea de Estruturação Metropolitana nos quais se localizam. (LEI DE ZONEAMENTO 16.402/16)

Na cidade de São Paulo, esses locais estão localizadas ao longo das várzeas do rio Pinheiros, Tietê e Tamanduateí, sobretudo as ZPI I. Na zona sul, essa delimitação se situa entre as proximidades dos bairros Jardim São Luis, Centro Empresarial, Vila Socorro e Parque Interlagos, correspondendo aos distritos Jardim São Luis e Socorro. Espaços estes que apresentam vias mais estreitas e os galpões fabris mais aglutinados e menos dispersos, concentrando-se ao longo do entroncamento entre o rio Pinheiros e a represa Guarapiranga.

A outra delimitação sobre os usos industriais correspondem as *Zonas de Desenvolvimento Econômico*, segundo a Lei (16402/16) essas:

[...]porções do território[,] com presença de uso industrial, [estão] destinadas à manutenção, ao incentivo e à modernização desses usos, às atividades produtivas de alta intensidade em conhecimento e tecnologia e aos centros de pesquisa aplicada e desenvolvimento tecnológico, entre outras atividades econômicas, subdivididas em: **I - Zona de Desenvolvimento Econômico 1 (ZDE-1):** áreas que apresentam grande concentração de atividades industriais de pequeno e médio porte, além de usos residenciais e comerciais; **II - Zona de Desenvolvimento Econômico 2 (ZDE-2):** áreas que apresentam atividades produtivas de grande porte e vocação para a instalação de novas atividades de alta intensidade de conhecimento e tecnologia, além de usos residenciais e comerciais. (LEI DE ZONEAMENTO 16.402/16)

Essa última delimitação tem um caráter diferente da anterior, pois se refere a segmentos produtivos de grande porte, bem como a usos residenciais e comerciais mediados pela produção e uso imobiliário destes espaços. Conforme concebido pela Lei, sua localização se dará na margem direita do Rio Pinheiros ao longo da avenida Nações Unidas, compondo os bairros Jurubatuba e Vila Sabará, ambos ao sul de Santo Amaro, nas proximidades do Largo 13 e da estação Santo Amaro da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) – linha esmeralda.

A delimitação da lei de zoneamento mostra padrões diferenciados de uso e ocupação do solo, do ponto de vista da indústria e da produção econômica do espaço naquelas porções. Em tais áreas há também a diferenciação do porte dos galpões industriais ativos, bem como de sua relação com o entorno.

A título de exemplo, vale citar o caso da multinacional alemã Bayer, situada no distrito de Socorro nas delimitações de ZPI - I. Nesse fragmento a empresa se destaca

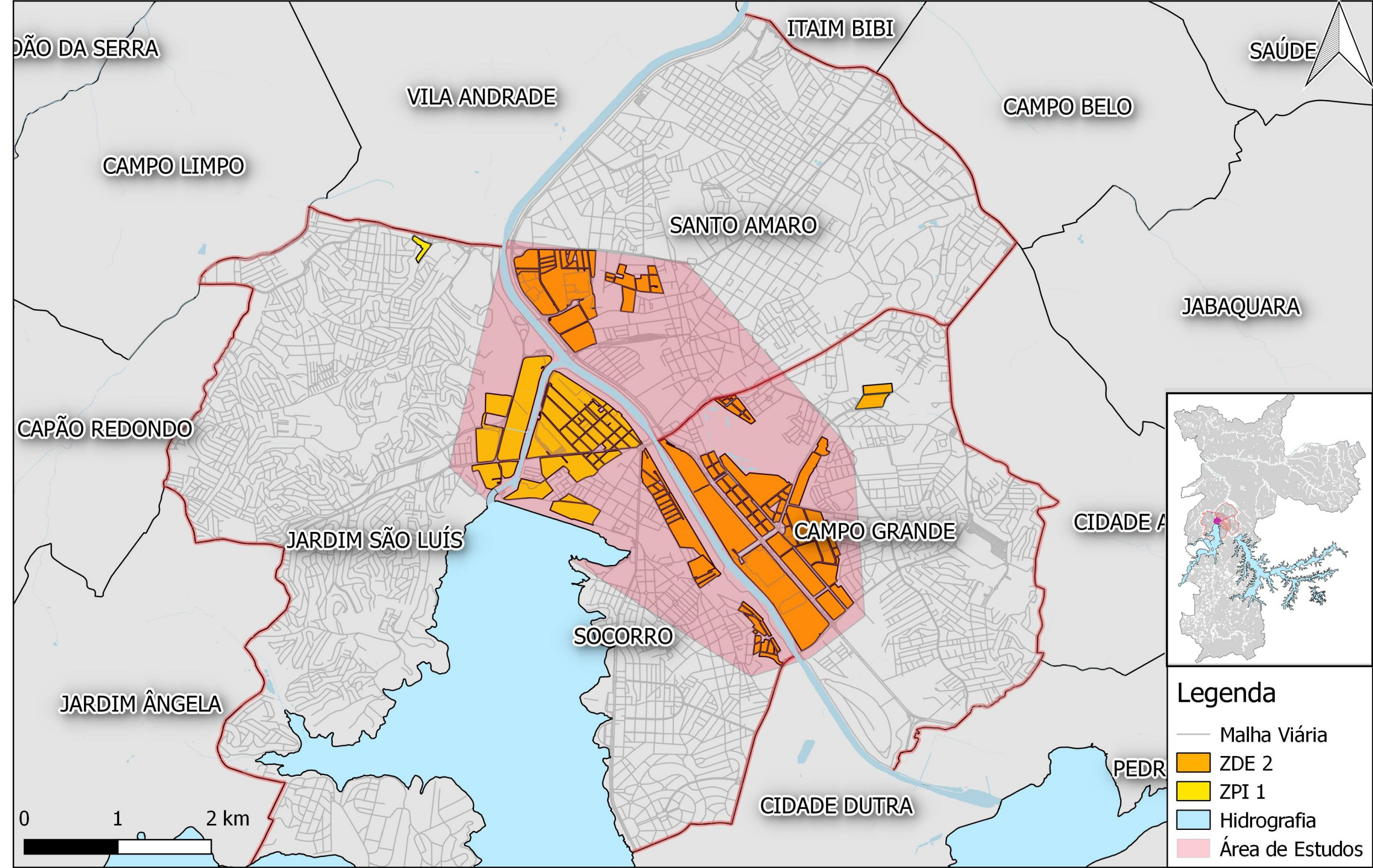
enquanto indústria de ponta e centro administrativo imerso a uma série de pequenos e médios galpões industriais deteriorados, contrastando a paisagem. Nas ZPI-I e ZDE-II coexistem diferentes formas de usos, embora em cada delimitação exista um uso predominante correspondente aos interesses da própria política de planejamento.

Sem dar autonomia à delimitação proposta pela lei, cabe ressaltar que apenas a tomamos como o ponto de partida da análise para, assim, definir o recorte de pesquisa. O que permitiu trabalhar com a realidade industrial dos quatro distritos, analisando os bairros correspondentes ao Largo 13 (Santo Amaro) seguindo em direção a Jurubatuba (Campo Grande), nas extensões da avenida Nações Unidas. Ademais, cabe também ressaltar que o Rio Pinheiros passa a ser o divisor de duas de realidades econômicas justapostas entre si de leste à oeste de modo essencialmente desigual.

Nas duas delimitações (ZPI I e ZDE II), como mostra o mapa 1, verifica-se importantes diferenciações do padrão das indústrias. Em geral, a ZPI I corresponde a um tipo de adensamento construtivo menor com grande número de fábricas de pequeno porte e degradados pelo tempo. Enquanto as ZDE II tratam de galpões de médio a grande porte envoltos a condomínios residenciais. A partir desses elementos buscaremos traçar o panorama geral de como o capital em seu movimento crítico de concentração e centralização, desconcentrará seu setor produtivo, fragmentando o trabalho na metrópole e, desse modo, produzindo um espaço essencialmente desigual, ao passo que criará condições para desarticular as organizações sindicais que exerceram um papel fundamental nas lutas da cidade até a década de 1990.

A análise de estabelecimentos e vínculos de emprego está apoiada no banco de dados do Ministério do Trabalho e no Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS), tomando por base os anos de 2000 e 2014. Em relação ao valor adicionado por segmentos utilizamos os dados da Fundação SEADE de 2002. Foram realizadas pesquisas de campo em quatro bairros (Vila Socorro, Jurubatuba, Largo 13, Granja Julieta e Centro Empresarial), por meio de fotografias e entrevistas qualitativas em duas unidades fabris do fragmento.

Mapa 1 - Delimitação da pesquisa no fragmento do Parque Industrial de Santo Amaro



Fonte: Lei de zoneamento PL272/2015.
Organização: Américo, A. S. D. e Gusmão, H. N.

No primeiro capítulo apontaremos as determinações históricas acerca da industrialização que se conformou desigualmente o parque industrial de Santo Amaro, neste expomos a dinâmica de reprodução do centro que se realiza na periferia e a ocupação periférica da moradia do proletariado ao sul da cidade (SANTOS, 2009 [1990]), situando três períodos históricos: a década de 50 sua gênese; os anos 1970 seu aprofundamento; e nos anos 1990 sua fragmentação.

No segundo capítulo, analisaremos a produção industrial na/da cidade por meio de dados quantitativos e pesquisas de campo, analisando os principais segmentos que permanecem no parque industrial de Santo Amaro na última década até o ano de 2014. Tendo como base, os quatro distritos já mencionados, detalhando cada localidade e estabelecendo suas diferenças, semelhanças e relações.

No terceiro capítulo será feita uma síntese do debate teórico-conceitual acerca do fenômeno da industrialização das últimas duas décadas. Para tanto, levantamos algumas hipóteses sobre a literatura que tem tratado do tema, bem como confrontamos os apontamentos tratados anteriormente, ou seja, a análise dos dados e da pesquisa de campo que orientou esta investigação.

Ao fim do trabalho, faremos um balanço geral sobre os resultados e experiências que a pesquisa nos deu frente à realidade, bem como seus desdobramentos e desafios.

1. A produção do espaço e a espacialização da indústria na periferia da cidade: A industrialização em Santo Amaro

As motivações que nortearam esta reflexão se assentam na compreensão dos desdobramentos da reestruturação produtiva na realidade periférica a partir do parque industrial de Santo Amaro, levando em conta as transformações na esfera da produção e suas implicações na reprodução de um espaço urbano essencialmente fragmentado.

Muitos estudos não apenas na ciência geográfica, como também a historiografia, urbanismo, sociologia urbana e economia política nos deram todo um referencial teórico-conceitual importante para analisar a dinâmica da industrialização em um dado momento histórico, quando as grandes metrópoles do mundo contemporâneo passam por constantes reestruturações.

O debate presente na bibliografia nos deu elementos para identificarmos uma geografia que se efetiva na periferia da metrópole de São Paulo.. Nesse sentido, a categoria da *produção do espaço* tem um papel central enquanto recurso metodológico para compreensão do real em movimento, sobretudo, quando como afirmam Lefebvre (1979) e Smith (1988), produzir espaço no mundo do capital só é possível produzindo desigualdades espaciais.

Tomando por base Santo Amaro e o Jardim São Luis (dois lugares do fragmento estudado), notamos que a produção desses espaços tem relações estreitas dentro de um mesmo momento histórico, nesse caso o aprofundamento da industrialização nos anos 1970. Estes bairros carregam consigo diferenças abissais no que tange a concentração da miséria e da riqueza, tendo o rio Pinheiros e as vias ferras (atual linha esmeralda (Grajáú/Osasco) como seus lugares de fronteira. Parece-nos pertinente então, o entendimento do espaço como produto do trabalho e de sua divisão social, e, ao mesmo tempo, como condição da reprodução na medida que carrega consigo relações sociais determinadas (do trabalho à vida cotidiana), assim, diferenciando o sentido dos lugares de acordo com os antagonismos de classe nele existentes (LEFEBVRE, 1968).

Atualmente, o parque industrial de Santo Amaro está inserido numa área de intenso processo de valorização imobiliária, e o Jardim São Luis expressa sua contradição, pois concentra uma camada da população majoritariamente proletária e que se encontra despojada de forma brutal do produto de seu trabalho (nessa acepção, a cidade em sua universalidade).

A produção do espaço é um processo social, desigual e, por conseguinte, historicamente determinado. Assim, entender tais transformações nas últimas décadas, nos remete à buscar o momento chave em que essa industrialização começa a se aprofundar e, ao mesmo tempo, a produzir um espaço urbano como expressão de sua violência. A década de 1970 foi emblemática nesse sentido, na metrópole de São Paulo se aprofunda a produtividade industrial (acompanhada do arrocho salarial) enquanto, nos países centrais a reestruturação produtiva se coloca como resposta à crise de superprodução de base fordista - motor do regime de acumulação desde o pós-guerra. Essa resposta ditou um novo momento no regime de acumulação nos países imperialistas (HARVEY, 1994)³.

Nesse mesmo período, nos países periféricos o processo é inverso, pois a realização da industrialização terá como característica elementos do modelo fordista que entrou em crise nos países centrais, se particularizando na realidade brasileira enquanto um sistema *fordista periférico*⁴. Entre as principais características estão, os grandes galpões de estoque e os sindicatos de massa subordinados ao Estado. A industrialização no contexto periférico ocorreu sem as bases político-sociais que garantissem um tipo de estado de bem estar social e, naquele período, a ditadura militar exerceu a função de mediadora na relação Capital x Trabalho. É nesse cenário que se insere o parque industrial de Santo Amaro, momento este de aprofundamento da concentração do capital na sua fase monopolista, privilegiando um setor industrial específico de bens de consumo duráveis⁵ (OLIVEIRA, 1977) que se generalizou até o esgarçamento da metrópole entre os fins do século XX e limiar do século XXI.

³ Respeitando os limites deste trabalho, não aqui entrarei na polêmica da análise da escola da regulação. Entretanto tomarei como base as considerações de Harvey no que tange aos anos 1970 como momento de transição para o regime flexível de acumulação.

⁴ Bertolino (2012) retratou os sentidos e definições do conceito de fordismo. O autor associará o tipo de fordismo nos países de terceiro mundo como “Fordismo tardio, incompleto ou periférico”. Csaba Deák, muito influenciado por Aglietta (1979), dirá que a inserção do Brasil no sistema Intensivo do modo de regulação não se realizou criando um regime de acumulação entravada que criará condições para o colapso da economia brasileira nos anos 1980. Usamos o termo “periférico” devida a particularidade de nosso objeto de estudo.

⁵ Aqui Oliveira, a partir das considerações em Marx, irá considerar o processo de valorização do capital como uma unidade que se realiza em diferentes momentos do circuito: Produção, distribuição, consumo e troca. Esse circuito será exposto por Marx no capítulo XX do seu segundo Livro por seções ou, nesse caso, os departamentos I e II, sinteticamente, sendo o primeiro a produção de bens de produção (maquinário, energia, estradas, infraestruturas fabris, comerciais e etc.) enquanto o segundo, a produção de bens de consumo de primeira necessidade tais como vestimentas, alimentação e etc. Oliveira a partir daí considera o departamento III enquanto o departamento de bens de consumo duráveis, em geral associado à indústria automobilística, equipamentos eletrônicos, autopeças e etc. Essa questão é bastante controversa, desse modo há um debate profundo na bibliografia no tocante à esta questão que não nos cabe aprofundar nesse momento da análise.

No próximo item, discutiremos o momento que a industrialização passa a ter um papel ativo na conformação desse espaço⁶ a ponto de conformá-la como periferia e extensão da metrópole, chamado na literatura especializada da época, incluindo muitos geógrafos, como *subúrbio* de Santo Amaro⁷.

1.1 Industrialização e produção do espaço em Santo Amaro

O intervalo entre as décadas de 1950 e 1970, foi crucial para a formação do parque industrial de Santo Amaro e, ao mesmo tempo, decisivo na etapa da industrialização brasileira. Os espaços industriais em São Paulo passam a se configurar de modo “*polarizado, concentrado e diferenciado*”⁸, abrindo caminho para uma nova divisão territorial do trabalho. Moreira (2011) identifica que, neste período, o território brasileiro foi marcado por um arranjo espacial monopolista sob as bases de um sistema de produção fordista concentrado, sobretudo, na cidade de São Paulo.

Nos países imperialistas o fordismo não foi apenas um sistema de produção, mas se difundiu como um *modo de vida*, ou seja, a produção de um cotidiano consolidado pela sociedade de produção e consumo de massas, na qual o Estado exerceu uma posição ativa enquanto mediador no regime de acumulação, produzindo políticas que visavam assegurar a produção e a realização das mercadorias em escala. Harvey (1994) tendo em vista a realidade dos países centrais chama essa etapa da economia capitalista de fordista-keynesiano que entrará em crise já na década de 1970.

Ao contextualizar a centralização das indústrias automobilística na metrópole, Scarlato (1987) indica que no pós-II guerra os países imperialistas passaram a estimular a expansão dos grandes oligopólios na exploração dos países periféricos, repatriando

⁶ Vale destacar que já na década de 1940 se instalam as primeiras grandes Fábricas ao sul da cidade Semp(Sociedade Eletro Mercantil Paulista), Caloi e Monark. Tais unidades fabris se instalaram já no contexto de retificação do rio pinheiros marcando a profunda transformação da paisagem nesse fragmento da cidade.

⁷ Uma série de geógrafos do período dentre eles: Azevedo (1944), Petrone(1954), Monbeig (1957) e Penteado(1958) irão se referir à Santo Amaro como subúrbios, assim como outras áreas mais afastadas do centro da cidade, muitas hoje municípios da região metropolitana como: São Caetano, Osasco, Santo André, Guarulhos e etc. A definição conceitual está muito associadas ao aspecto locacional e funcional, áreas mais afastadas do centro e marcadas por vilas operárias, indústrias e isso se seguiu durante algumas décadas. Entre as décadas de 1960 e 1970 o termo periferia passa a ser foco de debate entre sociólogos, urbanistas e economistas, dando uma conformação conceitual mais precisa, muito associada ao antagonismo entre riqueza x miséria que passa a ser o conteúdo do espraiamento do tecido urbano nas principais metrópoles brasileiras do período (SOTO, 2008).

⁸ Moreira(2011) mostra que entre as décadas de 1950 ao fins dos anos 1970 o parque industrial brasileiro irá se realizou de modo concentrado, sobretudo na cidade de São Paulo, ao passo que polarizou os fluxos de força de trabalho migrante, mercadorias e informação. Esse momento será o qual a cidade de São Paulo e sua Região Metropolitana irão diversificar sua produção industrial e, desse modo, se especializando na produção de bens de consumo duráveis.

seus excedentes de capital para os mesmos. Até esse momento, Santo Amaro recebia suas primeiras fábricas e passou a ser conhecida na cidade como um importante subúrbio⁹ que, à época, abrangia toda porção sul da cidade, estendendo-se até dezenas de quilômetro em direção a Parelheiros e Marsilac.

Mombeig (1957[2004]) e Seabra (1987) identificaram que os processos de modernização na metrópole e sua industrialização, estavam associados a abertura da economia brasileira aos capitais estrangeiros, momento que coincidiu com a crise de superprodução do café já na década de 1920. A autora detalha a trama de relações entre Estado e capital como componente fundamental na produção da terra urbana. A empresa de capitais ingleses: *Tramway, Light and Power Company* deteve o monopólio da produção de infraestrutura da cidade, sendo esta necessária para a valorização que se encadearia décadas mais tarde e, ao mesmo tempo, abrindo caminho para realocação de unidades produtivas ao longo das margens dos Rio Pinheiros (SEABRA, 1987).

Como as várzeas dos rios foram definidas por meio de acordos mútuos entre as partes, coube ao Estado criar condições para que a *Light* levasse adiante seus interesses que implicavam na incorporação de terras definidas pelo perímetro das cheias para garantir o seu monopólio na produção de energia hidroelétrica e a fixação de taxas e preços. Na medida que obtinha o monopólio da produção energética e a fixação dos preços, a *Light* detinha, ao mesmo tempo, o domínio das imensas várzeas dos rios que foram loteadas pelos principais agentes hegemônicos na produção do espaço.

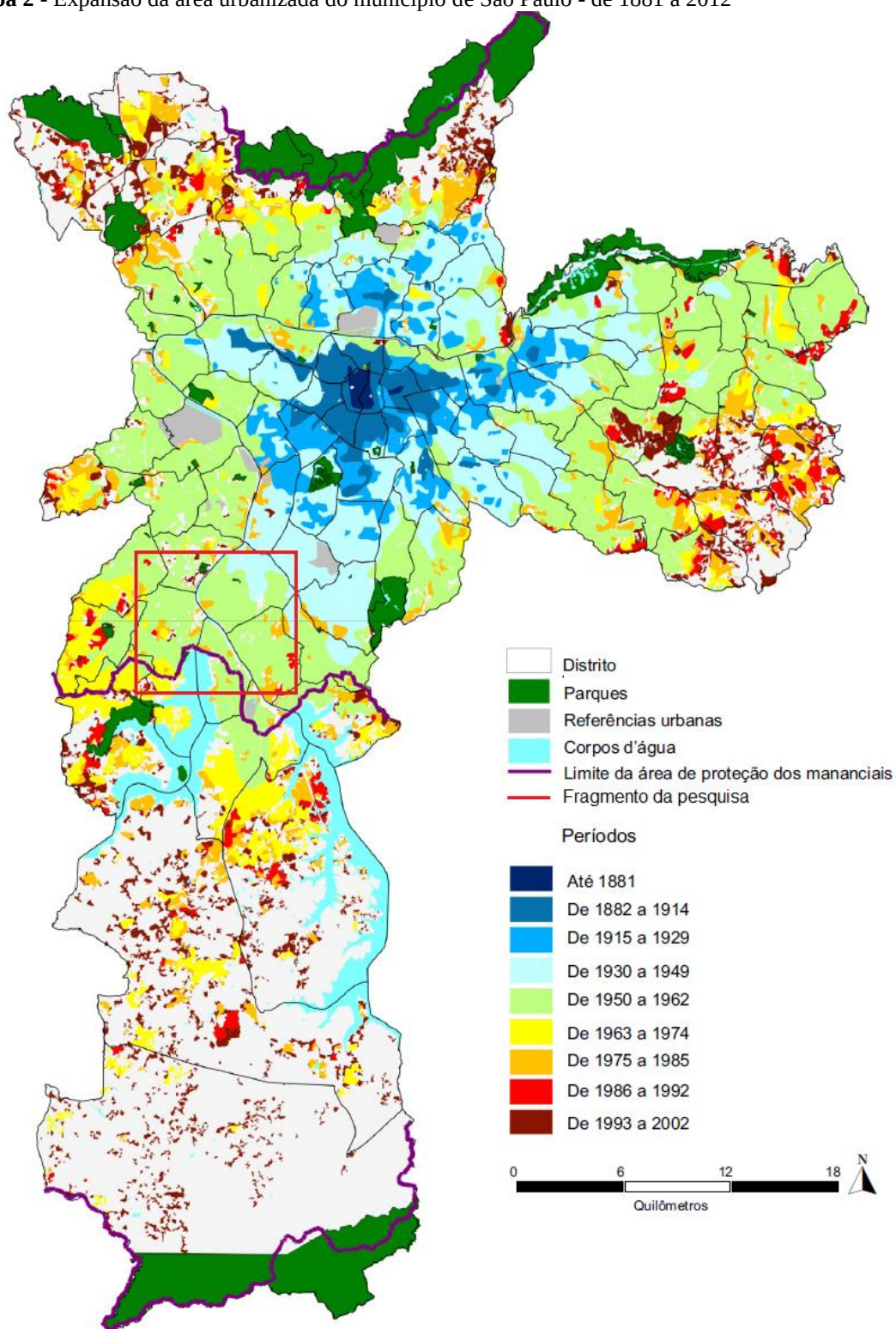
Nos anos 1950, Santo Amaro ocupava uma posição de destaque na cidade ao aglutinar um grande número de unidades industriais. Esse momento da formação da cidade ficou marcada pela produção de infraestrutura urbana que incorporou porções mais periféricas ao sul da cidade (Santo Amaro), por meio das linhas de bonde¹⁰ e, assim, formando vilas operárias em Santo Amaro e Socorro.

Os mapas 2 e 3 demonstram o processo histórico da expansão do solo urbano, o momento da industrialização na zona sul e como Santo Amaro e os demais bairros de seu entorno (Vila Socorro, Jurubatuba e Interlagos) foram incorporadas nesse processo.

⁹ Santo Amaro foi um município autônomo até 1935 em função de grandes obras de infraestrutura que deram origem as hidroelétricas, encampada pela empresa *Light and Power*, o antigo município passa a fazer parte da cidade de São Paulo pelo decreto 6.988 de 22 de Fevereiro do ano referido.

¹⁰ Em 1956 muitas linhas de bonde passam a ser substituída por infraestrutura rodoviária, assim, passando a circular algumas linhas de ônibus que passaram a ligar bairros mais distantes ao centro, como é o caso da Cidade Dutra e Interlagos.

Mapa 2 - Expansão da área urbanizada do município de São Paulo - de 1881 a 2012

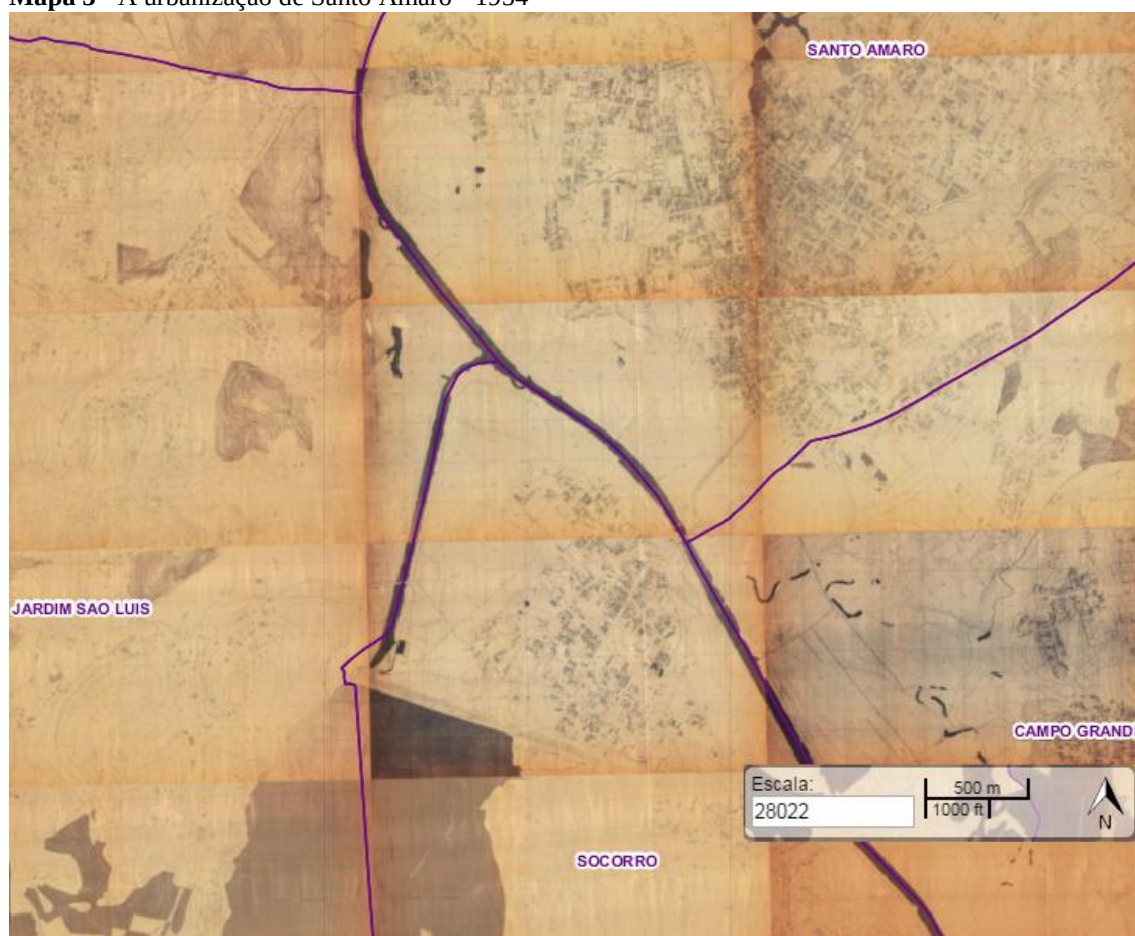


Fonte: Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano – Emplasa e Sempla, Departamento de estatística e produção de informação – Dipro.

Organização: Alex da Silva Dias Américo.

Como mostra o mapa 2, a urbanização de Santo Amaro de ocorre inicialmente ao norte junto à introdução da linha de bonde 101-Santo Amaro construída pela empresa *São Paulo Tramway, Light and Power*, sendo o bonde um dos elementos impulsionadores da urbanização entre as décadas de 1900 e 1950. Seguindo o trajeto do centro até a estação de Santo Amaro, a linha de bonde integrou diferentes lugares na cidade (FATORELI, 2013). O mapa também representa a ocupação periférica nas áreas de várzea, demonstrando que essa foi posterior (ocorrendo já na década de 1960).

Mapa 3 - A urbanização de Santo Amaro - 1954



Fonte: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx, acessado em 07/10/2016.

Organização: Alex da Silva Dias Américo.

Nos anos de 1950, como mostra o mapa 3¹¹, houve a ocupação do interior de Santo Amaro, sobretudo de Socorro. Contudo, a porção norte de Santo Amaro foi a que primeiro recebeu os galpões industriais e núcleos urbanos, ainda nas décadas de 1930 e 1940, como relata Pádua (2011). Esse local ficou conhecido pelo nome “Várzea de Baixo”, abarcando os bairros Chácara Santo Antônio e Granja Julieta. O adensamento

¹¹ Utilizamos a delimitação por distrito para situarmos o fragmento industrial em diferentes momentos, mesmo tendo em vista que a subdivisão da época era outra.

estava mais distantes das várzeas, pelo menos no eixo entre os distritos Jardim São Luís, Socorro e Santo Amaro, onde hoje concentram as indústrias. O espaço produzido naquele período corresponde hoje ao perímetro mais valorizado do fragmento, do ponto de vista do mercado imobiliário (problema que retomaremos adiante¹²) e que se destacam pelas transformações socioespaciais sofridas nas ultimas décadas.

Em estudos realizados no projeto de extensão *ensinar com pesquisa*, aferimos que a formação da favela Jardim da Felicidade situada no Bairro Jardim São Luís, próxima às margens do Rio Pinheiros e ao lado da estação de trem de Santo Amaro, ocorreu de acordo com a generalização problemática da moradia dos segmentos mais precários do proletariado naquele local (AMÉRICO, SCIFONI & GARIANI, 2014).

O Loteamento do terreno onde atualmente se localiza a favela jardim da Felicidade, situada no Jardim São Luís na divisa com o centro empresarial, foi iniciado pela Sociedade Paulista de Terrenos S/A. A sociedade obteve a autorização do Estado para a abertura de ruas no perímetro especificado acima, esse tramite se iniciou em 1949 e o loteamento só se constituiu de fato em 1951. Como vimos no mapa 3, sobretudo nas manchas mais escuras próximas dos limites entre São Luís e Santo Amaro há uma ocupação urbana que inicial no fragmento.

As indústrias instaladas em Santo Amaro nos anos de 1940, reorganizaram o espaço através do loteamento voltado as novas demandas das elites que detinham o poder político sobre cidade, assim, recebendo uma imensa massa de migrantes mineiros e nordestinos que se fixaram no bairro, estes, por sua vez, estavam sujeitos ao poder das classes dominantes locais (AMÉRICO, SCIFONI & GARIANI, 2014).

Segundo Prado Jr (1953), a industrialização dos anos 1940 foi a “mola mestra” do processo de urbanização. Mas, ressalvas devem ser feitas atinentes à essa unidade, pois a base da industrialização brasileira esteve assentada sobre a sua condição agroexportadora (OLIVEIRA, 1980). Mombeig (1954) já apresentava a unidade contraditória entre campo x cidade, a respeito afirma que:

Em momento algum da sua história, nem mesmo hoje, São Paulo deixou de ser solidário com a situação agrícola, sobretudo com a cafeicultura. Pode -se-iam sem dúvida classificar as etapas de seu progresso pela mancha da fronteira do café. Todavia uma indústria urbana nasceu, e o seu defeito talvez consista em trabalhar mais para o mercado citadino que para o imenso mercado rural incapaz de comprar. Essa indústria dá um impulso enorme à

¹² Pádua (2011) e Coelho (2007) estudaram in loco profundidade as transformações de Santo Amaro ao longo dos anos 1990.

vida urbana, cujos liames com o mundo rural são menos exclusivos que há cinquenta anos (MONBEIG, 1954, p.101).

Ao buscar a particularidade da industrialização brasileira, Oliveira (1980) identificou que, apesar do excedente da produção cafeeira passasse a ser transferido ao setor industrial (tanto estatal, quanto privado), foi necessário manter níveis cada vez mais ampliados de rentabilidade da agroexportação para o financiamento interno de uma indústria de base que começa a se fortalecer no início da década de 1950, sendo o urbano a esfera social mediadora entre o excedente de capitais da agroexportação para financiamento de uma indústria nacional. Assim, a partir da segunda metade dessa década, em São Paulo, o Departamento I da indústria (produtora de bens de capital e produção) sofre uma profunda atrofia com relação à expansão do setor produtivo de bens de consumo duráveis, com destaque à indústria automobilística. Ou seja, a industrialização que se consolida na cidade a partir desse momento se volta exclusivamente ao regime de acumulação dos países centrais.

Scarlatto (1987) chega a conclusões similares ao estudar o papel da indústria automobilística na metropolização de São Paulo, o geógrafo mostra que esse tipo de indústria definirá o perfil da urbanização mais recente na cidade de São Paulo. Muitas indústrias metalúrgicas em Santo Amaro tem ligações estreitas com o segmento automobilístico concentrado em Santo André, São Bernardo e São Caetano¹³.

Assim, em Santo Amaro outros galpões industriais de médio à grande porte vinculados à indústria metalúrgica se concentram, tais como: Monark (1950), Caterpillar Brasil S/A (1955), a Companhia Metalúrgica Prada (1963)¹⁴, a Metal Leve (1957), a Philips do Brasil Ltda. (1964), a Sharp Indústria de Componentes Eletrônicos LTDA¹⁵. Fábricas como a da Caloi S/A (1945) e da Semp Toshiba (1942) foram as

¹³ A Região Metropolitana da São Paulo se refere à “unidade do território estadual de planejamento regional para o desenvolvimento econômico” a mesma foi instituída enquanto lei complementar em 2011. Ela mantém os mesmos limites territoriais que na sua origem em 1973, sendo constituída por 39 municípios, incluindo o chamada vulgarmente “região do ABC”.

¹⁴ Vale destacar que essa fábrica é uma das que ainda se mantém ativas em Santo Amaro, destacando-se na paisagem, pois se trata de um grande galpão industrial aos moldes da indústria fordista. Próxima a estação Santo Amaro, privilegiada do ponto de vista de sua localização com acesso direto às linhas de trem, avenidas marginais e envolta a grandes condomínios de luxo.

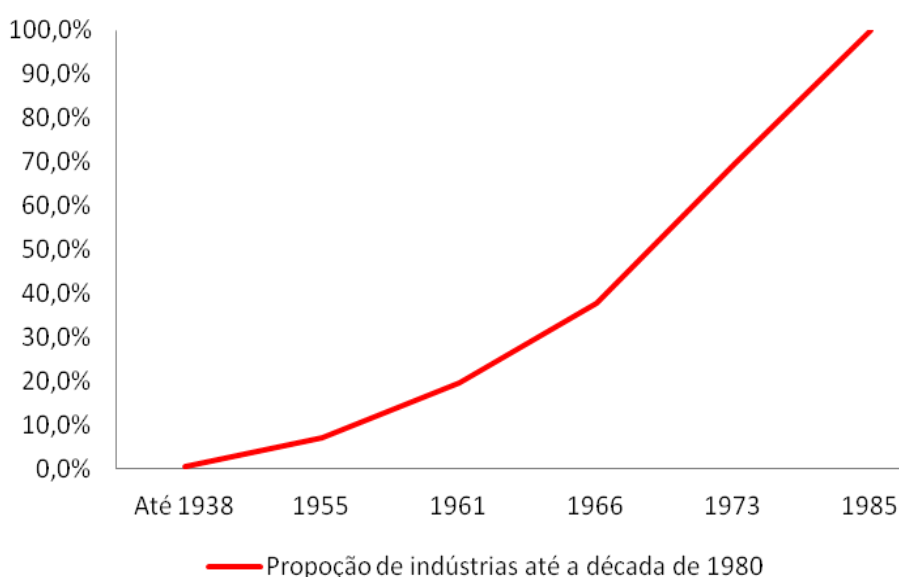
¹⁵ Muitos desses casos são descritos por Carlos Fatorelli (2010) que sob perspectiva jornalística e historiográfica, registrou que grande parte das indústrias que entraram e saíram de toda essa área de Santo Amaro ao longo da década de 1990. Em blog, Fatorelli organiza de modo narrativo, sem muitas pretensões científicas, mas com riqueza de dados e respeito à informações, as respectivas saídas das indústrias e seu papel na produção da cidade, por meio de fotografias registrou os diferentes momentos da formação da metrópole. Para tanto ver: <http://carlosfatorelli27013.blogspot.com.br/>, acessado em 02/12/2016.

únicas de grande porte que já se localizavam no bairro antes da chegada das demais unidades fabris ao longo das várzeas do Rio Pinheiros e principais ruas.

De acordo com Oliveira (1980), o Plano de Metas encabeçado no governo do presidente Juscelino Kubitschek, irá alterar profundamente esse padrão de acumulação. Assim, o Estado passa a exercer um papel ativo no bojo do movimento da reprodução do capital, sem as bases sólidas para acumulação interna. O que marcou no período anterior, denominado como era Vargas, foi a transferência do excedente das exportações primárias para os setores de bens de produção estimulados pelo Estado por via do planejamento. Com a reestruturação interna ocorrida décadas mais tarde, amparada numa industrialização voltada à produção de bens de consumo duráveis, o capital estrangeiro passa a reger a industrialização de forma aprofundada, quadro esse que perdurará até a crise dos anos 1980 (OLIVEIRA, 1980).

A evolução da concentração industrial de Santo Amaro foi mais acentuada entre a década de 1950 e a crise econômica dos anos 1980, como podemos ver no gráfico 1 e na tabela 1. O período de crescimento ascendente da industrialização foi chamado por muitos economistas de “substituição de importações”, onde o Estado produziu a infraestrutura urbana necessária para a reprodução do capital, garantindo aos monopólios nacionais e internacionais maior mobilidade de atuação no mercado a ponto de explorá-lo em diferentes dimensões regionais.

Gráfico 1 - Evolução de estabelecimentos industriais em Santo Amaro até 1985



Fonte: Coelho, M. N. G. (Org) Américo, A. S. D.

Organização: Alex da Silva Dias Américo.

Tabela 1 - Evolução dos estabelecimentos industriais em Santo Amaro até 1985

<i>Décadas</i>	<i>Total Acumulado</i>	
	<i>N</i>	<i>%</i>
Até 1938	11	0,8%
1938 -1955	103	7,1%
1955 - 1961	283	19,6%
1961 - 1966	544	37,7%
1966 - 1973	1002	69,4%
1973 - 1985	1443	100,0%

Fonte: Coelho, M. N. G(2007)

Organização: Alex da Silva Dias Américo

Os dados acima, extraídos do trabalho de Coelho (2007), apresentam a formação do parque industrial de Santo Amaro ao longo da segunda metade do último século. Coelho localiza o parque industrial de Santo Amaro em sua porção sul que compreende os bairros de Jabaquara, Cidade Ademar, Parelheiros, Campo Limpo, bem como os distritos do núcleo que formam os fragmentos de nossa pesquisa (Santo Amaro, Socorro, Jardim São Luís e Campo Grande – Jurubatuba). A localização e a concentração das fábricas levantadas pela autora embora imprecisas, expõem as taxas de crescimento industrial na transição entre as décadas de 1970 e 1980 (com destaque para o período entre 1966 e 1973 que apresentam maior taxa de crescimento do números de estabelecimentos industriais, o que nos remete ao período do chamado “milagre econômico”, como veremos logo a frente).

A natureza contraditória deste processo, diz Santos (2009a) está na evolução acelerada da industrialização que, entre as décadas de 1960 e 1980, ampliou o número de empregos industriais, com taxas de crescimento absoluto superiores ao da população economicamente ativa e, ao mesmo tempo, reduziu a participação do valor da produção desde a década de 1970. Santos (2009a) conclui que, como consequência deste processo ocorreu a *ocupação periférica e a reprodução do centro* na cidade de São Paulo expresso no aumento do número de pessoas residentes em favelas duplicando anualmente na década de 1970, estancando somente em 1978 (SANTOS,2009a).

Neste quadro crítico de aprofundamento da industrialização e urbanização o capital deixou suas marcas e abriu caminho para generalização das lutas de classe na anos mais tarde na metrópole e em sua região metropolitana, ao mesmo tempo que o aprofunda a crise social urbana que discutiremos no capítulo a seguir.

1.2 Do “Milagre” à “crise social”: Periferização e os espaços industriais na reprodução da Metrópole

“O chão da greve é a fome, o chão da fome é o arrocho”(CHASIN, 1980 p.84)

A formação do parque industrial de Santo Amaro na periferia da metrópole foi a expressão do aprofundamento da divisão social do trabalho no país, sobretudo na especialização da produção de bens de consumo duráveis. Este foi o conteúdo que ditou a expansão do solo urbano na cidade, sendo o epicentro deste processo a exploração da força de trabalho, pesando especialmente sobre o operário fabril e o migrante vindo do campo. Os trabalhadores, sem direitos básicos nem acesso à moradia e despossuídos completamente da vida urbana na cidade em sua totalidade viviam a mercê da reprodução do capital¹⁶.

Chasin analisa as engrenagens desse processo a partir da complexidade e particularidade da história brasileira, segundo sua leitura

A política econômica do sistema no poder consiste, grosso modo, numa forma de acumulação capitalista subordinada ao capital estrangeiro, em que a produção é direcionada para dois polos principais. De um lado, Intensifica-se a produção de bens de consumo duráveis (automóveis, eletro-eletrônicos e correlatos), para seu consumo é estruturado, internamente, um mercado privilegiado e reduzido. É o pacto com o segmento alto das camadas médias. Paralela e combinadamente, é desencadeado um esforço exportador (1980[2000], p.85)

Conforme aponta o filósofo, o parque industrial na zona sul entre décadas de 1970 e 80 se destaca nesse cenário como aprofundamento da industrialização concatenado à crise urbana da cidade e que conformará um perfil de urbanização específico no que tange a generalização de favelas e periferias tais como as conhecemos hoje. O aprofundamento das taxas de produtividade no parque industrial de Santo Amaro revela a recessão generalizada encadeada nos países imperialistas.

Mandel (1990) enfatiza que o ano de 1974 apresentou a primeira grande recessão mundial desde a IIª Guerra Mundial. A crise teve alcance mundial e muito disso se deve à própria sincronização dos ciclos industriais nos países imperialistas, sendo a crise o resultado da expansão do capital no pós-guerra e, ao mesmo tempo, o esgotamento das

¹⁶ Kowaric (1979) retrata, por meio de uma série de pesquisas sociológicas, a problemática da moradia. O autor mostrou a explosão de favelas que, na década de 1970, localizavam-se no entorno de áreas industriais, bem como o setor de construção civil que mobilizava massas de trabalhadores em sua maioria imigrantes. O Jardim São Luis é um dos vários casos de concentração do proletariado urbano.

“ondas longas” de crescimento encadeado até os fins da década de 1960, marcando um período de crises mais intensas, o que o autor denominou de “crise estrutural”. Enquanto nos países centrais as indústrias eletrônica, de eletrodomésticos e mecânica relataram perda de produtividade, nos países periféricos, como é o caso do Brasil, as taxas de produtividade foram aprofundadas, em especial na América Latina (MANDEL, 1990). Essa crise além de exportar empresas oligopolistas aos países periféricos, exportou do mesmo modo a própria crise. Nos países centrais a resposta a crise de superprodução foi a reestruturação produtiva que teve efeito retardado no território brasileiro e nos países periféricos, passando a ser o fundamento da ofensiva neoliberal nos anos 1990¹⁷.

O que se viu no contexto brasileiro, até os anos 1970, foi a concentração das atividades industriais na cidade de São Paulo e na RMSP. Nesse cenário a cidade já se encontrava configurada num padrão acentuado de segregação, marcada por disparidades no seu ordenamento urbano que se atenuará nas décadas posteriores.

Na transição entre as décadas de 1970 e 1980, conforme aponta Marques (2010), as empresas de grande porte passaram a dar preferência ao interior de São Paulo, transferindo-se para municípios como Campinas, São José dos Campos e Sorocaba. Porém, essas mesmas empresas mantiveram e centralizaram suas sedes na RMSP de São Paulo. É nesse movimento que a produção industrial passa a se desconcentrar e, assim, buscar terrenos mais baratos ao norte do estado de São Paulo¹⁸, em direção à Campinas. Assim, amplia-se o grau de desconcentração da indústria na cidade e como consequência a generalização de atividades terciárias decorrentes da centralização e concentração do capital na metrópole (LENCIONI, 1998). Isso, em partes, explica o decréscimo das atividades industriais da cidade, se comparada as taxas de crescimento evidenciadas no interior do estado de São Paulo nas últimas décadas. Sobre esse aspecto Lencioni (1998) mostra que a

“expansão da indústria para o interior pode ser situada no final da década de 70, tendo encontrado maior impulso na década seguinte. A região metropolitana, sofrendo com mais força os efeitos da crise, tendeu para uma

¹⁷ É merecida uma discussão mais profunda sobre o conteúdo do conceito *reestruturação*. Mas, esse problema será tratado no terceiro capítulo. Aqui o conceito de reestruturação produtiva, embora genérico, diz respeito a todo o conjunto de práticas e processos que determinaram as transformações socioeconômicas e a gestão e controle do capital sobre o trabalho social. Dados os limites desta pesquisa, daremos destaque para ampliação da produtividade e exploração do trabalho, bem como sua fragmentação em escala mundial, tornando o trabalho cada vez mais social e complexo.

desconcentração industrial e conheceu profundas mudanças no setor terciário. Com isso, na década de 80, o emprego industrial diminuiu na região metropolitana, enquanto o interior viu crescer em 11% esse índice” (LENCIONI, 1998, p.33)

Nesse momento, as indústrias de pequeno e médio porte são majoritárias no parque industrial de Santo Amaro. Porém, o número de fábricas de grande porte, que em geral empregavam mais de 500 operários, naquele parque industrial¹⁹ era minoritário, assim como no conjunto da metrópole. Santos (2009b), mesmo que amparado em uma perspectiva sistêmica no que tange a realidade urbana, nos mostra que a modernização do processo produtivo e financeiro, inerente à urbanização brasileira, terá como características a relação contraditória entre setores de serviços informais (formas de trabalho sem registro em carteira em geral trabalho autônomo), como vendedores ambulantes, articulados aos grandes conglomerados internacionais. Por isso, sua modernização se realiza de forma incompleta, na sua visão (SANTOS, 2009b). O autor percebe o desenvolvimento desigual e combinado na economia periférica capitalista e, a partir deste, desenvolve sua teoria dos circuitos superior e inferior, cada qual com suas ramificações. Sem ir à raiz dessa questão, é preciso destacar que este momento da urbanização da metrópole responde a forma pela qual se desenvolveu a industrialização paulista. Deste ponto de vista, as diferentes formas de industrialização foram centrais para a produção de um espaço desigual e, cujos fragmentos atuais, explicitam por inteiro essa contradição materializada no espaço em diferentes momentos da cidade.

Tunes (2004) mostra que a cidade de São Paulo passa a concentrar na década de 1970 cerca de 40,6% dos estabelecimentos industriais do estado, onde só a indústria metalúrgica participava com aproximadamente 11,6% do valor de transformação industrial (VTI) e cerca de 13% no número de estabelecimentos.

Sob essas condições, Santos (2009b) diz que São Paulo nos anos 1980 passa a ser uma cidade essencialmente operária dado o papel central que a industrialização teve na constituição do urbano. Essa característica da metrópole de concentrar um grande número de operários, alcança números similares de cidades de países imperialistas tais como: Tóquio e Los Angeles. No entanto, sua condição de subordinação econômica aos

¹⁹ Estas informações obtivemos do Livro de Santos: *Por uma Economia Política da Cidade: o caso de São Paulo*, mais especificamente no capítulo 4 *Involução Metropolitana e economia segmentada: o caso de São Paulo*. O Autor aqui analisa de forma ampla, por meio de um rico compendio de dados a situação econômica da metrópole de São Paulo, os fundamentos internos da economia da metrópole e sua urbanização ao longo das últimas décadas do século XX.

países centrais uma formação econômico-social periférica, fez com que nela não se apresentasse as bases sociopolíticas que ampararam o regime de acumulação nos países imperialistas.

Assim, a RMSP representava a maior concentração industrial do país, com 43.755 estabelecimentos industriais. Deste total, 38% correspondia as indústrias de segmentos de material elétrico e de comunicações, metalúrgicas, mecânicas, química, plásticos e material de transporte. Essas indústrias estavam concentradas nos municípios de São Bernardo, Santo André, São Caetano, Osasco e Guarulhos (SCARLATO, 1987).

Na década de 1970, institucionalizaram-se os espaços periféricos do entorno de Santo Amaro, como a subprefeitura do M' Boi Mirim. Na mesma década foi criada a Lei de Proteção aos Mananciais que passou a se afirmar como instrumento legal no controle do crescimento periférico da cidade de São Paulo impulsionado pela industrialização²⁰.

No que se refere à qualificação técnica dos operários, a maioria não tinha qualificação ou especialização, nem sequer ensino médio, sendo apenas 15% de seu efetivo portadores de um ou mais diplomas de cursos técnicos (COELHO, 2007). O SENAI Ary Torres, presente até hoje rua Amador Bueno surgiu no sentido de atender essa demanda do operariado que se concentrava nesses quadrantes.

Maria Neuma Coelho (2007) ao estudar o movimento metalúrgico em Santo Amaro, mostra como que fábricas como Villares, MWM, Caterpillar e Metal Leve ao logo da década de 1970, foram lugares de grande agitação e organização operária. Ali foram encadeadas muitas greves importantes, no mesmo ritmo em que crescia o número de estabelecimentos industriais na região. No bojo desses movimentos estavam partidos comunistas, segmentos da igreja católica, movimentos populares e sindicatos²¹.

²⁰ A lei Estadual nº 1172 de novembro de 1976 passa a instituir algumas restrições no que diz respeito à ocupação urbana em área de proteção de mananciais. Ela passou a ser um dos instrumentos de regulação do estado sobre a ocupação das áreas periferias. A zona sul da cidade ao longo das décadas de 1970 e 80 passa a ser majoritariamente ocupada em grande parte por migrantes de outros municípios, estados e regiões, em busca de emprego.

²¹ Vale destacar que no campo da esquerda os partidos que atuavam como oposição de base eram o PCB, POC, ALN e PC do B, instituições que organizaram a classe trabalhadora nesse contexto, cada qual tendo suas posições e controvérsias enquanto oposição sindical. Em outro campo, Coelho (2007) mostra o papel das pastorais operárias como aglutinadoras de trabalhadores tendo esta a capilaridade que os partidos de então não tinham; comenos, sem uma base ideológica sólida e ausência de um projeto humano-societário para além do capital. Entre os movimentos populares podemos destacar o “Contra o custo de vida” que contava com integrantes das pastorais operárias e teve importante papel no jogo de forças entre as esquerdas e os operários de Santo Amaro, a liderança de Santo Dias foi marcante nesse movimento.

No parque de Santo Amaro as taxas de crescimento das indústrias acompanhadas do arrocho salarial encadearam inúmeras greves, sobretudo nos anos do chamado de “*milagre econômico*” (entre 1966 à 1973). Nesta década (1970) seu crescimento industrial no parque foi superior em 13,54% com relação às décadas posteriores e o número de greves em 1978 alcançou o total de 104, enquanto o ano de 1981 o registro apresentou um total de 28 greves e a taxa de crescimento industrial de 6,95% (COELHO, 2007)²².

Entre os anos de 1981 a 1987, segundo Rolnik (2000), os distritos que mais perderam emprego industrial foram o Ipiranga, a Vila Prudente, o Alto da Mooca e o Tatuapé, enquanto Lapa e Santo Amaro passa a ser os lugares que mais apresentam taxas de crescimento do emprego industrial, sobretudo nos segmentos tidos como mais modernos tais como o metalúrgico, o mecânico, o elétrico e o de material de transporte. Nesse período, registros jornalísticos mostram que Santo Amaro representava um dos maiores espaços industriais da América Latina²³.

A grande maioria do proletariado residia em favelas e habitações de autoconstrução, a casa própria enquanto condição imanente para reprodução da força de trabalho passa a crescer nos anos de 1980 (SANTOS, 2009b). A habitação produzida era precária e sem o saneamento básico mínimo, revelando a produção de um habitar oriundo da autoexploração do trabalhador e uma sociabilidade restrita nos espaços segregados. Ao sul de Santo Amaro se concentravam as favelas e as moradias autoconstruídas em lotes maiores, geralmente em áreas de mananciais. Ainda que tais núcleos tenham sua origem já no pós-50, conforme visto anteriormente, grande parte desses lugares só passaram a receber rede de esgoto e políticas de saneamento a partir dos anos 1980 (FATORELLI, 2010). Ao analisar a urbanização paulistana, Kowarick (1980) enfatiza que a

“periferia como fórmula de reproduzir nas cidades a força de trabalho é consequência direta do tipo de desenvolvimento econômico que se processou na sociedade brasileira das últimas décadas. Possibilitou, de um lado, altas taxas de exploração do trabalho, e de outro, forjou formas espoliativas que se dão ao nível da própria condição urbana de existência à que foi submetida a classe trabalhadora” (KOWARICK, 1980, p.41).

²² Cabe destacar que o IIº Plano Nacional de Desenvolvimento (IIº PND) foi um dos instrumentos que passou a ter efeitos práticos a partir dos anos 1980, com a desconcentração do setor produtivo na cidade. O plano entrou em cena no governo Geisel, em 1974, viabilizando a produção de equipamentos, insumos industriais e energia, tendo como objetivo dos militares a reorganização do parque industrial brasileiro. Para tanto ver: Lima (2011) e Lencioni(1999).

²³ Estado de São Paulo 12/09/1985.

A partir da realização do caos decorrente do crescimento urbano e do aprofundamento da industrialização nas áreas periféricas, observamos junto com Santos (2009a) que a distribuição das favelas nos anos de 1980, segundo os distritos e subdistritos no município de São Paulo, encontram-se ao longo das áreas industrializadas. Na zona sul, a grande maioria das favelas se situa justamente para além das bordas industriais de Santo Amaro tanto à oeste, nos bairros Jardim São Luis, Capão Redondo, Jardim Angela, como à Leste ao longo dos bairros Cidade Ademar, Cidade Dutra e Jabaquara. Nesse contexto, a industrialização decorrente do “milagre”²⁴ teve papel crucial na reprodução do “caos” na conformação da periferia da metrópole sendo, por esse ângulo, a industrialização sua base para a realização da periferização, produzindo um espaço ao mesmo tempo desigual e fragmentado (Smith, 1984). Junto a esse processo, os vazios urbanos ampliavam a especulação imobiliária o que reforçou a concentração de propriedades na cidade e, desse modo, atenuando a segregação física e social das classes²⁵.

1.3 Reestruturação Produtiva e fragmentação do parque industrial em Santo amaro

A crise social enquanto “autofagia” do “milagre” expressará em Santo Amaro o aprofundamento do antagonismo entre riqueza x miséria da vida material, resultantes da concentração e centralização do capital na metrópole a partir do pós-guerra. A reestruturação produtiva originada no Brasil entre fins da década de 1980 ao início de 1990, criou condições para que a reconfiguração da base técnica das indústrias se efetivasse também em Santo Amaro e transformando tais espaços, bem como a vida de milhares de pessoas que trabalhavam nos grandes galpões metalúrgicos.

Segundo Tunes (2004), tais transformações levaram a saída de muitas unidades produtivas das áreas de industrialização antiga, abrindo espaços para ramos de alta tecnologia e estabelecimento administrativos voltados aos *centros de decisão* da

²⁴ Kowarick (1980) levanta a seguinte indagação: “que tipo de milagre é esse que, ao mesmo tempo, reflete um crescimento acelerado e exclui deste crescimento a maioria da classe trabalhadora?” (KOWARICK, 1980, p. 35). É preciso completar que a segregação, em detrimento do termo exclusão, se trata de uma inclusão violenta do proletariado na urbanização em sua fase crítica, conforme afirma Lefebvre (2008).

²⁵ A especulação e a incorporação dos espaços imobiliários nos vazios urbanos da metrópole trás consigo também um tipo de industrialização, sendo esta a da construção civil, que não será o objeto de nossa análise, pelo menos, nesse momento.

produção, provocando a redução do emprego nas áreas mais industriais desde os anos 1990 e, ao mesmo tempo, reconcentrando um novo tipo de indústria.

Alvarez (2008) destaca que esse momento que na sua “forma” se apresente como algo “novo” na metrópole em seu conteúdo se trata da sua própria reprodução na medida que implica os nexos causais entre novas relações (capital financeiro) imersas em permanências historicamente determinadas .

No que tange à tais transformações e rupturas, a autora destaca:

Se, de um lado a metrópole guarda a produção do novo, a ponto de ser considerada enquanto uma cidade mundial, é preciso lembrar que este novo inclui, no seu âmago, profundas alterações no mundo do trabalho, referentes à reestruturação tecnológica e organizacional, bem como ao desaparecimento de inúmeros postos de trabalho e uma forte pressão sobre os direitos trabalhistas e as possibilidades de organização operária. Enfim, a industrialização e o produtivismo parecem caminhar no sentido de expelir imensas massas de trabalhadores dos processos produtivos ou destiná-los há um mercado informal que se espalha nas periferias e do qual fazem uso até mesmo grandes corporações (ALVAREZ, 2008, p.93 -94).

Tendo em vista tais desdobramentos decorrentes da reestruturação cabe destacar que a realidade econômica da metrópole está distante e uma absoluta desindustrialização, o que ocorre é sua fragmentação na região metropolitana. Nesse sentido, Pádua (2011) destaca que tais reestruturações são sentidas de forma mais aguda em áreas de intensa valorização imobiliária, sobretudo no interior das delimitações de reestruturação e operações urbanas consorciadas (OUC), apesar disso cabe destacar que a metrópole de São Paulo além de ser o grande centro financeiro do país ao longo das últimas décadas, ainda continua sendo um importante centro industrial.

Fracisconi (2010) ao apontar para os aspectos mais gerais do cenário que impõe a reestruturação produtiva na metrópole, afirma que a crise

“dos anos 1980 traz para a cidade os ventos de mudança social. A crise dos anos 1990 situa-se já no contexto das mudanças na produção capitalista nos moldes ou com as receitas de enfrentamento da crise delineada nos anos 1970 pela política estadunidense e nos anos 1980 pelas políticas ditas neoliberais e reestruturativas da produção industrial” (FRANCISCONI, 2010, p.117).

Daí o efeito retardatário das transformações gestadas no parque industrial metropolitano. De acordo com Ferrari (2012), os sentidos de tais transformações reafirmam as cidades como campo central para a realização do capital e dos processos *just in time* de produção e distribuição de mercadorias que passam a ser o fundamento da reprodução de uma outra geografia que sincroniza os espaços e tempos do capital aos

conteúdo das cidades contemporâneas. O toyotismo, ou *just in time*, tornam-se medidas da reprodução social, mais que apenas um sistema de produção. A autora ainda evidencia que a reestruturação produtiva só se realizou de forma plena no Brasil nos anos 1990, sendo esta imposta pelos países centrais e ainda lembra que, nos países periféricos, o setor produtivo “se caracteriza por empresas terceirizadas, quarteirizadas etc., que giram em torno do grande capital transnacional e por atividades de um setor informal que se assemelham há um subemprego generalizado” (FERRARI, 2012, p.56).

A mundialização do capital trouxe novos contornos aos processos de valorização dos grupo industriais oligopolistas por meio da financeirização. Segundo Chesnais (2010), em um dos capítulos conclusivos de obra *Mundialização do Capital*, a esfera financeira tornou-se um dos momentos predominantes para realização do valor, nesse sentido a autonomização do setor financeiro é relativa e não absoluta como preconizaram uma série de ideólogos dos anos 1990. A geração de valor no setor produtivo permite aos capitais da esfera financeira obterem valor.

A partir dos dados da Rais referente ao ano 2000, o parque industrial de Santo Amaro²⁶ contava com um total de 1908 estabelecimentos industriais correspondendo à 8% do total da metrópole e seus operários correspondiam à 14,6% do total, somando um número absoluto de 67.327 trabalhadores ocupados na indústria. Campo Grande até os dias atuais está entre os três distritos com maior volume de vínculos de empregos industriais na cidade e o primeiro do parque industrial. Esses números correspondem a um dado significativo se levarmos em conta todas as transformações e saídas estabelecimentos indústrias, bem como a queda relativa no número de empregos ao longo desse período.

Marques (2010) ao esmiuçar os dados sobre as diferentes concentrações industriais na cidade neste mesmo ano (2000), enfatiza que o Campo Grande e Santo Amaro são os distritos que lideram o ranking com maior área construída para indústria, estando inclusive à frente de distritos mais tradicionais, como: Ipiranga, Lapa, Mooca e Sacomã. Campo Grande permanece como o distrito com maior área construída para indústria na cidade até 2014. Ainda apoiado em Marques (2010), entre 1985 e 1995, o

²⁶ Aqui o parque industrial de Santo Amaro foi entendido como toda a área para além dos distritos mais concentrados que conformam o fragmento de estudo, ou seja, o parque industrial é a soma dos estabelecimentos e vínculos de emprego correspondentes as subprefeituras: Santo Amaro, M'boi Mirim e Capela do Socorro.

valor adicionado na indústria da RMSP caiu de 75,7% para 58,0%, no município essa taxa caiu de 69,1% para 49,1% (SCHIFFER, 2002 apud MARQUES, 2010). Entre os distritos que produzem o maior valor adicionado da indústria estão Campo Grande (Jurubatuba), Socorro e Jardim São Luis, concentrando bilhões de reais em sentido produtivo (MARQUES, 2010).

O fragmento industrial de Santo Amaro, segundo os dados de valor adicionado da Fundação Seade de 2001, tem posição de destaque no parque industrial metropolitano o que revela sua importância em diversas escalas, processo esses que reproduz a situação de periferia daquela localidade.

Conforme exposto por Marques (2010), determinados segmentos como o químico se reconcentrou nos distritos de Socorro e Santo Amaro. Em Jurubatuba, a indústria metalúrgica e mecânica são predominantes, concentrando grandes galpões nas margens da Avenida Nações Unidas, principalmente no trecho de Jurubatuba. Em 1995, dentre os demais setores, o químico foi aquele que concentrou o maior volume de empregos, isso se explica pelas mudanças decorrentes da reestruturação na indústria conforme destacado anteriormente.

No Jardim São Luis, a permanência de setores predominantes é volátil por se tratar de uma área com número reduzido de estabelecimentos industriais frente as demais. Ao norte do distrito foi a indústria química que marcou maior presença no parque industrial, tendo em seus arredores o centro empresarial e ao sul a maior concentração de habitações irregulares que totalizam cerca de 5,9% das favelas da cidade de São Paulo²⁷.

Posto que mesmo com a reestruturação produtiva ao longo dos anos 1990, os espaços industriais de segmento têxteis se mantiveram nos lugares centrais mais valorizados da cidade concentrando maior parte de sua produção. As metalúrgicas por sua vez, se especializaram para os lugares mais periféricos ou menos valorizados, tanto no que diz respeito ao número de fábricas quanto de empregos; como é o caso dos distritos de Campo Grande (Jurubatuba), Cidade Dutra, Capão Redondo, Campo Limpo, Ipiranga e, na zona Leste, os casos de Vila Prudente/Sapopemba, Itaquera, São Miguel e Ermelino Matarazzo (MARQUES, 2010).

²⁷Listagem de Favelas do Município de São Paulo - SEHAB/ HABISP 2014.

Em Santo Amaro, a redução do número de empregos na indústria e a deterioração da vida de camadas massivas do proletariado passa a ser uma das expressões de uma *nova economia* neoliberal cujo grande fundamentalismo imposto pelo capital aos países periféricos, a *globalização*, tornou-se o discurso hegemônico e o país mergulha no endividamento e desregulamentação total da economia nacional.

Esse cenário dramático da reestruturação produtiva se difundiu nas fissuras da sociedade brasileira antes ou até mesmo concomitantemente com a crise, criando as condições necessárias para a ampliação da redução do emprego industrial e o crescimento de formas de trabalho informais e contratos temporários (DINIZ, 2000).

O Jardim São Luis passa a ser a negatividade da realidade urbana no fragmento, como muitos outros distritos próximos a Santo Amaro como Capão Redondo, Campo Limpo e Jardim Ângela. Estes distritos tornaram-se os principais redutos de força de trabalho ou do operariado e do proletariado precarizado, sem condições básicas de vida e acesso a vida urbana, esses trabalhadores são, em geral, imigrantes nordestinos e sem especialização técnica, nem mesmo ao ensino médio²⁸. A situação de miséria era tão escandalosa que, em 1996, a ONU declarou os bairros Jardim São Luis, Jardim Ângela e Capão Redondo como os bairros mais violentos do mundo. O lugar ficou conhecido como “triângulo da morte” expressão frequentemente difundida pelos meios de comunicação, sedimentando tal impressão tanto no imaginário da população local quanto das áreas elitizadas de seu entorno²⁹ (DASSOLER, apud FILHO: 2006).

A ausência de serviços públicos nesses lugares, o crescimento do desemprego e a generalização do trabalho informal, sobretudo de serviços, condicionaram altos índices de violência no cotidiano da população trabalhadora. Foi nessa década (1990) que surgiram movimentos compostos por segmentos juvenis da periferia como o caso do Hip Hop e do Rap, como expressão fenomênica da reprodução material da sociedade que, por meio de suas mensagens, letras e reflexões, denunciavam as relações reificadas imersas no cotidiano permeado pela violência nos seus mais variados sentidos (daí a

²⁸ Ao longo dos anos 1990, segundo Censo Demográfico do IBGE de 2000, os distritos de Jardim São Luis e Capão Redondo se encontram entre os sete distritos com maior número de analfabetos da cidade, acompanhando realidades de distritos como Grajaú, Brasilândia, Sapopemba que, na época, eram os mais populosos da cidade. Capão Redondo e Jardim São Luis concentravam juntos 6,1% do total de analfabetos da cidade de São Paulo, somando um total de 21.668 pessoas.

explicitação da discriminação racial, opressão policial e a miséria da vida material), como produto da reprodução da metrópole.

Ao passo que se consolida, nos anos 1990, uma “indústria” de grandes condomínios verticais de luxo, levantados ao longo das margens do rio Pinheiros, também se reproduz uma massa de trabalhadores vivendo a dura realidade dos canteiros de obras e morando em lugares cada vez mais distantes do local de trabalho, vivendo em habitações alugadas, enquanto massa itinerante, conforme aponta Damiani (2004).

De modo antagônico, a capital da metrópole industrial e financeira, principal centro econômico do país, é a cidade com maior número de favelas do país³⁰.

Segundo dados da *SEHAB/HABISP*, levantados em 2000, os distritos Jardim São Luis, Jardim Ângela e Capão Redondo somam 19,8% do total de favelas na cidade totalizando 399 favelas. O distrito Jardim São Luis era o 5º distrito com o maior número de favelas, concentrando um total de 52.135 pessoas nessas áreas, sendo estas 21,8% da população total do distrito.

Damiani (2004) ao estudar a urbanização da metrópole periférica, defenderá que a reprodução da classe trabalhadora e da vida urbana se dará em sentido inverso ao acesso a moradia e ao emprego, sobretudo o industrial, traduzindo-se nessa perspectiva em uma urbanização essencialmente crítica que marcará o atual momento histórico das grandes metrópoles na periferia do capital. A universalidade desse momento histórico, marcado pela mundialização do capital, tendo a reestruturação produtiva no seu bojo e a fragmentação do trabalho em escala mundial, irá diferenciar significativamente as reestruturações encadeadas nos países centrais, conforme Soja (1993) e Smith (1984) com relação à reestruturações no países periféricos, pois nestes a explosão de favelas, habitações autoconstruídas nas periferias passam a ser, ao mesmo tempo, seu imperativo e particularidade.

A última década do século XX será o momento de esgarçamento das contradições da unidade industrialização e urbanização de uma metrópole periférica, pois a concentração industrial nessas áreas passa a se fragmentar. Assim, o parque industrial de Santo Amaro se reproduz em fragmentos e suas indústrias se (re)significam, abrindo caminho para um novo método de organização da produção nos segmentos mais avançados, desse modo o toyotismo/ohnismo que passa a ser a

³⁰ Revista Exame de 21 de Dezembro de 2011. Título da matéria: São Paulo: A metrópole com mais moradores de favelas do Brasil.

racionalidade técnica/administrativa do circuito produtivo. O segmento que se reconcentra no fragmento se inserem nos entremeios dos muitos condomínios verticais que tomaram os espaços dos antigos galpões metalúrgicos mais tradicionais, tais segmentos foram os que em grande parte se desconcentraram da metrópole. Essa é a trama na qual se insere a valorização do espaço no momento atual, abrindo caminho para um novo momento de permanências, rupturas e aprofundamento da fragmentação do parque industrial de Santo Amaro que veremos suas nuances no capítulo a seguir.

2. Os fragmentos industriais de Santo Amaro: valorização do espaço e desenvolvimento desigual

A formação do parque industrial de Santo Amaro seguiu longos ciclos, embora tenha se industrializado em tempo relativamente curto frente aos demais bairros da cidade como Ipiranga, Mooca, Bom Retiro, etc. Ao passo que a industrialização se aprofundou a urbanização expandiu, configurando a infraestrutura necessária para atender a demanda de grande número de empresas que se alocaram neste fragmento.

Segundo Moraes & Costa (1984),

Quanto ao capital industrial (aquele aplicado especificamente na produção industrial) a sua relação com a produção deve ser examinada em seu duplo caráter. Primeiro, enquanto capital aplicado às instalações, máquinas e etc. (capital constante), ele representará o próprio fundamento do trabalho morto fixado e consequentemente, da valorização *in situ*. Em particular na sua etapa monopolista, o capital industrial representará uma enorme massa física de meios de produção, cujo impacto, particularmente no seio urbano, é cada vez maior. Entretanto, não reside aí a sua principal força no avanço da valorização. Sendo a produção industrial, antes de tudo, um modo avançado de criação de riquezas, a diversidade e a intensidade de relações que ela define entre todas esferas da produção coloca-a em posição central nas valorizações dos espaços particulares. (MORAES & COSTA, 1984, p.174)

Nesse fragmento acima, os autores irão chamar atenção às especificidades no que concernem ao capital industrial, Nesse sentido os espaços industriais produzidos deverão articular-se a outros, para que a circulação se realize, assim, influenciando a intensidade dos fluxos de mercadorias (inclusive força de trabalho) que se generalizam na realidade urbana, extrapolando os limites da cidade.

Maior parte das empresas que permaneceram instaladas em Santo Amaro são do segmento de bens de consumo não duráveis marcando, assim, um perfil industrial análogo ao da metrópole. Como vimos, nos anos 1980, houve uma série de estímulos fiscais que potencializou a desconcentração industrial, fazendo com que muitas indústrias passassem à se deslocar às cidades paulistas sobretudo cidades médias, estendendo a cadeia produtiva para além da região metropolitana (LENCIONI,1999). Neste processo, Santo Amaro ainda se manteve como um dos maiores parques industriais da cidade.

A mundialização do capital e a ofensiva neoliberal, que se aprofundou na América Latina ao longo dos anos de 1990, fizeram com que muitas dessas indústrias migrassem de Santo Amaro para outras localidades, sobretudo em seu entorno. Este

processo seguiu a tendência do segmento produtivo em buscar menores custos de produção, transportes e logística, e, simultaneamente, criasse condições para reconcentração da cadeia produtiva. Segundo Marques (2010), em Santo Amaro este processo ocorreu principalmente no setor químico (MARQUES, 2010), enquanto a indústria se realocava, galpões e terrenos obsoletos e em desusos eram incorporados por pelo mercado imobiliário e atividades voltados ao setor de serviços.

Esse novo perfil industrial baseia-se, dada a particularidade de cada caso, em elementos do segmento *just in time* ou toyotista de controle do trabalho e gestão logística que, em geral, obscurece a centralidade da indústria na paisagem urbana, sistema que difere dos métodos precedentes de controle e concentração do trabalho que vigorou no pós-guerra. As características desse novo momento são: plantas menores; quadro reduzido de funcionários; produção sincronizada visando a demanda e o enxugamento dos estoques. Tais características, dessa “nova indústria”, não eliminam a produção e suas relações estreitas com os métodos taylorista e fordista de controle de produção e, em alguns casos, comportam relações análogas à escravidão por dívidas vividas por mão de obra imigrante³¹ (na agroindústria essa realidade é mais presente).

Os distritos do parque industrial de Santo Amaro têm diferenciações internas. O processo de valorização do espaço, conforme aponta Pádua (2011), é mais exacerbado na porção norte, sendo estas áreas objeto das Operações Urbanas Consorciadas - Água Espraiada (OUC-AE). Ali, muitos galpões antigos da indústria metalúrgica são incorporados por empreendimentos imobiliários, para fins de moradia e serviços administrativos, sobretudo entre os bairros de Granja Julieta e Morumbi. Ao sul do Largo 13, as estruturas físicas dos antigos galpões mantêm diversos usos. Segundo Pádua (2011), o Estado exerceu um papel central ao mediar a relação entre capitais e proprietários, processo este que derivou na incorporação imobiliária de determinados espaços. Porém, os discursos oficiais, político-institucional e empresarial, não revelam a natureza dessa relação, pelo contrário enaltecem uma certa noção de *desenvolvimento econômico* carregada de uma lógica evolutiva e positiva, lógica que se refere a situação tanto a reconcentração das indústrias e quanto ao crescimento do mercado imobiliário.

³¹ Em matéria da revista exame do dia 16/10/2014, é relatada a libertação de 20 bolivianos vítimas de relações de trabalho análogos à escravidão na indústria textil. Este caso foi o segundo em uma semana, os trabalhadores foram encontrados na Cidade Ademar, um dos distritos adjacentes ao fragmento industrial estudado, este é um dos distritos mais pobres de São Paulo. Link: <http://exame.abril.com.br/brasil/policia-liberta-bolivianos-em-condicoes-de-trabalho-escravo/>.

A Lei de Zoneamento 16.402/16 revela tal noção de *desenvolvimento* através da delimitação das “Zonas de Desenvolvimento Econômico” (ZDEs) que seriam a síntese da associação das industriais de alta tecnologia e de empreendimentos imobiliários, sendo o último, no olhar dos representantes do Estado, tudo o que há de mais avançado na economia financeira. As ZDEs se encontram, como mostra o mapa 4, em menor proporção se comparadas com as Zonas Predominantemente Industriais (ZPIs), o que implica numa distribuição mais enxuta das indústrias modernas. Como vimos, são áreas que apresentam atividades produtivas de grande porte e abarcam a produção de alta intensidade tecnológica, em geral empresas multi e transnacionais. Indústria essas que se concentram em Jurubatuba e no Largo 13, ambos distritos de Santo Amaro.

O termo Zonas Predominantemente Industriais (ZPIs) refere-se à espaços não residenciais ou áreas industriais tradicionais. Tal delimitação se insere nas macroáreas de qualificação e reestruturação urbana; sendo elas: Vila Leopoldina e Jaguaré a oeste; Brasilândia ao norte; Mooca, Vila Prudente e Ipiranga a sudeste; e Itaquera a leste.

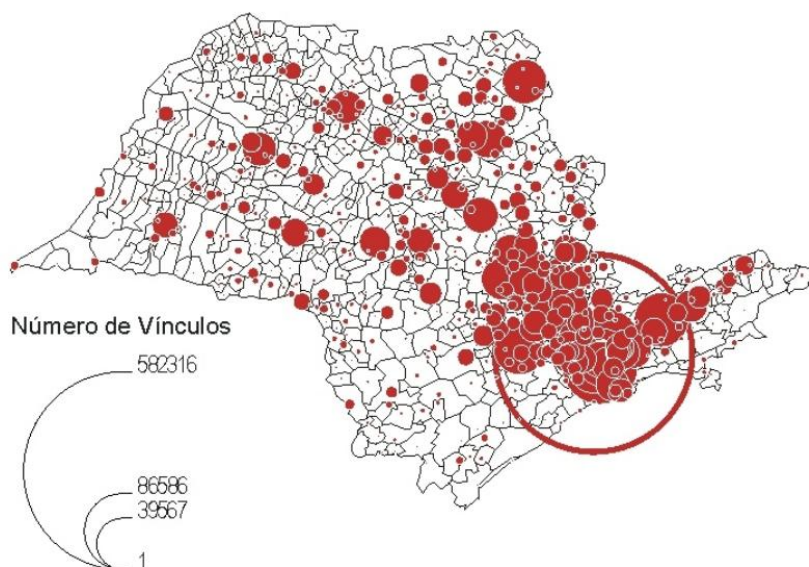
Embora a cidade de São Paulo tenha reduzido o número de estabelecimentos industriais em relação à Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), o número de empregos no setor industrial na cidade aumentou mantendo-se superior ao da RMSP, passando de 52,5% em 2000 para 53,2% em 2014. Em 2014, o total absoluto de postos de trabalho industriais ocupou 630.169 pessoas, cerca de 117.193 trabalhadores a mais ou 18,6% superior a década anterior³². No interior do Estado, houve aumento dos estabelecimentos e dos empregos industriais no mesmo período, ver mapa 4. Segundo Damiani (2006), isso implicou no crescimento de cidades tidas como médias e na subordinação dessas à dinâmica da divisão territorial do trabalho da RMSP. Tal tendência, atrelada a desconcentração industrial e a reestruturação produtiva dos anos 1990, também discutida por Scarlato (1987), Lencioni (1999), Ferrari (2012), Marques (2012), Tunes (2003) e Pádua (2011), aprofundou nos últimos anos.

A maior parte dos estabelecimentos industriais na cidade de São Paulo estão voltados à produção de bens de consumo não duráveis, alcançado 69,5% do total da produção, destacam-se a indústria têxtil de vestuário e de artefatos de tecido, seguido pelos ramos de produtos alimentícios, de bebidas e de álcool etílico (11,6%) e de papel,

³² É possível verificar tal oscilação no Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS) sobretudo na tabela referente aos “Estabelecimentos e empregos formais por subsetor de atividade econômica: Brasil, Estado de São Paulo, Região Metropolitana e Município de São Paulo, anos 2000 e 2014”.

papelão, editorial e gráfico (11,7%). Os demais municípios da RMSP superam São Paulo em relação à produção de bens de consumo duráveis, tem em maior proporção a indústria metalúrgica ocupa 18, 1% de seus estabelecimentos industriais, sendo ele um dos que mais empregam trabalhadores, atrás apenas do setor automobilístico que emprega 15,5% dos seus trabalhadores, ou seja um total de 97.899 operários. A concentração das montadoras a sudeste da metrópole explica esse contraste³³.

Mapa 4 - Número de vínculos de emprego da indústria no estado de São Paulo em 2003



Fonte: Atlas Econômico Fundação Seade. Pesquisa da atividade econômica Paulista. PAEP

Organização: Alex da Silva Dias Américo.

A indústria concentrada nos distritos de Santo Amaro, Jardim São Luis, Socorro e Campo Grande, tiveram crescimentos absolutos e decréscimo relativos em termos numéricos. Ou seja, o total de estabelecimentos industriais variou de 1.444 para 1.506 de 2000 para 2014, porém em termos relativos a produção industrial da cidade caiu de 5,4% para 4,9% respectivamente. Campo Grande (Jurubatuba), como é possível verificar na tabela 2, continua concentrando maior área construída e número de empregos industriais, enquanto o avanço do mercado imobiliário e a alteração do uso do solo urbano em Santo Amaro o fez perder sua posição de maior concentração industrial, ficando atrás de bairros mais tradicionais como Ipiranga, Sacomã e Lapa.

³³ Segundo dados da Fundação SEADE de 2009, os municípios de São Bernardo, São Caetano do Sul e Diadema produzem mais de 40% do valor adicionado na indústria da RMSP. Santo André e São Paulo correspondem à 33,1% e 20,7% respectivamente, tendo eles maior centralidade na participação no setor terciário nas últimas décadas.

A diminuição da área construída dos galpões metalúrgicos está vinculada ao tipo de industrialização que se efetivou nas últimas décadas. Nenhuma das áreas da cidade teve acréscimo de área construída. Porém, Campo Grande mantém a maior área construída de uso industrial e a terceira maior concentração operária na cidade. Campo Grande e Socorro são os distritos que mais concentram estabelecimentos de produção de bens de consumo duráveis. O inverso ocorreu em Santo Amaro e Jardim São Luís que concentram os segmentos químico e alimentício. Santo Amaro, mesmo com as profundas transformações nas últimas décadas, está entre os seis distritos que mais empregam trabalhadores na indústria, como mostra a tabela 3.

Tabela 2 - Os seis distritos da cidade de São Paulo com área construída industrial superior à 700.000m²

2000		2005		2014	
Distrito	Área Construída	Distrito	Área Construída	Distrito	Área Construída
Campo Grande	1.275.434	Campo Grande	1100217	Campo Grande	881.468
Santo Amaro	1.140.128	Santo Amaro	972431	Ipiranga	860.688
Lapa	1.094.008	Mooca	936526	Sacomã	840.125
Ipiranga	1.038.551	Sacomã	913126	Lapa	765.766
Mooca	988.391	Ipiranga	898496	Santo Amaro	748.393

Fonte: Secretaria Municipal de Finanças, TPCL - Cadastro Territorial Predial de Conservação e Limpeza, Elaboração: SMDU/Deinfo.

Tabela 3 - Os distritos com maior número de empregos na Indústria de Transformação, 2000 – 2014

2000		2014	
Distrito	Trabalhadores na Indústria	Distrito	Trabalhadores na Indústria
Santo Amaro	25.640	Itaim Bibi ³⁴	22.282
Lapa	18.211	Bom Retiro	18.834
Campo Grande	17.624	Campo Grande	18.418
Ipiranga	16.696	Lapa	16.835
Bom Retiro	16.582	Santo Amaro	16.479
Mooca	16.199	Ipiranga	15.470

Fonte: Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS).

Conforme veremos no mapa 6, no fragmento estudado, mesmo com significativas transformações frente às sucessivas reestruturações, ainda há lugares que a indústria permanece, ocupando maior participação no valor adicionado da cidade. O distrito do Itaim Bibi teve um crescimento de destaque frente aos demais distritos ao

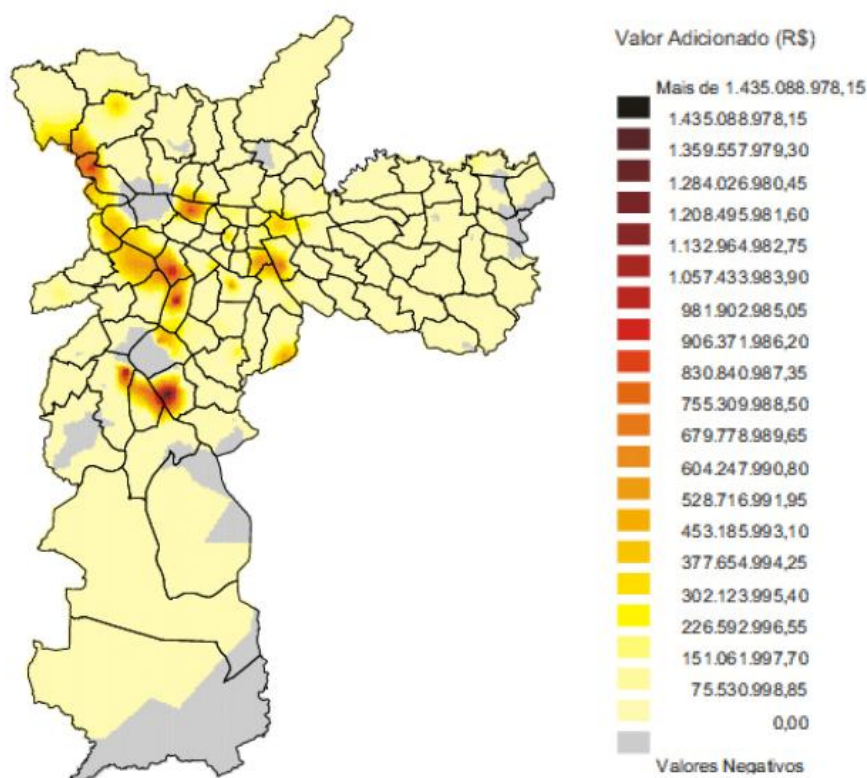
³⁴ A esse aspecto, observamos que o distrito do Itaim Bibi concentrava em 2000 um total de 15.418 empregos na indústria de transformação, que o colocava fora do *ranking* dos seis distritos que mais empregavam operários na época. Entretanto, dados mais recentes mostram que o mesmo obteve um acréscimo de 7.364 empregos industriais, ou seja, um aumento de 47,8% postos de trabalho industriais. Esse aspecto revela a dinâmica e a mobilidade das indústrias no contexto atual. A oposição entre industrialização e valorização imobiliária não cabe a essa realidade, tendo em vista que o mesmo distrito foi e ainda é o mais valorizado em termos de vendas de lançamentos residenciais verticais na cidade de São Paulo, totalizando de R\$ 1.639.827.821,00 ou 8,9% do valor das vendas na cidade.

longo desses 14 anos, obtendo um total de 7.364 empregos na indústria ou um aumento de 47,8% no seu total.

Se confrontarmos os mapas 5 e 6 veremos que as ZDE's acompanham as manchas de maior valor adicionado seguindo o trecho de Vila Leopoldina/Jaguareé trechos do rio Tietê até o rio Tamanduateí entre os bairros Mooca e Ipiranga, sendo estes estabelecimentos produtivos importantes no que tange a produção do espaço na cidade e sua participação na economia do município.

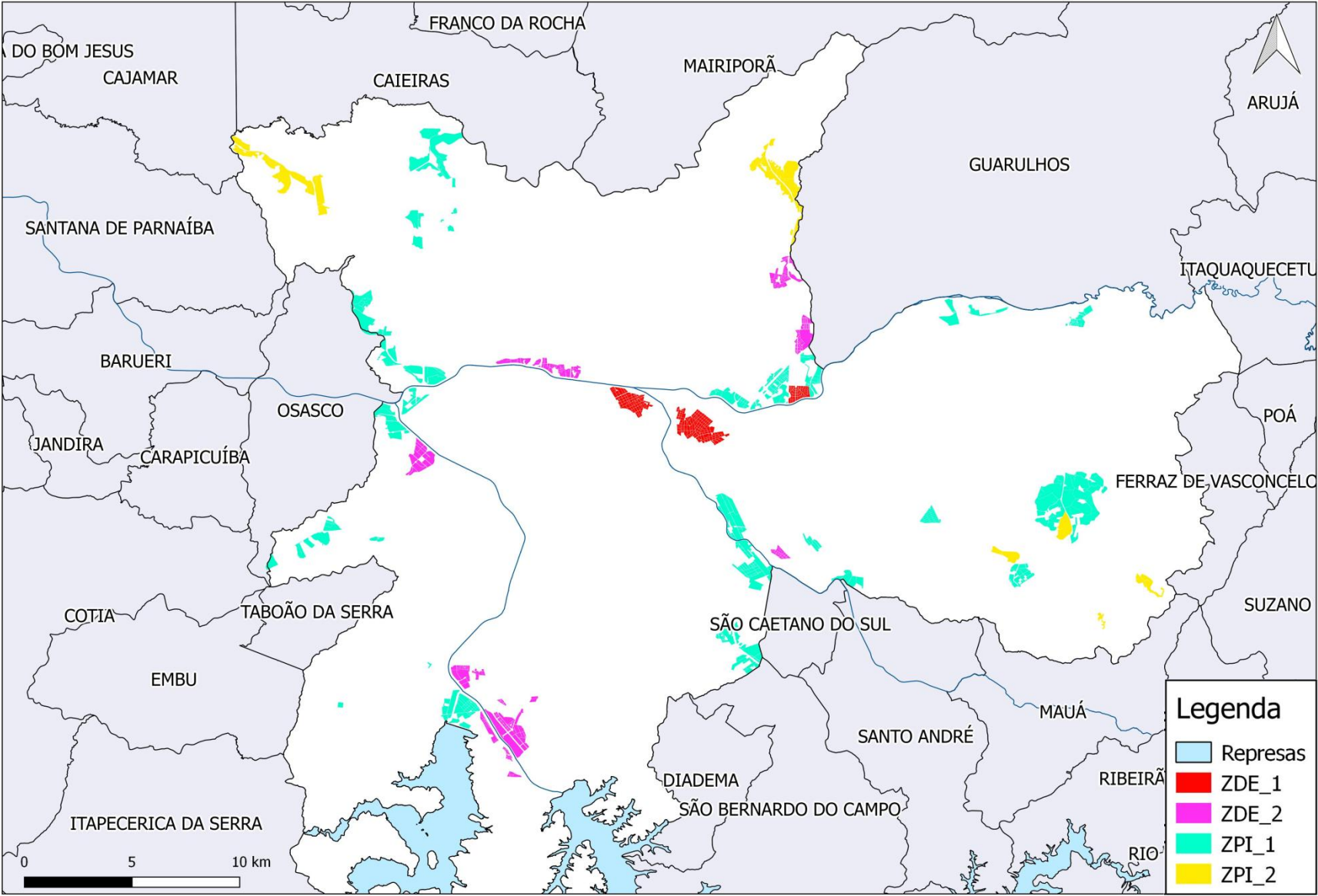
Contudo, Jurubatuba concentra grande número de trabalhadores da indústria de transformação, sendo um dos distritos de Santo Amaro com maior crescimento da indústria da construção civil, juntamente com o Jardim São Luís. Inversamente, Jardim São Luís e Socorro, áreas de menor valorização imobiliária, são espaços onde a indústria de transformação cresceu de modo mais pujante em termos absolutos (estabelecimentos e número de empregos).

Mapa 5 - Participação industrial do Valor Adicionado da metrópole



Fonte: Fundação SEADE, 2001(Apud. MARQUES, 2010).

Mapa 6 - Fragmentos industriais na cidade de São Paulo a partir da lei de zoneamento – ZPI e ZDE



Fonte: Lei de Zoneamento 16.402/16.
Organização: Alex da Silva Dias Américo e Hugo N. B. Gusmão.

Como mostra o mapa 7, há grande concentração dos estabelecimentos industriais no fragmento de Santo Amaro, o que o caracteriza como Zonas Predominantemente Industriais (ZPI-I) e de Desenvolvimento Econômico (ZDE-II) previstas na lei PL272/2015. A partir desses dados pode-se aferir que Santo Amaro concentra o maior número dos estabelecimentos industriais à oeste, sobretudo de produção de bens de consumo não duráveis diferente dos distritos ao sul onde há predominância na produção de bens de consumo duráveis, empregando menos trabalhadores que Campo Grande.

Tabela 4 - Taxas de crescimento na indústria de transformação e construção civil nos distritos estudados – 2000-2014

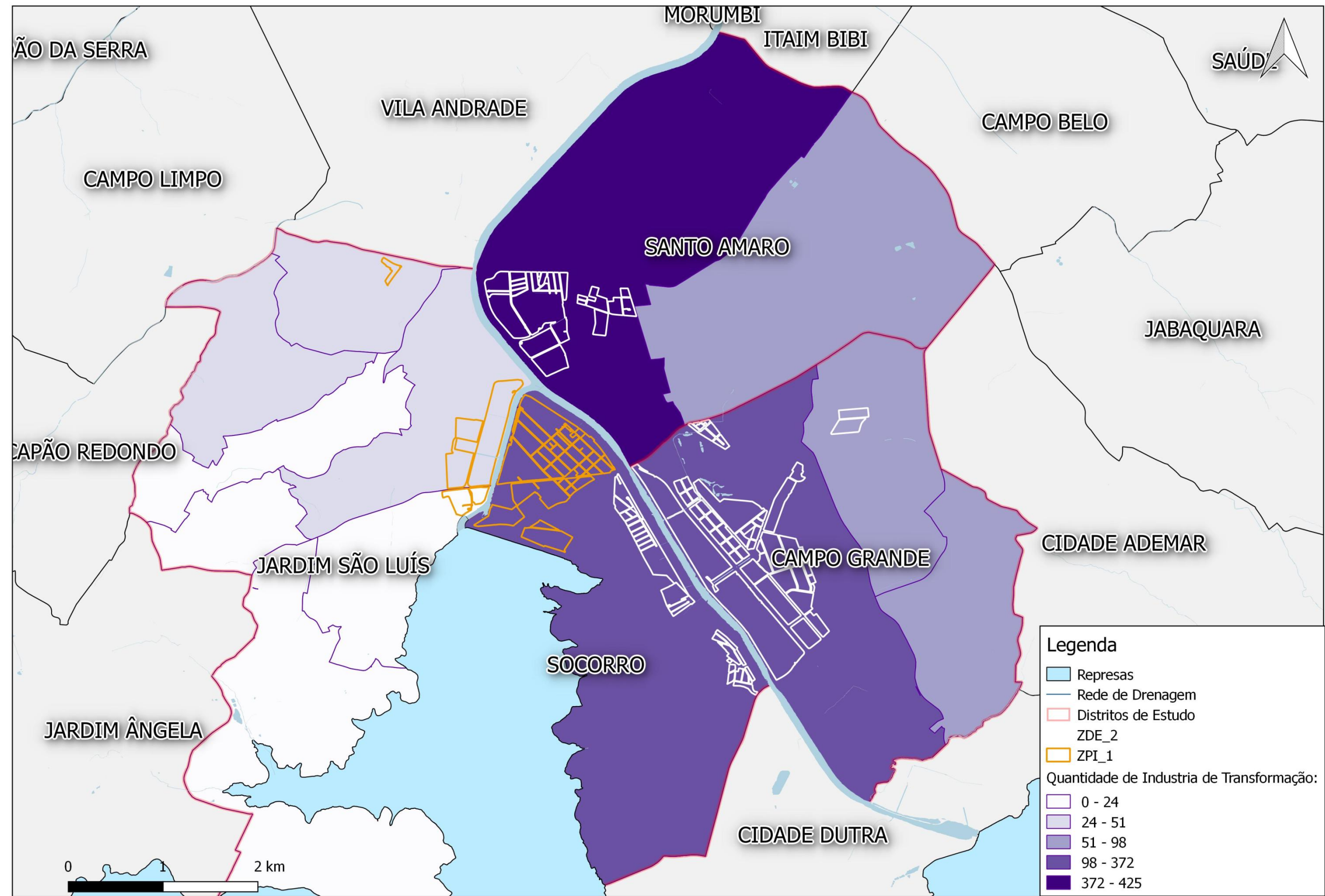
Taxa de crescimento	Taxa de crescimento dos estabelecimentos de indústria de transformação (2000-2014)		Taxa de crescimento de empregos na indústria de transformação (2000-2014)		Taxa de crescimento dos estabelecimentos de Construção Civil (2000-2014)		Taxa de crescimento de empregos na Construção Civil (2000-2014)	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Cidade de São Paulo	3.991	14,3%	61249	11,7%	5.128	49,7%	166390	53,1%
Socorro	53	12,5%	807	7,01%	38	53,5%	71300	59,7%
Santo Amaro	-11	-1,0%	-9161	-55,59%	53	28,5%	1446	60,6%
Campo Grande	-4	-1,2%	794	4,31%	73	58,9%	8461	49,1%
Jardim São Luis	24	10,9%	5877	56,65%	98	59,4%	2062	62,3%

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Relação Anual de Informações Sociais – Rais.

A situação análoga evidenciada entre Socorro e Campo Grande/Jurubatuba, mais do que a da concentração da produção de bens de consumo duráveis, estará no porte dos estabelecimentos industriais e na infraestrutura urbana de ambos. Nesse sentido, o grau de valorização desses espaços foram os critérios estabelecidos pelo poder público para diferenci-los entre ZPI-I e ZDE II.

Em suma, cada distrito apresenta realidades díspares e concomitantemente complementares, na medida em que uma se realiza na outra, num movimento que leva a produção do espaço e amplia suas diferenças, aprofundada na divisão social e territorial do trabalho nestes fragmentos. Identificados esses aspectos, nos próximos itens e destacaremos as contradições que levam aos processos de diferenciação no espaço, isto é as diferenças e semelhanças internas que tais fragmentos guardam entre si – de norte (Jardim São Luis/Santo Amaro) a Sul (Socorro/Jurubatuba).

Mapa 7 - Distribuição da indústria de transformação nos fragmentos do parque industrial de Santo Amaro



Fonte: Projeto de lei de zoneamento PL272/2015 e Relatório Anual de Informações Sociais – RAIS/CAGED.
Organização: Alex da Silva Dias Américo e Hugo N. B. Gusmão.

2.1 Santo Amaro e Jardim São Luis: valorização e segregação socioespacial

A reestruturação produtiva recente, conforme vimos, criou uma espacialidade específica, reproduzindo o espaço e redistribuindo atividades econômicas na metrópole. A redução dos postos de trabalho, o aperfeiçoamento dos meios de comunicação, bem como a separação entre gestão e produção, resultante da desconcentração industrial, criou uma situação onde muitos dos antigos galpões industriais ao se tornarem obsoletos, se tornassem espaços de reserva, importantes no processo de valorização no que tange ao reaproveitamento de sua infraestrutura pelo mercado imobiliário.

Pádua (2012) atento a tais determinações econômicas responsáveis pelas transformações socioespaciais de Santo Amaro, mostrou que os espaços situados à norte do Largo 13 e Avenida João Dias correspondem ao perímetro de valorização do vetor sudoeste da cidade de São Paulo. O autor argumenta que muitas dessas áreas, sobretudo a partir dos anos 1990, criaram condições para a oferta de terrenos com localização privilegiada e, desse modo, sendo gradualmente integradas ao circuito de valorização imobiliária. Será nesta lógica que muitos bairros da metrópole irão alterar seus conteúdos dilacerando toda a relação até então existente entre o morador com o bairro, num sentido distinto do que ocorre nas fases industriais pretéritas, ao mesmo tempo em que o trabalhador é cindido do produto do seu trabalho de modo cada vez mais violento.

O distrito passou por um intenso processo de valorização imobiliária desde os anos de 1990, produto do enorme número de lançamentos imobiliários. Segundo os dados da Embraesp, Santo Amaro e Campo Belo (ao norte de Santo Amaro), estão entre os quatro distritos da cidade com maior valor de vendas de lançamentos residenciais verticais, ficando atrás apenas de Pinheiros e Itaim Bibi, os dois distritos geraram uma soma superior a R\$ 1,8 bilhão em 2014. Este valor corresponde à quase 10% do total gerado na metrópole, Santo Amaro corresponde a sua metade ou 5,4% do valor total.

No outro polo, Jardim São Luis se apresenta como um dos distritos mais pobres da cidade, concentrando os maiores índices de favelas e habitações precárias. Como mostram os dados da Listagem de Favelas, disponibilizados pela secretaria de Habitação SEHAB/HABISP em 2014, o mesmo concentra 4,5% do total das favelas da cidade, contabilizando um total de 75 favelas. Entre os distritos mais pobres, Jardim Ângela e Capão Redondo somam 14,7% do total de favelas da cidade, concentrando só nesses três distritos mais de 245 favelas de um total de 1.668 na cidade. A disparidade em

ambos distritos, como mostram a tabela 5 e o mapa 8, revelam o quanto a valorização de Santo Amaro, ao mesmo tempo, produz o seu negativo, isto é um alto grau de segregação socioespacial à classe trabalhadora, o espaço irá revelar o ponto crítico

Uma parte do excedente de força de trabalho, sem qualificação técnica, atua no setor terciário (formal e informal) e na construção civil. As reestruturações em Santo Amaro se realizaram a partir desse pressuposto, sobretudo nos lugares em processo de valorização, onde antigos galpões industriais foram transformados em igrejas, shopping centers, bancos, etc. A rua Amador Bueno é a melhor expressão desse processo como mostra a foto 1. Nesta, concentram-se o comércio local, restaurantes e escritórios de advogados trabalhistas voltados à trabalhadores locais e transeuntes. Essa configuração em geral está associada as áreas menos valorizadas, diferente da porção ao norte de Santo Amaro, situado no perímetro do centro expandido e da OUC – AE cujo papel central é a valorização imobiliária.

Pádua (2011) ao analisar a OUC Água Espreada, correspondendo a porção norte de Santo Amaro (eixo de valorização da Avenida Eng. Luis Carlos Berrini e Marginal Pinheiros), constata que a articulação entre poder público e mercado imobiliário será o pressuposto para que o espaço urbano seja integrado aos mecanismos da valorização. Em outras palavras, as OUCs se afirmam enquanto instrumento legal imanente ao processo de valorização, implicando em determinações da esfera financeira sobre a produção infraestrutural urbana, concentrando trabalho e capital fixo nessas áreas.

Tabela 5 - Favelas e Valor Geral de Vendas dos Lançamentos Residenciais Verticais: Jardim São Luis e Santo amaro em 2014³⁵

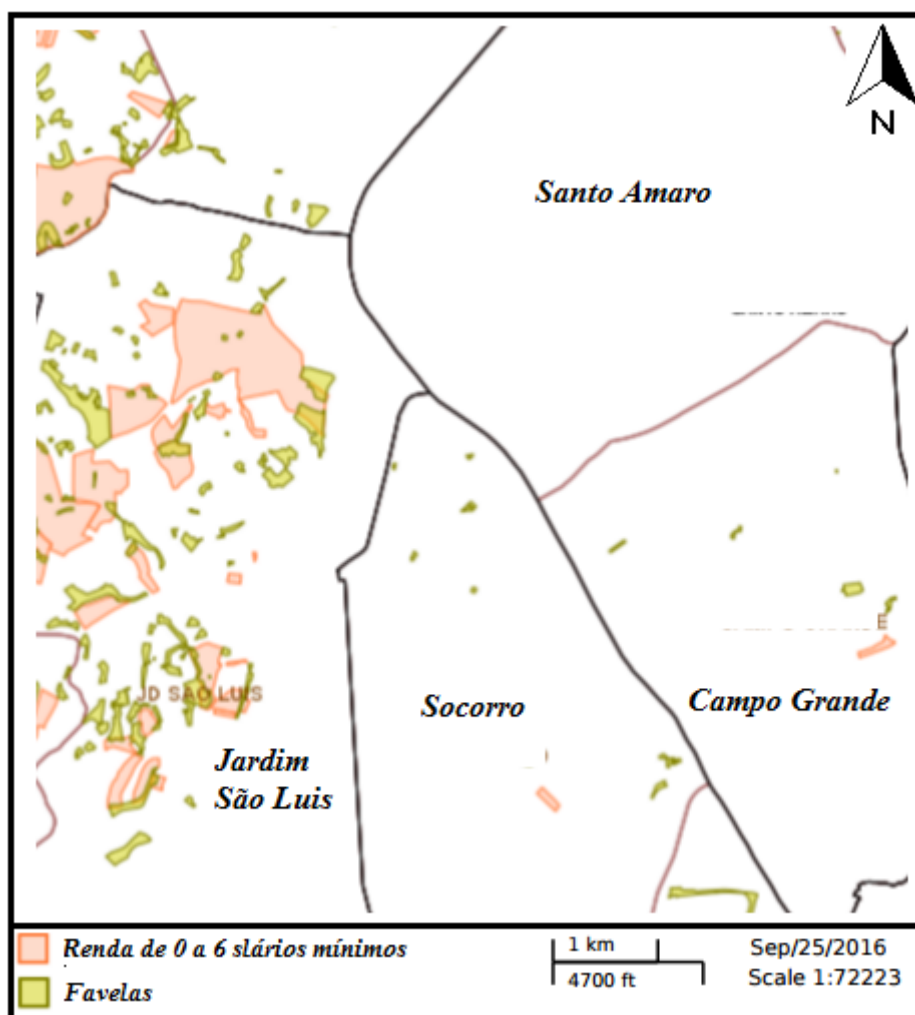
Total de Favelas			Valor Geral de Vendas dos Lançamentos Residenciais Verticais		
MSP	N	%	MSP	R\$	%
	1.668	100		18.434.043.867	100,0%
Brasilândia	94	5,64	Itaim Bibi	1.639.827.821	8,9%
Capão Redondo	86	5,16	Pinheiros	1.170.133.251	6,3%
Cidade Ademar	86	5,16	Santo Amaro	1.003.791.231	5,4%
Jardim Ângela	84	5,04	Campo Belo	839.035.204	4,6%
Jardim São Luís	75	4,5	Vila Andrade	758.772.972	4,1%

Fontes: SEHAB/HABISP e EMBRAESP 2014.

Organização: Alex da Silva Dias Américo.

³⁵ Para confecção da tabela 5 utilizamos dois bancos de dados, privilegiando os seis distritos administrativos com maior número (de?), nosso objetivo revelar os contratos que ambos carregam entre si, embora estejam fisicamente próximos e separados por abismos sociais, conforme vimos acima.

Mapa 8 - Habitação e renda nos distritos do conjunto



Fonte: Secretaria Municipal de Habitação (HABISP).

Organização: Alex da Silva Dias Américo.

Foto 1 - Uninove Amador Bueno



Fonte: Alex da Silva Dias Américo, retirada em 26/11/2016.

Foto 2 - Poupa Tempo Santo Amaro



Pádua (2011), ao analisar documentos institucionais como Planos Diretores Regionais, os relatórios do Conselhos Municipais de Meio Ambiente e

Desenvolvimento Sustentável (CADES) e Estudos de Impacto Ambiental (EIA), destaca os diferentes conteúdos inerentes à implantação desse projeto, permeado por uma racionalidade *técno-burocrática* que embasa os discursos e as práticas dos agentes hegemônicos do setor imobiliário e do poder público.

A articulação entre capital e Estado na produção do espaço, envolve discussões acerca de políticas espaciais que utilizam-se de termos como: “embelezamento”, “reordenamento” e “requalificação urbana”, para justificar e legitimar intencionalidades concretas das classes dominantes. O discurso oficial produzido com o propósito de convencer a população dos aspectos positivos das transformações espaciais operadas pelo Estado tem um duplo caráter, a saber: 1) a realidade passa a ser concedida sob *pretensões absolutas* das classes dominantes e, por meio de abstrações metafísicas, 2) negam as práticas sociais em sua complexidade para legitimar e impor os interesses dominantes propondo a criação de novas necessidades, muitas vezes inúteis do ponto de vista da ampliação das capacidades humanas, mas determinada objetivamente pela segregação como forma de controle social.

A título de exemplo, a incorporação da Av. Eng. Luis Carlos Berrini e da Marginal Pinheiros ao circuito da OUC-AE foi um meio de arrecadação de verbas para realização de obras voltada à requalificação urbana (PADUA, 2011). Os galpões abandonados se reduziram a acervo da valorização. O traçado urbano nas delimitações das áreas industriais de alta tecnologia, bem como o perímetro respectivo à OUC-AE, como mostra o mapa 9, são elementos norteadores das condições para a valorização do espaço no quadrante sudoeste da metrópole. Porém, Santo Amaro, Socorro e Campo Grande (Jurubatuba), estão fortemente marcados pelo grande número de galpões industriais (sejam eles espaços de reserva e para especulação ou galpões ativos), enquanto a oeste, no distrito do Jardim São Luis, o adensamento construtivo de habitações precárias é levada ao seu limite, tornando-se verdadeiros locais de concentração do proletariado urbano. O rio Pinheiros passa a ser seu divisor, não mais natural, mas de duas realidades sociais antagônicas que mantêm relações entre si.

A população que produziu tais espaços é espoliada do urbano e nesse movimento, a cidade se restringe a parcelas e frações de classes cada vez mais restritas. O trabalho, mediação determinante da produção material da vida, reduz-se a completa *animalidade*, conforme os temas de Marx (1848). A segregação se impõe como

resultado do processo de valorização aos polos, tanto as classes mais abastadas quanto ao proletariado confinado em favelas e periferias cada vez mais distantes dos grandes centros urbanos. Conforme já apontamos, o emprego nessa “nova indústria” não consegue absorver a grande massa da população e, desse modo, reproduz a divisão territorial do trabalho na qual a metrópole é parte, colocando problemas cada vez maiores para discernir seu significado. Esses ramos industriais, embora empreguem um número reduzido de trabalhadores, segundo Marques (2012), são as que concentram maior parte da produção de valor adicionado.

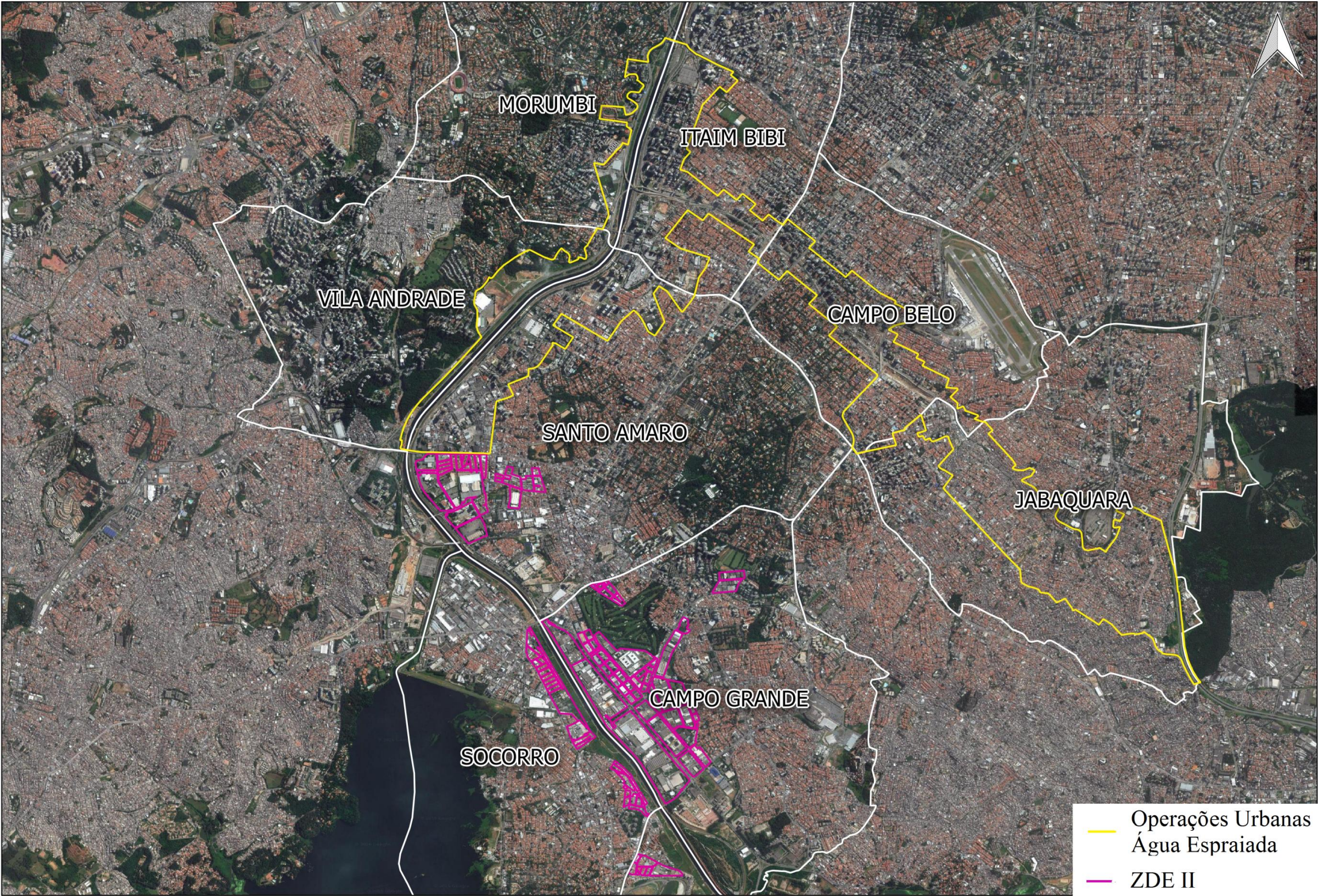
A industrialização, diz Damiani (2010), encontra-se nas fissuras das áreas altamente valorizadas que atendem as demandas do capital financeiro, sobretudo no interior do centro expandido.

A *explosão-implosão* enquanto fenômeno contraditório, para usar uma expressão de Lefebvre (1972) ao tratar das ameaças da crise do fordismo em Paris de seu tempo, alcança o atual estágio histórico da realidade urbana de modo universal, e mais, em sua fase mais crítica. Ao longo das últimas duas décadas, como aponta Ferrari (2005), o capital ao impor tais reestruturações, simultaneamente, fragmentou o trabalho de modo ampliado e universalizou a produção, escamoteando o espaço da fábrica na paisagem de uma urbanização contraditória e pré-fabricada como simulacro da modernidade.

As indústrias de Santo Amaro e do Jardim São Luís, entre 2000 e 2014, apresentam aspectos comuns. Em ambas há a tendência a redução da produção de bens de consumo duráveis, uma indústria de grande porte e com número maior de postos de trabalho, em oposição ao aumento da produção de bens de consumo não duráveis³⁶ que emprega menor número de operários e ocupa menor área, com plantas mais “versáteis” ou “flexíveis”. Ao norte do Jardim São Luiz, próximo ao centro empresarial, concentra estabelecimentos industriais menores, escamoteados no centro financeiro-administrativo, mas aglutinando metade dos estabelecimentos industriais de Santo Amaro.

³⁶ Consideramos bens de consumo duráveis os seguintes ramos: mineral não metálicos, metalúrgico, mecânico, elétrico, de material de transporte, madeira e mobília. Os segmentos de bens de consumo não duráveis são os seguintes: papel e gráfico, borracha, couro, fumo, químico, têxtil; calçados e alimentos. A classificação utilizada nos baseamos pelos critérios da própria RAIS.

Mapa 9 - Operação Urbana Consorciada Água Espraiada e Zonas de Desenvolvimento Econômico II

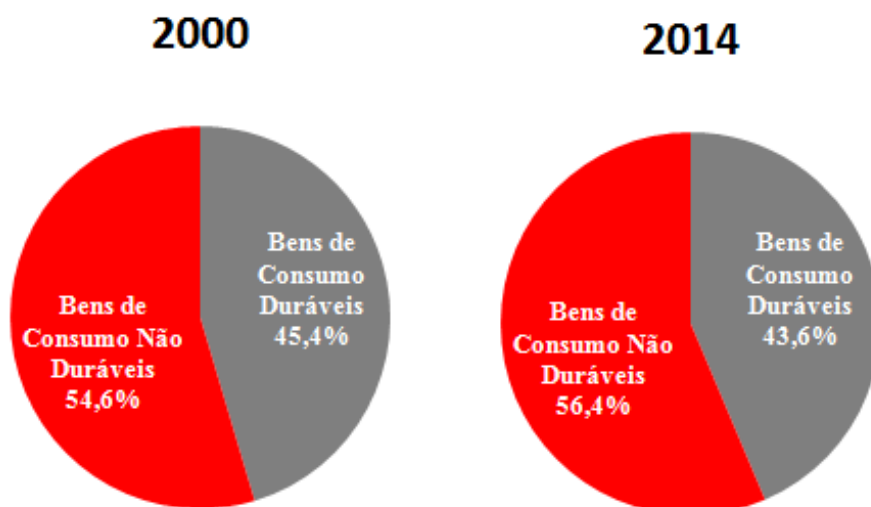


Fonte: <http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/SBC.aspx> (ORG) Américo, A, S, D e Gusmão, H, N, B.

A quantidade de estabelecimentos voltados à produção de bens consumo não duráveis frente aos duráveis, como mostra os gráficos 1 e 2, alteraram na última década, sobretudo em Santo Amaro. O número de estabelecimentos industriais de bens de consumo duráveis, reduziu sutilmente em termos relativos, de 45,4% para 43,6%, enquanto em termos absolutos houve aumento de 89 estabelecimentos industriais para 96, concentrando 6,6% dos postos de trabalho ou um total de 557 operários. Os demais 93,4% postos de trabalho correspondem a um total de 7.911 operários que estão distribuídos nos segmentos alimentício, de borracha, de fumo, couro, químico, têxtil, de papel e gráfica. Os ramos de alimentos e químico são os que mais empregam trabalhadores e o setor que mantém maior proporção no período, o Jardim São Luís no que tange a sua produção caminha no mesmo sentido que Santo Amaro.

Em Santo Amaro, o quadro produtivo é mais complexo. O setor de bens de consumo duráveis que marcou sua industrialização desde o pós-guerra, foi durante um longo tempo o segmento majoritário do distrito responsável por uma parte de sua estruturação urbana. Nas últimas décadas a produção de bens de consumo duráveis perdeu posição, devido a reestruturação produtiva e a desconcentração industrial. Os setores metalúrgico, mecânico, elétrico e de material de transporte perderam estabelecimentos, absoluta e relativamente. De 2000 a 2014, o número de estabelecimentos varia, respectivamente, de 168 para 140 unidades, concentrando cerca de 29,7% dos trabalhadores, assim, somando um total de 4.904 operários. Já o setor de bens de consumo não duráveis conta com 67,8% dos estabelecimentos fabris.

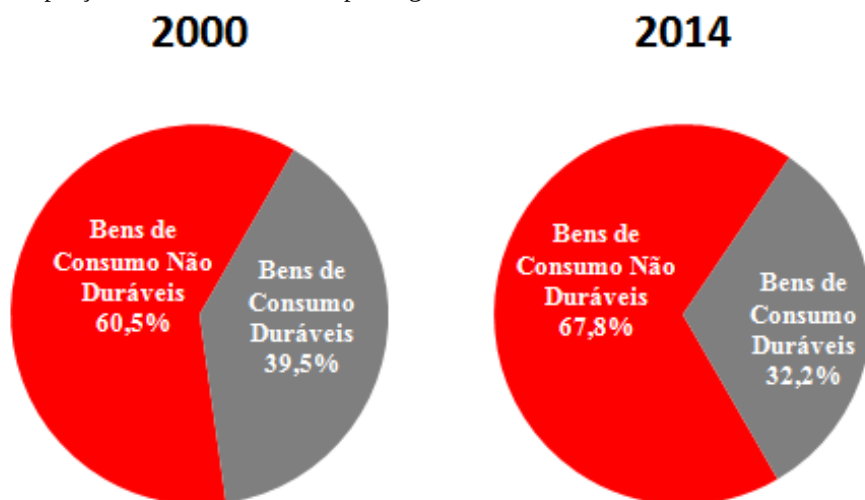
Gráfico 2 - Proporção de estabelecimentos por segmentos no distrito Jardim São Luís



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego e Relação Anual de Informações Sociais – Rais

Organização: Alex da Silva Dias Américo.

Gráfico 3 - Proporção de estabelecimentos por segmentos no distrito Santo Amaro



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Relação Anual de Informações Sociais – Rais

Organização: Alex da Silva Dias Américo.

Os setores químico e de alimentos são os que marcam maior presença dentro do segmento industrial em Santo Amaro, tal como ocorre no Jardim São Luis, concentrando o maior número de trabalhadores que compõem juntos aproximadamente 50,2% do total de empregos no segmento.

A tendência ao decréscimo relativo do setor de bens de consumo duráveis emerge em toda a cidade e passa a ser um pressuposto à metropolização. O município teve queda no peso relativo da produção de bens de consumo duráveis, passando de 33,3% para 30,5% no período entre 2000 e 2014, enquanto o setor de bens de consumo não duráveis variou de 66,7% para 69,5% em relação ao total de estabelecimentos fabris na RMSP, sendo entre os mais expressivos os segmentos alimentício e têxtil.

Tendo em vista tais resultados e a importância desses setores, visitamos duas empresas dos ramos de bens de consumo não duráveis, que marcam maior presença na produção desses espaços. Sendo elas as empresas Aryzta e Apsen, respectivamente dos ramos alimentício e químico. Ambas situam-se na ZDE II, na rua Amador Bueno, ver fotos 3 e 4. Tais segmentos são fundamentais para a economia metropolitana, a sua atuação pode ser verificada na ocupação do pessoal e valor adicionado, apresentados nos mapas 10, 11, 12 e 13, extraídos do Atlas SEADE da Economia Paulista.

A Aryzta é uma empresa transnacional, com unidades presentes em toda a América, na Europa, no leste asiático e na Oceania. No Brasil ela é responsável pela distribuição de toda cadeia de alimentos que abastece as redes *fast food* do McDonalds, do Bob's, do Subway, da Starbucks, distribuídas em diversas cidades do

território brasileiro. Em São Paulo sua sede administrativa situa-se entre as proximidades da Faria Lima e fábrica se encontra em Santo Amaro. Outras fábricas concentram o grosso da produção e estão situadas no complexo industrial denominado “*food town*” em Osasco, Jaguariúna e Juiz de Fora (MG).

Foto 3 - Fábrica Aryzta, rua Amador Bueno



Foto 4 - Fábrica Apsen, rua Lapaz



Fontes: Alex da Silva Dias Américo, retirada em 13/12/2016.

Em Santo Amaro a fábrica produz “folhados”, “empadas”, “bolos”, “*rolls*”, “pães de queijo”, “*muffins*”, “*brownies*”, “*cookies*” e “tortinhas”, seu planejamento é realizado semanalmente a partir de um controle rigoroso e sincronizado da produção em larga escala voltada as redes *fast food*. Em entrevista realizada *in loco*, uma das gerentes da fábrica, que trabalha há 11 anos na unidade, explicou os procedimentos gerais da distribuição logística das unidades produtivas e das mercadorias no território, os contratos com os fornecedores, as relações de trabalho no interior da unidade e a mediação que do poder público exerce entre a fábrica e o bairro.

Segundo a trabalhadora, a Aryzta é uma empresa de capital aberto, mantendo ações no mercado financeiro. No Brasil a empresa detém quase o monopólio no setor de *food service*³⁷, sendo responsável por 80% do mercado nacional, internacionalmente é a terceira maior empresa de panificação³⁸. A atual fábrica em Santo Amaro iniciou como confeitaria nos anos de 1980, à época chamada Vally. Na década de 1990, foi incorporada pela multinacional estadunidense *Flash Start Baker-Foods (FSB-Foods)* e recentemente foi incorporada pela empresa Aryzta. A empresa vem passando por um processo de reestruturação interna da gestão, tendo como objetivo aplicar os parâmetros internacionais de funcionamento nas empresas brasileiras.

³⁷ Serviços especializados no atendimento de empresas organizadas em redes *fast food*.

³⁸ Essas informações estão disponível em: <http://abia.org.br/cfs2016/patrocinadores.html>.

A distribuição da cadeia produtiva da Aryzta está atrelada à empresa *Martin Brower* que fornece todo o serviço de logística integrada dos restaurantes *fast-food* e da produção das quatro unidades concentradas na região sudeste. A sincronização da produção e da gestão da empresa baseia-se no sistema *fore casting*, baseado em cálculos estatísticos da produção em larga escala. O *just in time* se coloca como base deste sistema e é por meio dele que ocorre a sincronização da produção e da distribuição, atendendo diferentes regiões metropolitanas³⁹.

Ao ser indagada sobre a relação entre a fábrica e a subprefeitura local (de Santo Amaro), a gerente argumenta que com o decorrer dos anos a dificuldade na manutenção das atividades aumenta, pois a cada lei de zoneamento o bairro fica mais restrito a determinados usos, sobretudo a atividade fabril. Seu entorno conta com um número cada vez maior de prédios de alto padrão. Na rua Amador Bueno, a arquitetura dos edifícios das empresas Aryzta e Prada se destacam em meio à um grande conjunto de condomínios verticais, o que torna o futuro das fábricas na localidade incerto, como afirma a gerente de produção da Aryzta,

“aqui não há incentivo nenhum, muito pelo contrário, eles colocam uma série de dificuldades para que permaneçamos, ou seja, tem o lado bom porque a gente tem que andar muito certinho. Por exemplo, a parte de bombeiros, licenças ambientais da Cetesb [e da] Sabesp, nós precisamos estar com tudo muito bem regulado, pois passamos por inspeções de tempos em tempos. Estamos percebendo que a cada ano só continuam subindo torres, só tem a gente e a Prada aqui na frente, não [se] sabe ainda quanto tempo nós vamos continuar /.../ aqui. A prefeitura /.../ procura colocar muitos empecilhos e que não são empecilhos muito racionais, tipo: nós somos vendidos e assim nossa razão social mudou, com isso temos que mudar até o CNPJ e mesmo assim, precisamos de uma série de documentos pra apresentar na prefeitura para poder estar aqui, e que quase sempre acabamos esbarrando com a lei do zoneamento x, padrões de estacionamento, etc.”(GERENTE DE PRODUÇÃO NÃO IDENTIFICADA, ANEXO).

A empresa conta com um total de 157 funcionários na unidade, a maioria residente do extremo sul da capital da metrópole, com nível médio de escolaridade e sem especialização técnica, ou, nas palavras da gerente da Aryzta,

“A grande maioria do pessoal aqui é da zona sul, procuramos contar com as pessoas das áreas mais próximas daqui, o que não significa que não tenha funcionários de outros municípios como: São Bernardo, Osasco e etc... O grosso de nossos funcionários são todos da região sul, isso torna tudo mais

³⁹ O Toyotismo/Ohnismo aqui foi tratado a partir das contribuições teóricas de Moraes Neto (1998). O autor defende que o Ohismo/Toyotismo é mais um tipo de inovação organizacional da linha de montagem que inovação tecnológica, sendo ela pensada para alguns setores da indústria automobilística japonesa que ao longo dos anos 1980 tal sistema de produção é incorporados à diferentes segmentos industriais. Identificamos esse tipo de organização da produção presente na fábrica visitada, na medida que toda sua produção é realizada tendo em vista sua demanda.

fácil. Por exemplo, quando tem greve de transporte, fica mais fácil de nos organizarmos pra contratar vans e, assim, fazer a rota pra pegar o máximo de pessoas possível. Se a pessoa mora mais longe e tem carro, nós pagamos a gasolina e ela vem, assim fica mais fácil de gerenciar” (GERENTE DE PRODUÇÃO NÃO IDENTIFICADA, EM ANEXO).

O relato revela como o controle sobre o trabalho se torna um elemento importante no processo produtivo, bem como as facilidades de localização⁴⁰, fazendo com que seja vantajoso para que a unidade permaneça na capital da metrópole. As áreas periféricas, mais desvalorizadas como Jardim São Luís, Jardim Ângela, Capão Redondo, Grajaú e Cidade Ademar, tornaram-se vantajosas ao capital no que concerne a uma abundante concentração de força de trabalho. A organização sindical desses trabalhadores, com sub-sede em Santo Amaro, está atrelada ao sindicato dos padeiros ligados à UGT – União Geral dos trabalhadores⁴¹.

Quanto ao segmento químico, visitamos a unidade produtiva da Apsen. A empresa está em Santo Amaro desde 1969. Sendo de capital nacional, conta com uma média de 600 funcionários (DIÁRIO COMÉRCIO, INDÚSTRIA E SERVIÇOS, 2011). Segundo *IMS Health*⁴², na empresa foi investido de R\$ 55 milhões em modernização da planta no ano de 2012.⁴³ O jornal Diário, Comércio, Indústria e Serviços, mostra que o segmentos químico, sobretudo o farmacêutico-hospitalar, é o setor que menos sentiu os efeitos dos altos e baixos da crise econômica da última década, este segmento movimentou no país um montante de R\$ 34 bilhões em 2011; sendo o Brasil, segundo a mesma fonte, a 6º posição em relação ao consumo mundial de remédios.

Ao verificarmos a relação de valor adicionado por segmentos, nota-se que de 1996 à 2001 a indústria química produz o maior valor adicionado, contando com 22,9% do total da produção em 2001⁴⁴. Nos mapas 10, 11, 12 e 13 podemos observar que tais segmentos (alimentício e químico) concentrados no fragmento de Santo Amaro exercem maior centralidade tanto com relação à RMSP quanto ao interior, sobretudo no que diz

⁴⁰ A unidade está localizada próxima à estação de trem e terminal de ônibus Santo Amaro e da avenida nações unidas na Marginal Pinheiros, sentido centro.

⁴¹ A UGT foi fundada em 2007, a partir da fusão de antigos associados da CUT e da Força Sindical, esta é a terceira maior central sindical do país e está baseada em bandeiras típicas da social democracia, pautando-se na cidadania, na justiça social e no desenvolvimento sustentável. Embora essa breve exposição a respeito do sindicato, é preciso dizer que não iremos entrar na questão da organização sindical e dos trabalhadores, pois não houve contato direto e nem chance de entrevistá-los, nos atemos aos estabelecimentos fabris.

⁴² Disponível em: [http://www.dci.com.br/industria/apsen-planeja-investir-ate-r\\$-55-milhoes-em-modernizacao-id268426.html](http://www.dci.com.br/industria/apsen-planeja-investir-ate-r$-55-milhoes-em-modernizacao-id268426.html)

⁴³ Idem,

⁴⁴ Fundação SEADE, Paep, 1996 e 2001.

respeito ao valor adicionado, quanto à quantidade de trabalhadores vinculados ao emprego industrial.

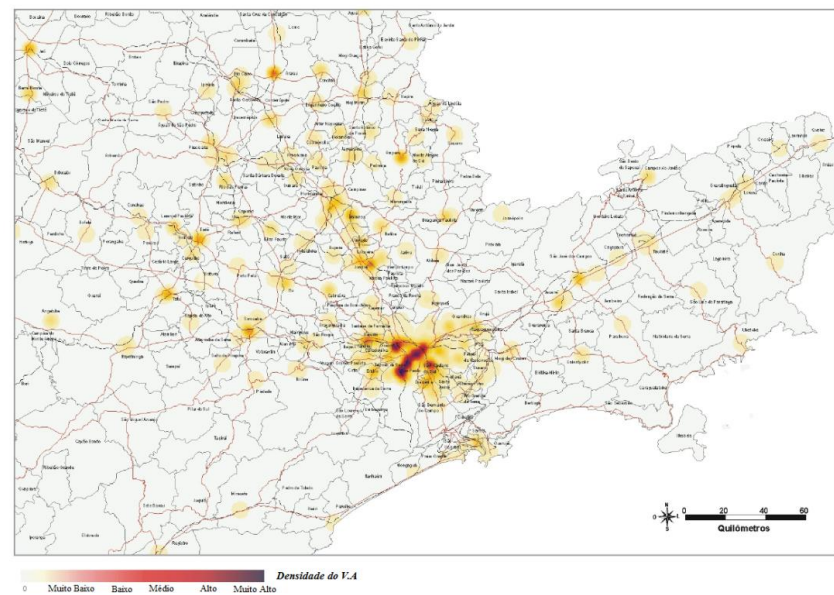
Ao passo que a desconcentração da indústria metalúrgica foi um componente importante para a fragmentação do parque industrial, ela também marcou o início da reconcentração de um novo perfil industrial, como apontaram Tunes (2003) e Marques (2010). Os segmentos de alta tecnologia, nesse caso o setor químico, apropria-se das vantagens de aglomeração ligadas diretamente à Infraestrutura, à abundância em de trabalhadores supostamente qualificados e a proximidade dos setores administrativos (MARQUES, 2010). A Bayer, tem uma característica peculiar dentre os demais segmentos concentrados em Santo Amaro, pois uma de suas unidades fabris está situada em uma área altamente valorizada, no bairro Granja Julieta no interior do perímetro da OUC Água Espraiada. Sua sede administrativa e grande parte de sua produção, está localizada no complexo industrial no distrito do Socorro, como veremos com mais detalhes adiante.

Com isso, a reconcentração desse novo tipo de indústria, em geral de bens de consumo não duráveis, em áreas altamente valorizadas ao norte do fragmento de Santo Amaro configura um dos sentidos da fragmentação do parque industrial paulista e, desse modo, de seu peso relativo tanto no que diz respeito ao número de estabelecimentos industrial quanto aos empregos o que não acompanhará a difusão do setor terciário e das atividades imobiliárias que se concentram no perímetro do vetor sudoeste, conforme aponta Pádua (2011) e Carlos (2010).

Contraditoriamente, apesar da redução quantitativa de estabelecimentos e empregos, essas áreas concentram valor adicionado na indústria, sobretudo nos segmentos químico e alimentício, o que nos faz indagar sobre os sentidos do termo *desindustrialização*. A partir dos dados apresentados acima, pode-se inferir que, mesmo residualmente, o termo desindustrialização não esclarece o processo de redistribuição das atividades fabris, na medida que o circuito produtivo tem um papel central no atual regime de acumulação do capital, mesmo sendo fragmentado.

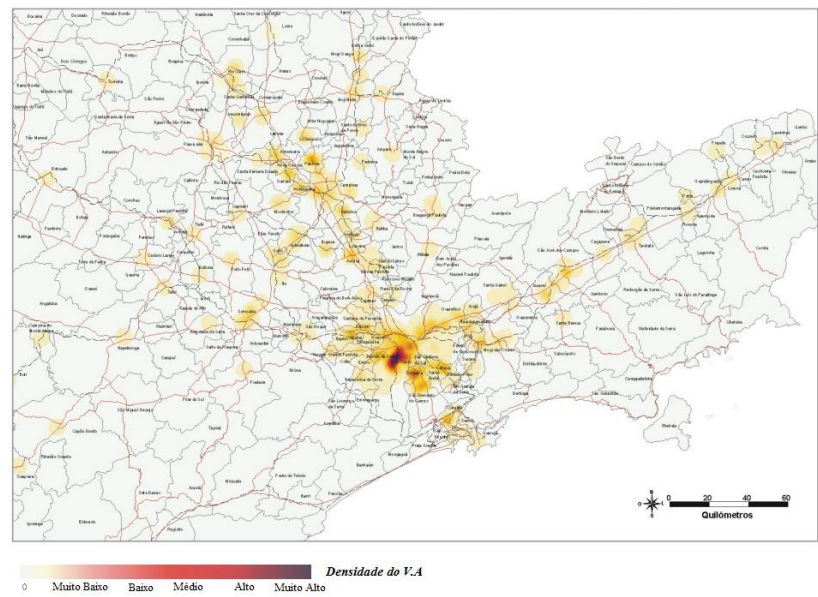
O processo produtivo, deste modo, passa a ter um novo sentido na reprodução das relações sociais de produção, incluindo o setor terciário que se ampliou exponencialmente nas últimas décadas ao longo das unidades produtivas fragmentadas.

Mapa 10 - Valor adicionado no segmento alimentício



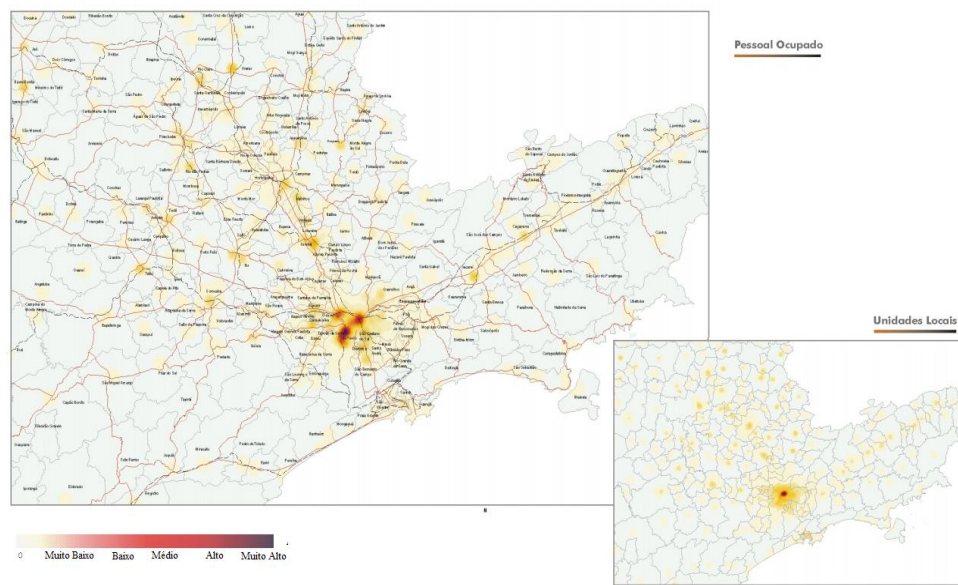
Fonte: Atlas Econômico Fundação Seade. Pesquisa da atividade econômica Paulista – PAEP. Cadastro de unidades locais, 2001

Mapa 11 - Valor Adicionado no segmento químico



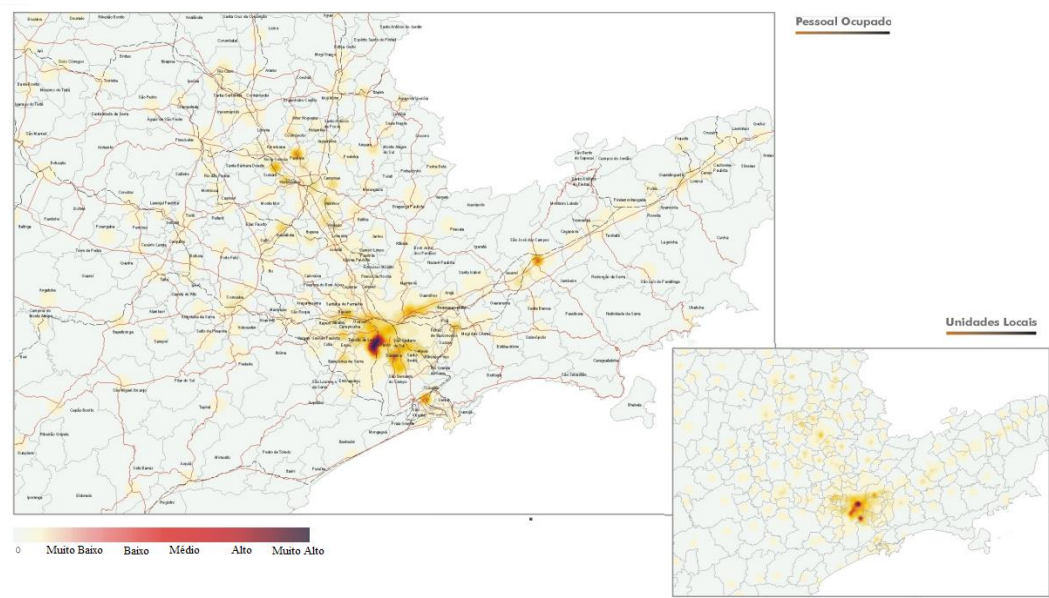
Fonte: Atlas Econômico Fundação Seade. Pesquisa da atividade econômica Paulista – PAEP. Cadastro de unidades locais, 2001

Mapa 12 - Pessoal ocupado e unidades locais do segmento alimentício



Fonte: Atlas Econômico Fundação Seade. Pesquisa da atividade econômica Paulista. PAEP

Mapa 13 - Pessoal Ocupado e Unidades locais da segmento químico



Fonte: Atlas Econômico Fundação Seade. Pesquisa da atividade econômica Paulista. PAEP.

2.2 Socorro e Jurubatuba: A industrialização da ponte pra cá

Ao analisar esse eixo que conforma o sul do fragmento do parque industrial de Santo Amaro, é possível evidenciar de início uma especificidade com relação aos demais lugares pesquisados. Nesse trecho, as indústrias mantêm o padrão dos grandes galpões industriais. A produção de bens de consumo duráveis é majoritária, embora o ramo químico acompanhe quase na mesma proporção os ramos metalúrgicos e mecânicos, concentrando, assim, a maioria dos estabelecimentos industriais. O segmento químico em especial, é aquele que mais concentrará o número de trabalhadores em ambos distritos. Nesta localidade estão alocadas algumas empresas de grande monta, como a *Supera*, a *Schneider*, a *Avon*, a *Baxter*, a *Cotec*, a *Allison Transmission*, a *Durr* e a *MWM*, concentradas em Jurubatuba e a *Bayer*, a *Kellogs*, a *Assa Bloy*, a *Auto Star*, a *Montana Química*, a *Womer* no bairro da Vila Socorro.

Nos entremeios de distritos emergem arquipélagos de habitações precárias que expressam as condições de reprodução da força de trabalho. Os moradores que ali se encontram vivem no entorno de galpões industriais de um lado e, de outro, de prédios de alto/médio padrão, ver fotos 5 e 6.

O grande paradoxo para o setor imobiliário é que o avanço das fronteiras do mercado de terras sobre os terrenos vagos (deixados por antigos galpões metalúrgicos) não consegue alcançar as taxas de valorização esperadas, como o ocorre ao norte⁴⁵, devido ao entorno que mantém grande concentração de indústrias e de habitações irregulares que se tornam barreiras a valorização. Diferente de Santo Amaro, onde a associação entre capital e Estado e a delimitação das OUCs favorece o capital voltado à atividade imobiliária e financeira.

Nas fotos 5 e 6, podemos observar a situação das favelas Pantanal e Jurubatuba que disputam espaços com os grandes empreendimentos, imobiliários e industriais. Ao conversar com moradores e ler matérias a respeito da situação, percebe-se que o poder público se torna um instrumento importante de pressão como ameaças de remoções às famílias que resistem em tais lugares, sobretudo por meio de indenizações.

⁴⁵ Adiante veremos mais precisamente como o bairro Jurubatuba tem sido um entrave para o lançamento de empreendimentos imobiliários de alto padrão, pois diferente de Santo Amaro, os tipos de edifícios que invadem a paisagem industrial em geral atendem à segmentos subalternos da classe média. Nas rebarbas de tais empreendimentos se situam bairros pobres e lugares sociabilidade operária que resistem no lugar há mais de 20 anos, carregando consigo um histórico com relação direta à industrialização do lugar.

Foto 5 - Favela Pantanal, esquina com o complexo administrativo da Bayer



Foto 6 - Condomínios Gafisa e a Favela Jurubatuba



Fonte: Alex da Silva Dias Américo, retiradas em 26/11/2016.

A favela de Jurubatuba, por exemplo, apresenta um quadro mais organizado de movimentos de bairro que conserva em sua sede o histórico da luta dos trabalhadores pela permanência na cidade. Ela existe desde a década de 1980, a proposta da prefeitura é construção de um parque em seu lugar⁴⁶.

Conforme podemos observar na tabela 6, o número de empregos e obras na construção civil mais que duplicaram ao longo do período entre 2000 e 2014, embora Campo Grande seja o distrito com maior área industrial construída na cidade de São Paulo, cerca de 881.468m² de suas áreas estão voltada ao uso industrial correspondendo ela à 5% do total da cidade.

Apesar do crescimento da indústria civil nos últimos anos, em Jurubatuba o valor dos lançamentos residenciais verticais não acompanhou o mesmo ritmo que Santo Amaro. Embora em 1995, ambos distritos tivessem valores próximos de venda de imóveis, de 2005 a 2014, Jurubatuba teve uma queda pela metade, passando de R\$ 233.827.842,00 para R\$ 107.360.000,00. A título de comparação, Santo Amaro, em 2014, apresentou um valor de vendas que supera a cifra de 1 bilhão de reais⁴⁷.

⁴⁶ Em matéria da revista rede Brasil Atual de 2012 foi feita uma cobertura completa da luta dos moradores da favela contra a empresa Gafisa e o Estado que se associaram para promover a remoção do bairro para construção de uma praça, o terreno da favela está pertence a prefeitura, à época, o poder municipal justificava a retirada da favela pela proximidade com o córrego Jurubatuba, embora não tenha mobilizado ações quanto a presença do condomínio. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/cidades/2012/03/sp-moradores-de-comunidade-na-zona-sul-denunciam-pressao-da-prefeitura-para-deixarem-o-local>, visto em: 02/12/2015.

⁴⁷ Dados obtidos pela Embraesp, 2015. Organizado pela secretaria municipal de desenvolvimento urbano de São Paulo.

Tabela 6 - Número de Obras e empregos na Construção Civil em Jurubatuba e Socorro

Distritos	Obras				Empregos			
	2000		2014		2000		2014	
	N	%	N	%	N	%	N	%
CIDADE DE SÃO PAULO	5.195	100,0	10.323	100,0	146.680	100,0	313.070	100,0
Socorro	33	0,60	71	0,70	481	0,30	1194	0,40
Campo Grande	51	1,00	124	1,20	1499	1,00	2945	0,90

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Relação Anual de Informações Sociais – Rais.

Esse aspecto explica parcialmente a distinção dos condomínios residenciais de Santo Amaro e Jurubatuba, sobretudo em relação à valorização do metro quadrado. Em Jurubatuba, tais empreendimentos são direcionados à classe média e trabalhadores especializados do setor de serviços administrativos que gozam de fácil acesso aos bairros Granja Julieta, Morumbi, Berrini, sendo estes locais de grande concentração de postos de trabalho, lazer e etc. A beira da Avenida das Nações Unidas há a concentração de concessionárias automotivas, algumas fábricas e centros de distribuição.

Até meados dos anos de 1990, no terreno do Shopping Center SP Market estava a fábrica metalúrgica da Caterpillar, hoje esta localidade é tida como estratégica, pois concentra ao mesmo tempo áreas de lazer e consumo voltadas aos moradores da periferia, cujo acesso é facilitado pela estação ferroviária (Jurubatuba-Linha Esmeralda) e pelos terminais de ônibus, mobilizando o consumo no/do lugar.

O bairro Vila Socorro se distancia de Jurubatuba, enquanto parte do eixo sul do parque industrial, pois sua paisagem não apresenta um confronto direto entre setor imobiliário e industrial. O perfil das pequenas ruelas e galpões metalúrgicos de pequeno porte já erodido pela história, marcam a paisagem de um lugar obscurecido nos trajetos da população trabalhadora que vai do centro a zona sul, esmagada entre si nos vagões frios da ferrovia.

Comparando a foto 7 com as fotos 8, 9, 10 e 11, verifica-se os traços diferenciais das ruas e avenidas, respectivamente, do distrito de Jurubatuba (foto 7) em relação a Vila do Socorro (demais fotos), da largura à extensão, as vias articulam pontos estratégicos da cidade, dotando de significados a circulação e distribuição das mercadorias que escoam da metrópole para outros territórios em várias escalas. A fluidez das mercadorias é um dado central para os espaços industriais, o que explica o porte dos estabelecimentos que se especializam nos dois distritos.

Foto 7 - Fábrica da Avon no cruzamento entre as avenidas Interlagos e Nações Unidas, Jurubatuba.



Fonte: Alex da Silva Dias Américo, retirada em 26/11/2016.

Foto 8 - Fábrica Maquimasa, R. Domingos Jorge, Vila Socorro



Foto 9 - Galpão desativado, R. Ferrovia Viana, Vila Socorro



Foto 10 – R. Alexandre Gusmão, Vila Socorro



Foto 11 – R. Olinda, Vila Socorro



Fonte: Alex da Silva Dias Américo, retiradas em 13/12/2016.

Sem criar oposições mecânicas entre as diferentes porções do fragmento, evidenciamos seus elementos gerais, começando pelas unidades fabris. A sede da

empresa transnacional alemã Bayer, por exemplo, está localizada na Vila Socorro, a fábrica é cercada por pequenas e médias unidades produtivas e exerce uma importante presença no fragmento por concentrar todo seu complexo corporativo (do administrativo ao produtivo)⁴⁸ no mesmo lugar. Além da unidade produtiva na Vila Socorro, recentemente a empresa alemã incorporou Monsanto por US\$ 66 Bilhões⁴⁹.

No Ranking das 100 maiores corporações mundiais com ações na bolsa de valores e de capital aberto, organizado pela *Tenet Partners* sobre os dados da fundação nova-iorquina *Coreband*⁵⁰, a Bayer se encontra na terceira posição estando atrás apenas de companhias como a *Coca-Cola* e a *Hershey* e a frente de empresas como *Walt Disney* e *Apple*. No Brasil a revista *Exame* a destacou entre as 10 maiores empresas em venda de produtos farmacêuticos no país, no ano de 2014 a empresa alemã faturou cerca de US\$ 766,3 milhões na venda de remédios genéricos⁵¹.

Apenas com essas pinceladas podemos ter um parâmetro da situação da corporação no Brasil, do plano dos fluxos financeiros (como a compra de títulos e ações mundo afora) ao plano do cotidiano, para tanto é só verificar a quantidade de propagandas voltadas à indústria farmacêutica que invadem a vida cotidiana oferecendo novas necessidades e impondo uma *qualidade de vida* programada como a cura aos males criados pelo mundo moderno, obscurecendo o papel do uso de medicamentos como mercadoria. Aprofundar o debate acerca da aquisição da Monsanto pela Bayer, no atual momento histórico, embora provoque uma miríade de reflexões, desvirtuar-nos-ia do objetivo. Sendo assim, permaneceremos no plano da fábrica, onde está o embrião de tais relações.

No Plano Diretor Regional (PDR) da subprefeitura da Capela do Socorro, destacamos alguns dos itens que dialogam diretamente com elementos da situação da indústria. Entre as posições e estratégias da subprefeitura estão as seguintes medidas: 1. “*atrair indústria e setores econômicos não poluentes e dotados de tecnologias sustentáveis*” (SUBPREFEITURA DA CAPELA DO SOCORRO, 2014, p3); 2.

⁴⁸ A Bayer tem duas sedes no Brasil, uma na RMSP e outra na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro o complexo industrial localiza-se na cidade Belford Roxo, na região da baixada fluminense, sendo a primeira sede da multinacional, neste local são produzidos medicamentos para animais e fertilizantes químicos. Em São Paulo, no bairro da Vila Socorro, são produzidos medicamentos e, na Granja Julieta (Santo Amaro), medicamentos anticoncepcionais e contraceptivos.

⁴⁹ Valor Econômico, 14/09/2016.

⁵⁰ <https://tenetpartners.com/top100/most-powerful-brands-list.html>

⁵¹ Revista Exame, 22 de Janeiro de 2015

“incentivar comércio, serviços e indústrias de pequeno porte por meio de galpões industriais ociosos ou vazios, propiciando a sua urbanização e gerenciamento por meio de cooperativas (tipo multle)” (SUBPREFEITURA DA CAPELA DO SOCORRO, 2014, p3) e, 3. “melhorar o aproveitamento da malha viária existente visando à redução dos custos de produção” (SUBPREFEITURA DA CAPELA DO SOCORRO, 2014, p3)⁵².

Foto 12 - Complexo administrativo e Industrial da empresa Bayer, Vila Socorro



Fonte: Alex da Silva Dias Américo.

Tais medidas revelam a forma como o poder público atua frente ao capital, a saber, encontramos meios para estimular a valorização e uso produtivo dessas áreas, sobretudo no distrito de Socorro. O termo *tecnologias renováveis* se comparado com o efeito negativo das indústrias que estão concentrados no distrito da Capela do Socorro é instigante, ali cerca de 20% dos estabelecimentos industriais ao setor metalúrgico e outros 20% ao segmento químico, embora historicamente considerados como ramos produtivos mais estiveram associados à poluição dos rios e solos, bem como a acidentes traumáticos⁵³ (Bayer é emblemática no nessa questão)⁵⁴.

⁵² Plano Diretor Regional (PDR), Subprefeitura Capela do Socorro, 2014. Anexo XIX I- Livro XIX.

⁵³ O ano de 1984 ficou marcado pelo desastre da Fábrica estadunidense: *Union Carbide* na cidade de Bhopal na Índia, sendo ela responsável pela morte de mais de 20 mil pessoas, causando sequelas à outras 570 mil pessoas da cidade. Esse foi um dos muitos casos que norteou e mobilizou uma série de políticas amparadas sob a perspectiva do desenvolvimento sustentável, sendo ele posteriormente, disseminado enquanto discurso legitimador para a reprodução do capital em escala planetária com o colapso do bloco soviético. A Norma regulamentada pela Internacional *Organization for Standardsation* (ISO) 14.001 surgirá ao longo dos anos 1990 como produto histórico desse contexto, sendo ele o fundamento ideológico legitimador para que as grandes corporações se atualizem às demandas do atual estágio de mundialização do capital, onde sua principal ameaça é: “o aquecimento do planeta” e a catástrofe ambiental legada pela realidade urbano-industrial, produto da modernidade. O ambientalismo empregado nos mais variados discursos de verniz humanista se constitui como uma das cabeças da quimera pós-moderna, atualizando desse modo a ideologia neoliberal.

Apesar da indústria química ser um dos ramos mais importantes para o distrito, é a produção de bens de consumo duráveis (metalúrgico, mecânico, elétrico, de materiais para transporte, madeiras e minerais não metálicos) que corresponde maior parte dos estabelecimentos industriais, como ocorre em Campo Grande (conforme já destacado). Ambos distritos têm mais da metade do total de estabelecimentos industriais voltados à produção de bens de consumo duráveis, sendo o inverso do cenário analisado nas localidades mais valorizadas ao norte de Santo Amaro e do distrito Jardim São Luis.

No período que delimitamos como recorte de pesquisa, entre 2000 e 2014, não ocorreram mudanças substanciais da proporção dos ramos produtivos (seja ele durável ou não durável) nas áreas mais valorizadas, ambos distritos (Socorro e Campo Grande) mantiveram as taxas entre 52 e 54 % do total de bens duráveis, sem muita variação. Entretanto, em Socorro, todos os segmentos obtiveram aumento do números absoluto de fábricas, saltando de 197 para 225 no período, isso ocorre devido ao grande número de pequenas unidades fabris ali concentradas, essas são mais voláteis e, portanto, não resistem a concorrência com os grande grupos migram para aquela localidade⁵⁴. O que não ocorreu em Jurubatuba, devido ao elevado número de estabelecimentos de médio e grande porte, que manteve por mais tempos as unidades produtivas no lugar e, concomitantemente, um número maior de operários (os segmentos de material de transporte e químico, são aqueles com maiores fábricas e maior número de operários).

A partir dessas determinações, que tangem a produção do espaço como um dos momentos hegemônicos de reprodução crítica do capital, é preciso aprofundar o debate. As diferentes perspectivas levantadas, cada qual à seu modo e à seu tempo, buscaram desvendar tais processos de acumulação do capital na metrópole, tendo em vista as reestruturações produtivas e do capital, ambas em conformidade com os sentidos da industrialização no contexto das grandes metrópoles. Situaresmos adiante o problema.

⁵⁴ O caso do acidente causado pela explosão de inseticida na sua fábrica em Belford Roxo, na região da baixada fluminense(RJ), criou um acalorado debate entre Ongs, ambientalistas e moradores dos bairros vizinhos, muito embora a escala do acidente tenha ficado restrito ao plano local.

⁵⁵ A empresa alemã Kaeser que produz sobreadores de ar para outras indústrias metalúrgicas, nesse caso bens de Capital, é um exemplo desse processo migratório, pois a mesma migrou de Jurubatuba para Vila Socorro, alegando ser mais vantajoso devido o baixo custo de seus aluguéis.

3. Desindustrialização, desconcentração industrial e Reestruturação produtiva: situando o problema e sua pertinência no debate atual

Neste capítulo, buscaremos situar as principais abordagens que tangenciaram a explicação dos fenômenos recorrentes à reestruturação do capital nos fins do século XX, tendo em vista a concentração (desconcentração industrial) e centralização (gestão administrativa e empresarial na metrópole) do capital na metrópole, processos estes fundamentais no rearranjo industrial que ocorrerá nas últimas três décadas.

Scarlato, já nos fins dos anos de 1980, momento no qual o debate sobre o tema na ciência geográfica era ainda incipiente, compreenderá tais transformações no que tange à mobilidade das indústrias, seguindo uma orientação teórica na qual a espacialização do setor produtivo será a condição para o processo de metropolização das principais cidades nos países periféricos, Assim, para o autor:

A descentralização dos estabelecimentos industriais ao redor da região metropolitana de São Paulo, levados muitas vezes por incentivos fiscais e políticos governamentais de descentralização do crescimento, esteve sempre apoiada na ideia do aproveitamento da força de trabalho abundante e barata que essas regiões apresentavam. Sabemos que os preços das terras e as dificuldades de obtenção de amplos espaços que as modernas indústrias necessitam, também contribuíram para que as mesmas saíssem do centro da RMSP (SCARLATO, 1987, p.130)

No fragmento acima observamos uma perspectiva muito influenciada pelo paradigma das “deseconomias de aglomeração” ao usar o termo descentralização industrial. De todo modo, ao considerar esse conjunto de elementos como autoexplicativos, sem apontar na direção da particularidade de tal mobilidade, o mesmo acaba reduzido há uma interpretação estritamente lógica do processo produtivo.

A compreensão das mudanças do perfil produtivo do estado de São Paulo no período da ditadura militar, esteve muito associada aos estudos no campo da economia espacial, dando centralidade quase sempre aos fatores estritamente locais e estruturais.

Lencioni (1991), ao tencionar os limites lógico-formais das principais ideias amparadas nesse modo de compreensão, dentre eles o exposto por Scarlato, defende que a produção industrial na região metropolitana tem se desconcentrado, e não descentralizado, ao longo das últimas décadas, na abordagem da autora esse movimento tem por base as tendências imanentes à reprodução do capital já sinalizadas por Marx

no século XIX , como as categorias concentração e centralização, que desse modo expressará a mobilidade do capital na sua busca em valorizar-se, nesse sentido, a cidade de São Paulo passa a ser o território da gestão do processo produtivo, sendo assim, a autora defende que:

A compreensão da distribuição espacial da indústria está além da questão locacional, no sentido de deslocamento, realocação ou criação e fechamento de empresas, porque não é a localização que explica a mobilidade. Ao contrário, É a partir da mobilidade espacial do capital que se explica a realocação, a dinâmica da distribuição espacial. (LENCIONI, 1991, p.232)

A centralização do capital na metrópole teve uma relação estreita com frações de capitais que se reagruparam e, assim, criaram as condições objetivas para tendência ao monopólio. A metrópole de São Paulo no bojo desse movimento passa a ser o campo privilegiado, desse modo, ditando os rumos da economia no território, ao mesmo tempo, ampliando suas disparidades internas. A autora defende que as atividades de serviços na metrópole e o espraiamento da indústria para além dos limites metropolitanos em direção ao interior próximo, num raio aproximado de 150 km.

As indústrias em São Paulo, conforme os casos destacados ao longo do trabalho, são a expressão desse movimento, sendo elas exemplos de segmentos de não duráveis de alta rentabilidade e intensidade tecnológica que se mantiveram no eixo industrial nessas áreas lócus da centralização do capital, sendo elas segmentos distintos da metalurgia tipicamente de padrão fordista periférico.

Pádua (2011) partirá das considerações de Lencioni (2008) e Carlos (2003) no que tange à sua compreensão sobre a reprodução da metrópole, tendo como objeto de pesquisa as rápidas transformações dos lugares nos quadrantes de intensa valorização da cidade, sendo elas num passado recente lugares de intensa atividade fabril e sociabilidade operária, que atualmente vem perdendo terrenos para o capital imobiliário.

Ao longo de seus trabalhos o autor buscará discernir as implicações sobre os novos usos dos espaços nos quais alocavam antigos galpões, em geral do segmento metalúrgico. Assim, os “*espaços de desindustrialização*”, são as novas “*fronteiras*” onde os grandes agentes hegemônicos (sobretudo mercado imobiliário) forçam, de modo coercivo, a atividade imobiliária, ampliando, assim, o preço do metro quadrado destas áreas. Segundo o autor,

Os espaços de desindustrialização objeto de nossa pesquisa mostram a transformação, o momento de passagem de lugares com uma sociabilidade fundada na industrialização para lugares de expansão do mercado imobiliário, sobretudo. Por se tratar de um momento de passagem, encontramos inúmeras permanências e inúmeras rupturas, o novo vai destituindo o antigo. Estamos diante da produção de um novo espaço em lugares consolidados da cidade, transformando a paisagem e a vida social desses lugares, apesar da velocidade e da profundidade desse processo, creditamos que podemos indicar na pesquisa a produção de novas contradições e apontar as tendências da urbanização contemporânea de São Paulo. (PADUA, 2011, p.26)

Tendo em vista tais considerações, podemos concluir que a sua concepção no que diz respeito à realidade industrial, em geral se resume à saída de um segmento industrial específico do fragmento, sendo ele o ramo de bens de consumo. Será o grande número de fábricas do ramo metalúrgico na produção de autopeças e aparelhos eletrônicos que explicará a formação e crescimento de Santo Amaro. Observamos que será a queda relativa dos estabelecimentos e empregos na indústria frente à expansão das atividades de serviços que levará o autor a tais conclusões, o que nos provoca a seguinte indagação: O que é a industrialização para que um mesmo espaço se desindustrialize? De onde partiram tais conceituações? O conceito de *desindustrialização* surgiu para explicar esse tipo de situação que o autor aponta em suas reflexões sobre a realidade de Santo Amaro?⁵⁶

Lenin (1985) em sua célebre obra, *Imperialismo: Fase superior do capitalismo*, ao buscar desvelar as profundas transformações da realidade dos países imperialistas no limiar do século passado, chamou a atenção para tais elementos levantados pelos autores anteriores (concentração e centralização do capital). A indústria será concebida no seu plano mais geral, muitas vezes associada ao circuito: produção, distribuição e troca, seguindo os apontamentos de Marx e Hilferding criticamente. Atento às tendências de seu tempo, o autor observa o papel que tal movimento teve para explicar a formação dos monopólios, onde os bancos exerceriam um papel ativo nesse processo. Eis o sentido de capital financeiro referido pelo autor, sendo ele a unidade entre capital industrial e bancário.

⁵⁶ A esse aspecto o termo: “*espaços de desindustrialização*”, segundo o autor, cabem apenas à lugares pontuais da metrópole em geral maioria deles estão nas delimitações de intervenções urbanísticas, alguns casos produto de OUC, o mesmo entende que o termo não pode ser generalizado à escala da metrópole. Apesar de que em alguns momentos o autor fará uso do termo para explicar tendências inerentes à importantes parques industriais que passam por transformações, tais como Santo Amaro e Vila Leopoldina, sem buscar elementos explicativos em outros lugares da metrópole, nesse caso, especializando sua análise quase sempre ao vetor sudoeste.

Nas ciências sociais, incluindo a ciência geográfica, a partir dos fins dos anos 1980, passou-se a ser comum associar o industrial como o outro do financeiro, desse modo, perdendo de vista sua unidade contraditória e cindindo a realidade em fragmentos isolados destituídos de materialidade e relação. A crise estrutural do capital nos anos 1970 que atravessa até nossos dias na sua fase mais aguda, deu um “*nó na cabeça*” de muitos que buscaram entender tal processo em seus fundamentos.

Provocado ao debate, Mézarós (2009) destaca: “/.../ as formas tradicionais de enraizamento hierárquico-estrutural da divisão funcional do trabalho tendem à desintegrar sob o impacto da concentração do capital e da socialização do trabalho sempre crescentes” (MÉSZAROS, 2009, p.54). Será nesse dilema, tendo em vista suas particularidades que se encontram à fragmentação da produção na metrópole, onde cada vez mais os parques industriais na cidade se fragmentam não seguindo necessariamente a explosão do urbano nas grandes metrópoles, contraditoriamente, o trabalho amplia seu caráter cooperativo e no contexto dos países periféricos essa sincronização do desenvolvimento tecnológico no processo de mundialização faz com que tais espaços se escamoteiem na paisagem urbana o que escapou à Pádua (2012) na sua conceituação, definindo os espaços de desindustrialização como expressão de um momento hegemônico da expansão das atividades terciárias, sendo elas a realização do capital financeiro na metrópole.

Indagado sobre essa tendência já anos 1970, Lefebvre (2008) dirá que a partir desse momento histórico que o setor imobiliário será responsável pela absorção dos choques decorrentes das crises de superprodução, desse modo, exercendo a absorção dos fluxos de capitais para esse setor, assim, suplantando o setor da indústria de transformação.

Sobre essa questão, afirma o autor:

O imobiliário, como se diz, desempenha o papel de um segundo setor, de um circuito paralelo ao da produção industrial voltada para o mercado dos “bens” não duráveis, ou menos duráveis que os imóveis. Esse segundo setor absorve os choques. Em caso de depressão, para ele afluem os capitais. Eles começam com lucros fabulosos, mas logo se enterram. Nesse setor os efeitos multiplicadores são débeis: Poucas atividades são induzidas. O capital imobiliza-se no imobiliário. A economia geral (dita nacional) logo sofre com isso. Contudo o papel desse setor não deixa de crescer. Na medida em que o circuito principal, o da produção industrial corrente dos bens “mobiliários” arrefece seu impulso, os capitais serão investidos no segundo setor, o imobiliário. Pode até acontecer que a especulação fundiária se transforme na fonte principal, o lugar quase exclusivo de formação de capital, isto é, de realização da mais-valia. Enquanto a mais-valia global formada e realizada

na indústria decresce, aumenta a parte da mais valia formada e realizada na especulação e pela construção imobiliária. (LEFEBVRE, 2008, p.144)

Tais elementos levantados pelo autor esclarecem muitos aspectos no que tange a incorporação de áreas industriais pela atividade imobiliária e seus vínculos íntimos com a esfera financeira. O imobiliário é entendido por Lefebvre também como um ramo produtivo, tendo ele especificidades no que tange à especulação fundiária, dado este importante se pensarmos a atual realidade de Santo Amaro nesse contexto. Buscamos mostrar as dinâmicas e contradições internas da espacialização dos ramos produtivos nesse momento do urbano, bem como sua fragmentação e alternância dos ramos nas áreas mais valorizadas, o ramo químico se destacará frente aos demais segmentos em todo fragmento.

Embora as taxas de crescimento do emprego industrial, bem como o número de estabelecimentos tenham decrescido com relação à explosão decorrente das atividades imobiliárias, vimos que a cidade ainda cumpre um papel importante no que tange à concentração de determinados setores produtivos (caso do segmento têxtil) que aumentou o número de trabalhadores industriais na última década (RAIS, 2014).

O eixo industrial, por nós delimitado, cumprirá um papel importante nesse processo, na medida que ele ocupa atualmente uma das áreas que concentra maior número de operários, o que relativiza o termo *desindustrialização* para muitos desses lugares situados no perímetro de reestruturação e qualificação urbana previsto no PDE 2014⁵⁷.

A consequência dessas transformações regida pela unidade contraditória: concentração e centralização do capital na cidade (territorialização da gestão empresarial e desconcentração da indústria) trouxeram permanências e rupturas colocando um novo sentido à industrialização gestada nessas áreas. Segundo Smith (1984) o desenvolvimento desigual se expressa pela diferenciação do espaço, produto da divisão territorial do trabalho decorrente do regime de acumulação do capital em suas diferentes escalas, que irá desvelar as especificidades internas do nosso fragmento enquanto particularidade de um todo.

⁵⁷ Haja vista que o distrito onde Pádua(2011) identificou a emergência de “*espaços de desindustrialização*” é atualmente o distrito com maior número de estabelecimentos no fragmento de pesquisa.

Smith (1984) afirma:

Quanto mais avançada esteja a divisão do trabalho, maior tende a ser o número de serviços e atividades acessórias exigidas por um processo de produção e maior será a esfera de capital produtivo que pode ser empregado em comum, comandando os poderes de cooperação geográfica. Há, assim, uma tendência para o agrupamento espacial de capitais em locais de produção determinados. (SMITH, 1984, p.181)

Tendo em vista tais apontamentos mais amplos, sinalizadas pelo geógrafo, a diferenciação do espaço no fragmento de pesquisa se atenua ao passo em que se territorializam as transnacionais e multinacionais no fragmento, mudando a configuração na qual o espaço foi estruturado que resultou na paisagem urbana de um padrão industrial concentrado específico das grandes cidades brasileiras no século XX. Santo Amaro continua sendo um eixo industrial estratégico para a cidade que vem passando por tais transformações, muito embora os deslocamentos de determinados segmentos tenham implicado na sua perda relativa, tanto em área construída como em números de empregos.

A “*crise social*” da realidade urbana, nesse sentido a “urbanização crítica”, representa a pura barbárie do capital no atual estágio de esgarçamento das políticas neoliberais imperialistas implementadas no território desde os anos 1990. As habitações autoconstruídas nas bordas destes espaços de valorização imobiliária, se tornam lugares de confinamento de grandes massas trabalhadoras, impulsionadas em um curto espaço por um tipo de industrialização determinado, parte dessa massa se encontram subordinadas ao subproduto do modo de acumulação sendo ele sua própria negatividade.

As lideranças coronelistas⁵⁸ participam como agentes ativos e produtores do espaço, cooptando e mobilizando lideranças de bairros e associação de moradores por um tipo de sociabilidade específica na urbanização crítica da metrópole, permeada pela violência e atendendo à legalidades próprias, sem o respaldo jurídico que as legitimem enquanto tal. Carlos (2005) mostra que o narcotráfico alcançou a condição de setor econômico, extrapolando os limites territoriais da escala metropolitana e do Estado, produz-se, ao seu modo, um circuito produtivo e uma divisão social e territorial do

⁵⁸ O termo “*lideranças coronelistas*” fazemos referencia à representantes políticos locais, em geral ligados à grupos familiares que exercem influencia política na escala do território. Em geral vereadores, deputados estaduais e federais dos mais diversos partidos que negociam o melhoramento do bairro, concessão de bens(Imóveis) e festas às lideranças locais em troca de votos e influencia política.

trabalho, em alguns casos estruturado dentro de uma hierarquia legitimada pelo medo e coação.

Finalmente, o panorama ao qual apresentamos no início do trabalho com a expressão: “todo caótico”, segue há um determinado tipo de legalidade mediada por relações sociais entre os homens que buscamos expor ao longo da reflexão.

Tais relações colocam em cheque próprio conteúdo humano imanente ao ser social, a violência passa a ser o pressuposto para sua realização na forma do estranhamento do próprio produto do trabalho, a cidade. O atual estágio da financeirização da economia, a partir dos apontamentos iniciais levantados por Lenin há exatamente um século atrás, nos coloca diante do problema da pesquisa, em um momento de profundas derrotas e ataques do capital contra os mais variados segmentos dos trabalhadores em luta pela cidade em sua universalidade, produto este do seu trabalho.

Considerações Finais

Os caminhos e descaminhos percorridos pelo trabalho elucidaram algumas questões no que concernem ao atual estágio da industrialização no processo de reprodução da metrópole, isso nos conduziu à uma reflexão mais profunda acerca da fragmentação dos espaços industriais de Santo Amaro, sendo ele representado como a fronteira para a realidade do extremo sul da cidade de São Paulo. Mostramos ao longo do trabalho a fragmentação dos espaços industriais de São Paulo como um elemento crucial neste momento em que se afirma a reprodução da metrópole, produzindo deste modo um cotidiano específico de uma massa de trabalhadores incorporados criticamente ao processo de produção. Tais elucidações também trouxe consigo uma cadeia de lacunas que precisam ainda ser exploradas em trabalhos futuros .

A ponte João Dias que atravessa o rio Pinheiros simbolicamente representa um muro divisor entre (em direção à sul de socorro)bairros populares da população pobre e trabalhadora da cidade e a valorização à norte de Santo Amaro em direção ao centro, ao longo das margens do rio Pinheiros.

No fragmento industrial delimitado pela pesquisa, formou-se em suas bordas um anel constituído por bairros pobres que se espriam para além das áreas de mananciais à sul, em distritos como: Jardim São Luis, Jardim Ângela, Capão Redondo, Cidade Dutra, Grajaú, Parelheiros, Cidade Ademar e Jabaquara.

O emprego industrial, embora tenha crescido na última década, passa à absorver pequenas frações dessa massa excedente de força de trabalho, o que nos impulsiona a refletir a própria crise do emprego e os novos sentidos postos entre relação capital x trabalho. A informalidade, a expansão dos serviços terciários sejam eles financeiros ou de trabalho autônomo, flexibilização das relações de trabalho orquestradas pelos principais agentes do Estado e capital, reduzem a vida urbana nas periferias ao controle e coação, seja pela polícia, seja pelo crime organizado ou mesmo grupos pentecostais.

Muitos movimentos sociais e populares que emergiram nas principais metrópoles brasileiras nas ultimas décadas, tais como: Movimento dos trabalhadores sem teto (MTST) MPL (Movimento Passe Livre), o movimento de estudantes secundaristas “*Mal educado*”, os vários cursinhos populares organizados por estudantes de universidades públicas, bem como as principais oposições sindicais que tem mostrado um papel importante, porém ainda incipientes, de organização da classe nos

últimos anos⁵⁹ revelam resistências, ao mesmo tempo, sinalizam na direção oposta à esse modelo de urbano que se afirma negativamente, vislumbrando caminhos possíveis de luta e superação. Embora muitas de suas pautas se apresentem como pontuais, espontâneas e sem articulação com outros setores, mostram sua força no conjunto e no acúmulo de embates em diferentes esferas da vida urbana.

Vimos no primeiro capítulo que o “Milagre” foi a condição para a própria crise social, sendo ela o pano de fundo para a generalização das lutas de classes protagonizadas pela classe operária dos anos 1970 e 1980.

A reestruturação produtiva que irá se afirmar ao longo dos anos 1990 em Santo Amaro, teve uma dupla determinação: de um lado ampliou as taxas de produtividade do capital e, por outro, foi um contraofensiva à organização dos movimentos sociais de base sindical que tinham forte atuação na zona sul. A saída dos galpões metalúrgicos para outros municípios abrirá caminho ao mesmo tempo à indústria de construção civil e a produção de bens de consumo não duráveis, sendo eles os setores alta intensidade tecnológica criando as condições para expansão do vetor sudoeste em direção à norte de Santo Amaro.

Nas última década, nesse caso de 2000 à 2014, tais tendências de fragmentação dos espaços industriais ao longo dos anos 1990 se atenuaram, criando, assim, uma divisão territorial do trabalho interna ao próprio fragmento. Em outras palavras, se concentrará a produção de bens consumo não duráveis (químico e alimentício) nos espaços mais valorizados à norte, enquanto à sul se concentrará a produção de bens de consumo duráveis

Na medida que nessa no fragmento se concentre diferentes segmentos de norte à sul, será nele que se concentrará o maior valor adicionado à produção industrial na metrópole, bem como um dos espaços industriais que mais emprega operários na metrópole, multinacionais e transnacionais.

Este fragmento industrial revela a lógica pela qual se insere a industrialização no bojo da reprodução crítica da metrópole em um contexto de aprofundamento da crise na cidade.

⁵⁹ Destacamos a ocupação de fábrica MABE como um importante movimento que teve como base de apoio os principais setores CSP-Conlutas e Intersindcal.

Referências

- ALVAREZ, Isabel. **A reprodução da metrópole: o projeto eixo tamanduathey**. São Paulo. (Tese) Doutorado, São Paulo. 2008. 252p
- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2003. 253p.
- BESSA, Vagner; MUNHOZ, Juliana Colli; PAULA, Aline. **Território e Desenvolvimento Econômico**. (Org.) COMIN, Alvaro; WISSENBACH, Alvaro, FREIRE, Carlos. In, Metamorfoses Paulistanas: Atlas Geoeconômica da Cidade. São Paulo. Prefeitura de São Paulo. 2010
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (Re)Produção do Espaço Urbano**. São Paulo: Edusp. 2003.
- _____. **A reprodução da cidade como “negócio”**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri & CARRERAS, Carlos. **Urbanização e Mundialização: estudos sobre a metrópole** (Novas Abordagens. Gols; v. 4). São Paulo: Contexto, 2011b, pp. 29-37.
- CHASIN, José. **As Máquinas param germinar a democracia**. In. A miséria Brasileira: do golpe militar à crise social. São Paulo. AdHominem. 2000. p.79-p.100
- CHESNAIS, François. **O movimento próprio da mundialização financeira** In: A mundialização do capital. São Paulo: Xamã, 1996, p.237 – p.272.
- DASSOLER, Elisa. **Do triângulo da morte ao círculo das artes: um olhar sobre a movimentação cultural da periferia sul de São Paulo**. São Paulo. (2006)
- DAMIANI, Amélia Luisa. **Urbanização crítica e situação geográfica a partir da metrópole de São Paulo**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri & OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografias de São Paulo: representação e crise da Metrópole**. São Paulo: Contexto 2010, p. 19-58.
- _____. **A geografia e a produção do espaço da metrópole: entre o público e o privado**. In CARLOS, Ana Fani Alessandri & CARRERAS, Carlos. **Urbanização e Mundialização: estudos sobre a metrópole**. São Paulo: Contexto 2005, p.38 – p.50.
- DINIZ, Clélio Campolina. **Impactos territoriais da reestruturação produtiva**. O futuro das metrópoles: desigualdades e governabilidade. Rio de Janeiro: Revan, 2000. p.21 – p.59
- DEÁK, Csaba. **Acumulação entravada no Brasil e a crise dos anos de 1980**. In: DEÁK, Csaba & SCHIFFER, Sueli Ramos (orgs.). **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010a, p. 19-48.
- COELHO, Maria Neuma Gomes. **O movimento Sindical Metalúrgico em Santo Amaro entre as décadas de 1970 à 2000**. São Paulo (Dissertação) Mestrado, São Paulo, 2007. 250p.
- FERRARI, Terezinha. **Fabrilização da cidade e ideologia da circulação**. São Paulo: Terceira Margem, 2005a. 205p.
- FRANCESCONI, Lea. **Trabalho e Indústria em São Paulo**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri & OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografia de São Paulo: representação e crise da Metrópole**. São Paulo: Contexto 2010, p. 115-130.
- GEORGE, Pierre. **Geografia Urbana**. Barcelona: Ediciones Ariel S.A., 1969a. 202p.
- _____. **Geografia Industrial do Mundo**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 1971. 116p.
- HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004. 201p.
- _____. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 2005b. 349p.

KOWARICK, Lucio. **A espoliação Urbana**. São Paulo: Paz e Terra.1979. 202p.

LENCIONI, Sandra. Mudanças na metrópole de São Paulo (Brasil) e transformações industriais. *Revista do departamento de Geografia*, n.12, p.27-42, 1998.

_____. **Regiões metropolitanas do Brasil, radiografia da dinâmica recente do emprego industrial e da remuneração do trabalhador**. In: LEMOS, Amalia Inés Geraiges de, ARROYO, Mónica & SILVEIRA, Maria Laura. *América Latina: cidade, campo e turismo*. São Paulo: *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales* (CLACSO), Dezembro, 2006, pp. 107-118.

_____. Concentração e centralização das atividades urbanas: uma perspectiva multiescalar. Reflexões a partir do caso de São Paulo. *Revista de Geografia Norte Grande*, n.39, p.7-20.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Editora Centauro, 2001. 144p.

_____. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 176p.

_____. **O espaço**. Espaço e Política. Belo Horizonte. UFMG, 2008.

_____. **A cidade e a divisão do trabalho**. O pensamento Marxista e a cidade. São Paulo Uilisseia, 1972 p.29 – p.75.

_____. *Lógica Formal, Lógica Dialética*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1979.301p.

LIMA, Saulo de Castro. Da substituição de importações ao Brasil Potencia. *Aurora*. v. 5, n.7,p.34 –p.43. 2011.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012. 434p.

LENIN, Vladimir Ilich. *Imperialismo fase superior do capitalismo*. São Paulo, Global, 1985.p.127

MANDEL, Ernest. **Crise do Capital**. São Paulo: Editora Ensaio, 1990. 350p.

MÉSZAROS, Istivan. A crise Atual. In. **Crise estrutural do Capital**. São Paulo, Boitempo.2009.p.31 – p.42.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos Filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. 175p.

MARQUES, Juliana Di Cesare Margini. *Territórios da Indústria revisitados: a trajetória da atividade industrial*. São Paulo(Tese) Doutorado.2010.381p.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo. Martins Fontes. 1977.p.347

_____. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, Livro 1.1985a.

_____. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007. 613p.

MORAES, Antônio Carlos Robert & COSTA, Wanderley Messias. **Geografia Crítica: A Valorização do Capital**. São Paulo. Hucitec.1984. p.196

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro**: as matrizes clássicas originárias, as matrizes da renovação e as matrizes brasileiras. São Paulo: Contexto, 2008, v. I, II e III.

MOMBEIG, Pierre. **O crescimento da cidade de São Paulo**. In.: SZMRECSÁNYI, Tamás (org.). São Paulo: Globo, 2004, pp. 14-115.

OLIVEIRA, Chico. **Crítica a Razão Dualista: O Ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003. 150p.

_____. **A Economia da Dependência Imperfeita**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980. 159p.

PADUA. Rafael Faleiros. *Implicações socioespaciais da desindustrialização e da reestruturação do espaço em um fragmento da metrópole de São Paulo*. São Paulo. 2008

Dissertado (mestrado) – FFLCH, Universidade de São Paulo.(2011)p.295

_____.**Espaços de desindustrialização na reprodução da metrópole.** São Paulo.2012. Tese(Doutorado em Geografia) – FFLCH, Universidade de São Paulo.

_____. **Espaços de desindustrialização na urbanização da metrópole.** In: Carlos, Ana Fani Alessandri. Crise da Cidade, São Paulo: Contexto, p.85-p.103.

PENTEADO, Antônio Rocha. A cidade de São Paulo e seus Subúrbios In. AZEVEDO, Aroldo de, 1958. v.V.

PETRONE, Pasquale. **A cidade de São Paulo no século XX.** In: SILVA, Raul de A., MATOS, Odilon N. e PETRONE, Pasquale (org.). A evolução urbana de São Paulo. São Paulo: Coleção Revista de História, v. 10, números 21-22, 1955, p. 127-170. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/issue/view/2982>, acessado em 02/12/2013.

PRADO JÚNIOR, Caio. **A cidade de São Paulo: Geografia e História.** In. Evolução Política do Brasil. São Paulo. Companhia das Letras. 2012 p.101-p.122.

ROLNIK, Raquel. Reestruturação urbana da metrópole paulistana: análise de territórios em transição. Relatório final de pesquisa. São Paulo, 2000.

_____. São Paulo, início da industrialização: o espaço é político . In: Lúcio Kowarick. (Org.). As Lutas Sociais e a Cidade. São Paulo: Paz e Terra / UNRISD, 1988.

SANTOS, Milton **Metrópole Corporativa Fragmentada.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009a. 129p

_____. **Por uma Economia Política da Cidade.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009b. 139p.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Os meandros dos rios nos meandros do poder. Tietê e Pinheiros – valorização dos rios e das várzeas na cidade de São Paulo.** Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 1987. 289p.

SOJA, Edward. A geografia histórica da reestruturação urbana e regional. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993. p.191- 300.

SMITH, Neil. Desenvolvimento desigual: Natureza, capital e a produção do espaço. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil.1984. p.250.

SCARLATO, Francisco Capuano. **Metropolização de São Paulo e o terceiro Mundo.** São Paulo, Iglu. 1987. p.145.

SCIFONI, Simone. AMÉRICO, Alex da Silva Dias e GARIANI, Lucas Pinheiro. A Favela Jardim da Felicidade e a problemática da moradia em São Paulo. Relatório de Pesquisa do programa Ensinar com Pesquisa. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014. 41p.

SOTO, William Héctor Gómez. Subúrbio, periferia e vida cotidiana. Estudos Sociedade e Agricultura, abril 2008, vol. 16 no. 1, p. 109- 131.

SPOSITO, Maria da Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização.** São Paulo: Contexto, 2001. 80p.

VILLAÇA, Flávio. **A Crise do Planejamento Urbano.** In: São Perspectiva Revista da Fundação Seade. São Paulo: Fundação Seade, vol. 9, nº.2, Abr-Jun/1995, pp. 45-51.

TUNES, Regina Helena. Da Desconcentração à Reconcentração Industrial: a análise da relação entre a dinâmica do espaço e a dinâmica dos ramos industriais no Município de São Paulo no final do século XX, (Dissertação) Mestrado, São Paulo, 2004. 250p.

Fontes Digitais Consultadas

BERTOLINO, Osvaldo. A crise do fordismo In: Rede de Estudos do Trabalho: <http://www.estudosdotrabalho.org/artigo-osvaldo-bertolino-crise-fordismo.pdf>. Acessado em 12/11/2016.

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/9/20/cotidiano/41.html>. Acessado em 12/11/2016.

Prefeitura de São Paulo, Anexo XIX - Livro XIX - Plano Regional Estratégico da Subprefeitura Capela do Socorro. São Paulo, 2014: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/desenvolvimento_urbano/legislacao/planos_regionais/index.php?p=1761. Acessado em 25/06/2016.

Prefeitura de São Paulo , Anexo XVIII – Livro XVIII - Plano Regional Estratégico da Subprefeitura M'Boi Mirim. São Paulo, 2014: http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/secretarias/planejamento/zoneamento/0001/par te II/m_boi_mirim/411%20ANEXO%20XVIII%20do%20Livro%20XVIII.PDF. Acessado em 25/06/2016

Prefeitura de São Paulo, Anexo XIV – Livro XIV - Plano Regional estratégico da Subprefeitura de Santo Amaro. São Paulo, 2014: http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/secretarias/planejamento/zoneamento/0001/par te II/sto_amaro/323%20ANEXO%20XIV%20do%20Livro%20XIV.pdf Acessado dia 25/06/2016

Prefeitura de São Paulo, Lei nº 16402 Parcelamento e Uso do Solo da Cidade de São Paulo, 2016: http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2016/12/GEST%C3%83O-smdu-zoneamento_ilustrado.pdf Acessado em 05/08/2016.

Prefeitura de São Paulo, Geosampa: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx. Acessado em 07/10/2016.

FATORELI, Carlos. As Indústrias e a desindustrialização em Santo Amaro.2010. Disponível em. <http://carlosfatorelli27013.blogspot.com.br/2010/11/as-industrias-e-desendustrializacao-em.html>, Acessado dia 20/11/2013

DASSOLER, Elisa Rodrigues. **Do triangulo da Morte ao circulo das artes: Um olhar sobre a movimentação cultural da periferia sul de são Paulo**. Disponível em: http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/11551.pdf Acessado dia 10/11/2016.

MARTINS, Lucia. **Shopping Funcionará em Antiga Fábrica**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/9/20/cotidiano/41.html>. Acessado dia 20/12/2016.

TENETPARTNERS. As 100 Maiores Empresas do Mundo: Disponível em : <https://tenetpartners.com/top100/most-powerful-brands-list.html>. Acessado dia 20/12/2016.

Anexos: questionário, entrevista e tabelas

Questionário

Pesquisa REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E FRAGMENTAÇÃO DO PARQUE INDUSTRIAL NA ZONA SUL DA METRÓPOLE DE SÃO PAULO

Fábrica:

Horário:

Endereço:

Questões norteadoras da pesquisa

1. Conte um pouco sobre o histórico da empresa, há quanto tempo ela está atuando no mercado? Quais seus principais parceiros comerciais?
2. Qual segmento da produção? Quais tipos de mercadorias vocês produzem?
3. Como é feito o processo logístico de produção e distribuição da produção?
4. A Fábrica dispõe em média de quantos funcionários?
5. Qual nível de escolaridade dos trabalhadores da produção e administrativos?
6. Quais os regimes de trabalho dos funcionários(administrativos e operários) da empresa?
7. Existem empresas terceirizadas que trabalham diretamente na fábrica? quais setores?
8. Qual a relação da fábrica com o bairro no qual ela está inserida? A fábrica recebe incentivos da subprefeitura ou governo nas suas atividades?

Entrevista

Empresa: Aryzta

Funcionária: Márcia, gerente de produção que atua há 11 anos na empresa.

Márcia - A empresa Aryzta trabalha com Forecast de volumes. Ele é renovado a cada semana pra mais duas semanas. O “Forecast “é uma previsão. Na quarta-feira nós recebemos todos os pedidos de todos os clientes e, assim, fazemos o planejamento de compra de matéria prima e embalagem para a produção da semana seguinte. Na quinta-feira nós fazemos todo o planejamento e na sexta o pessoal de suprimentos envia os emails. A segunda-feira a gente já começa a renovar o estoque pra produzir.

Alex – Acho que inicialmente seria interessante que você relatasse um pouco do histórico da empresa, há quanto tempo ela está atuando no Brasil? a Aryzta é uma empresa Irlandesa?.

Marcia – Na verdade fomos comprados recentemente, ou seja, a Aryzta comprou a Flash Start Baker (FSB Foods) há uns três anos atrás. Os sócios fundadores dela são Irlandeses mas a sede dela fica na Suíça. A empresa começou no Brasil há uns 35 anos atrás, a primeira unidade foi aqui em Santo Amaro e nessa época havia uma parte que era familiar (Wali) e também havia a Interbakers que ficava no piso superior. A Wali era especializada em confeitaria e a Interbaker fabricava pães para o Mc Donalds. Nessa época o Mc Donalds era uma empresa bastante fechada e eles tinham os fornecedores que pertenciam ao sistema Mc Donalds de fornecimento, assim, esses fornecedores eram exclusivos a empresa não atendia mais ninguém e a Interbakers era uma Joint Venture 50/50, ou seja, uma dessas empresas era brasileira e a outra americana que fazia parte do sistema Mc Donalds de suprimentos, assim a Interbaker foi crescendo, abriu-se uma unidade em Juiz de Fora, Osasco próximo do SBT e ela já era um conceito de suprimentos que juntava os principais fornecedores, nesse caso produziam: O Pão, a Proteína (hambúrguer), e o distribuidor. Então lá na Foodtown se juntou a FSB, a Matin Brown e a Brasmo que fornecia a carne. Quando abriu essa unidade em Osasco a parte de pão aqui foi desativada, pois já tinham duas fábricas grandes que atendiam o mercado e nesse momento continuou a Wali como uma empresa familiar. Em 2003 a Wali deixou de ser uma empresa Familiar e passou a fazer parte da FSB e assim houve toda uma mudança inclusive, na razão social. Assim a Wali deixou de ser Wali e passou a ser FSBfoods e assim a empresa deixou de ser um fornecedor exclusivo do Mc

Donalds e, assim, passamos a fornecer mercadorias para outros clientes houve então uma reestruturação da empresa com a abertura e prospectar mercados e fornecer à outras redes de fastfood e isso se seguiu de 2003 até 2010 quando a FSBfoods e a Flash Start Baker foi comprada pela Arysta no mundo. A Arysta sempre foi muito forte na Europa, porém até então não tinha negócios nas Américas e Ásia como a Flash Start Baker e assim nessa época nos tornamos 100% capital estrangeiro com a Arysta. A Arysta é uma empresa de Capital Aberto, então ela tem ações no mercado e agora estamos já a dois anos fazendo essa transição, pois a Arysta comprou muitas empresas no mundo e com isso ela sentiu que estava perdendo um pouco da sua identidade, pois tinham muitas empresas com marcas fortes e identidades muito fortes que ela incorporou e assim fica a questão, quem é a Arysta nessa história? Com isso ela passou essa preocupação para todas as unidades e em função disso estamos nos adequando a forma Arysta de trabalhar, aos padrões e políticas da Arysta.

Alex – Qual que é o segmento da produção nesta fábrica?

Marcia - Essa é a única fábrica que não faz mais pão de Hambúrguer, pois é uma fábrica de especialidades, nós temos um padrão de trabalho diferente das nossas três outras unidades. Na verdade são mais 4 onde duas ficam no mesmo lugar, ou seja, nós temos Juis de Fora, Osasco e Jaguariúna. A unidade de Jaguariúna tem uma parte que faz pão de Hambúrguer e ela tem uma outra unidade que faz só baguete uma área de suprimentos que nós estamos começando a trabalhar já há um tempo e fornecemos para a Subway. Aqui em Santo Amaro nós fazemos tudo que não é pão, então trabalhamos com croissant, Folhados, as tortinhas do Mc Donalds são feitas aqui, temos Brownie, Cookies, Rolls, bolos, pão de queijo. No geral somos uma unidade de especialidades, assim atendemos uma área de mercado diferenciados.

Alex – você falou por cima na última explicação, mas queria que vc explicasse mais como funciona o processo logístico da produção e distribuição do que é produzido, tanto nessa quanto nas outras unidades?

Marcia – Alguns clientes nossos eles tem seus próprios distribuidores logísticos, por exemplo. Mc Donalds, Starbucks, Giraffa's, Burguer King, sendo assim, eles tem um operador logístico e operador logístico faz a distribuição nas rotas para os restaurantes. No caso do Pão é diferente, pois o próprio caminhão já entrega, ele segue uma rota e faz a entrega do pão direto nos restaurantes, pois o volume é muito maior e assim ele já

distribui dessa forma. Aqui em Santo Amaro como os volumes são menores nós mandamos tudo para os operadores logísticos e eles fazem a distribuição. Nós temos uma frota de transporte, e toda frota contratada ela é validada pela gente, os produtos todos são assados e congelados, exceto pão de queijo e tortinha. Assim nós temos que garantir que nossos transportes vão dar conta da rede de frio para que o produto possa chegar na temperatura correta nos distribuidores logísticos para não haver nenhuma perda de qualidade. Assim nós validamos esses transportadores, temos os caminhões e esses caminhões são os que fazem essa coleta de acordo com um procedimento já predefinido pra todo mundo saber como é que tem de ser feita a coisa.

Mellanie: Qual é o alcance dessa rede de distribuição?

Marcia: A rede de distribuição é atendendo o Brasil inteiro. Por exemplo as tortinhas que saem daqui vai para o operador logístico e o operador logístico distribui para o Brasil inteiro. Então os produtos que são dessa unidade e com relação a Juiz de Fora a cadeia do pão eu já não saberei explicar muito bem. Aqui como nós mandamos para o operador logístico ele mesmo manda pro lugar. Ou seja, Onde tem Mc café o Mc Café recebe os produtos daqui pelo operador logístico com uma carga mais consolidada.

Alex: Queria saber do contingente de trabalhadores no interior da fábrica e o número médio de operários na fábrica?

Marcia: Hoje no total nós contamos com uma média de 157 pessoas, estamos rodando só com dois turnos, nós já rodamos com 6. Nós reduzimos o turno pra trabalhar com maior eficiência. Nós concentramos em dois turnos para que assim seja uma linha mais eficiente. A nossa área administrativa conta com 7 pessoas e cada unidade é uma unidade autônoma, porém temos um escritório central que fica na Faria Lima que é nosso Staff, lá fica concentrada toda a parte administrativa da empresa. Aqui comigo, o pessoal que responde diretamente pra mim são as pessoas do PCP, manutenção, dedetização que é da área interna e o pessoal de almoxarifado e expedição que responde diretamente pra mim. Em cada unidade meio que trabalha do seu jeito da forma como se precisa trabalhar porque existem diferenças e nós temos uma direção industrial que também é responsável pelas quatro unidades: Santo Amaro, Jaguariúna, Osasco e Juiz de Fora. Essa pessoa fica em todas as unidades na verdade e tem reuniões frequentes com a gente toda a semana.

Alex: O que é o PCP?

Marcia: é o Planejamento e controle de produção. Essa pessoa recebe consolida os pedidos e passa pra produção e a qualidade vai avaliar como fica pra produzir de forma mais eficiente. Essa pessoa do PCP recebe isso e vai pro pessoal do almoxarifado que vai ver a sugestão de compra e matéria para embalagem

Alex: O quadro de funcionários da produção são terceirizados?

Marcia: Não, são todos funcionários efetivos. Os únicos funcionários que são terceirizados aqui são o pessoal da portaria que já tem experiência e no hall nessa área e o pessoal do restaurante que também é uma empresa. Nós damos toda a infraestrutura pra eles, mas os funcionários e as matérias primas eles é que trazem pra fazer as refeições aqui para o pessoal.

Alex: Aqui a produção funciona todos os dias?

Marcia: Sim, aqui a produção é todos os dias. Essa é uma unidade diferente pois as fábricas das outras unidades elas trabalham de segunda à sábado. Aqui funciona de segunda à sexta em dois turnos. Aí a gente tem o pessoal de expedição, manutenção e sanitização e eles trabalham em três turnos. Aqui na unidade de Santo Amaro nós ainda temos o pessoal de desenvolvimento, a gente chama de plano piloto é o pessoal de pesquisa e desenvolvimento e que trabalha em cima de produtos novos.

Alex: Nessa região Marcia nós percebemos, sobretudo nas ultimas décadas houve uma transformação bastante drástica na quantidade de fábricas ou unidades industriais em Santo Amaro. Isso é muito perceptível a qualquer pessoa que passa...

Marcia: Sim, na Marginal você passa e vê a quantidade de galpões abandonados.

Alex: Sim, nesse sentido como é que faz pra se manter a fábrica aqui? E qual a relação dos incentivos da prefeitura ou governo para que a fábrica continue produzindo aqui e porque não é interessante a fábrica estar atuando em outros lugares, como lugares industriais mais periféricos como Socorro, Jurubatuba por exemplo?

Marcia: Na verdade assim, aqui era um prédio próprio até a gente ser vendido à Flash Start Baker para os Estados Unidos. Então como era 50/50 o aluguel era dividido, pois o dono do prédio também era o dono da empresa e isso pra gente era uma coisa interessante. A localização facilita muito, pois estamos muito próximos da marginal, assim o acesso é mais fácil e agora tem o Rodoanel por trás, então acaba sendo uma forma de receber as matérias primas, embalagens e também mandar os produtos acabados pra fora da empresa de uma forma muito mais fácil. Aqui também nós temos

funcionários bastante novos, assim como também temos funcionários com 28 a 30 anos de casa. Já houve algumas vezes alguns estudos que sugeriram mudar a fábrica para Jaguariúna...Mas tem a parte social que a empresa é preocupada com isso, ou seja, o que fazer com esses funcionários todos, porque ninguém vai sair daqui pra ir pra Jaguariúna ou apenas poucas pessoas fariam isso, assim a empresa pensou muito nisso, a gente tá bem montado aqui com os equipamentos a fábrica, apesar de ser um prédio mais antigo esse prédio foi sendo adequado pra continuar produzindo com qualidade e atendendo toda legislação municipal, estadual e federal no quesito qualidade. A grande maioria do pessoal aqui também é da zona sul, a gente procura contar mais com pessoas da zona sul de áreas mais próximas daqui, é claro que tem alguns funcionários que são de São Bernardo, Osasco e etc... O grosso de nossos funcionários são todos da zona sul, por isso também é fácil. Por exemplo quando tinha uma greve de transporte, ficava fácil da gente se organizar pra contratar vans e e fazer a rota pra pegar o máximo de pessoas possível. Pessoa que morava longe não tinha carro a gente paga gasolina e ele vem, então fica fácil de gerenciar. Nós percebemos, você que perguntou quais as facilidade que a prefeitura e subprefeitura dá pra gente, que aqui não há incentivo nenhum, muito pelo contrário, eles colocam uma série de dificuldades para que a gente permaneça aqui, ou seja, tem o lado bom porque a gente tem que andar muito certinho. Por exemplo, a parte de bombeiros, licenças ambientais da Cetesb, Sabesp nós precisamos estar com tudo muito bem regulado, pois a gente passa por inspeções de tempos em tempos. Mas assim, estamos percebendo que a cada ano só continuam subindo torres e só tem a gente e a Prada aqui na frente, a gente não sabe ainda quanto tempo nós vamos continuar ficando aqui. A prefeitura ela procura colocar muitos empecilhos e que não são empecilhos muito racionais, tipo: nós somos vendidos e assim nossa razão social mudou, todo resto tá ok só mudou o nome, até o CNPJ e o mesmo e, assim, a gente precisa de uma série de documentos pra apresentar na prefeitura pra poder estar aqui, aí eles dizem, tem a lei do zoneamento x, a tem o estacionamento. Apesar de a gente ter mostrado que a grande maioria dos nossos funcionários vem de trem, ônibus e todo mundo ganha vale transporte, não para eles(prefeitura) nós temo que ter uma quantidade x de vagas no nosso estacionamento mesmo sendo vagas que não serão usadas no estacionamento aqui perto. Isso pra gente causa um pouco de problemas, não que a gente não resolva, mas é difícil de resolver, pois quando você quer resolver as coisas da

forma correta isso te dá um pouco mais de trabalho, a gente tá trabalhando pra deixar tudo certinho. Do ponto de vista da segurança nós estamos bem protegidos por estarmos dentro das normas técnicas da legislação. Agente tem técnico de segurança do trabalho, uma área de engenharia que trabalha com a gente e toda essa parte de barulho emissões está tudo muito controlado. Emissões a gente não tem, pois são fornos, no limite é cheiro do produto que está assando, então a gente não tem muito problema não, realmente a gente percebe que cada vez mais a coisa tá afunilando, por exemplo, a gente não tem praticamente nenhuma carga diurna, nossas cargas são feitas a noite por causa da restrição aos caminhões, então a gente se programa, pois mudou o nosso ritmo pra fazer expedição a noite, por enquanto estão sendo mudanças, adequações tranquilas.

Alex: Qual a média da faixa etária dos trabalhadores da produção? Ou varia?

Marcia: Ah varia, como eu te falei, eu tenho pessoas que tem seis meses de casa e tem pessoas que tem 29 a 30 anos de casa algumas dessas pessoas já se aposentaram, mas agente ainda tem pessoas que estão trabalhando e tem aí 20, 25 anos de idade. Eu que já não sou tão velha de casa já tenho 11 anos.

Alex: Esses trabalhadores mais novos contratados, eles tem alguma especialização técnica que os outros não ou não tem uma exigência nesse sentido?

Marcia: A gente não exige, pois os nossos equipamentos de produção eles são muito específicos, é muito difícil você achar mão de obra qualificada no mercado, as únicas exigências que a empresa tem é que tenham o segundo grau completo, pois indústria de alimentos ela tem uma série de exigências que devem ser seguidas, muitos procedimentos, preenchimento de ficha, acompanhamento do produto desde a matéria prima até a hora que o produto sai então a gente tem que ter funcionários que consigam preencher e que entendam o procedimento para que assim seja aplicado todos os dias de uma forma rotineira. Então essa forma da gente trabalhar é pegar as pessoas com segundo grau completo e treiná-las pra gente conseguir ter o melhor resultado possível, logicamente a gente tem pessoas que a gente contrata e que tem uma formação melhor, por exemplo: nosso supervisor de produção é Engenheiro Químico, nós temos um técnico em elétrica e eletrônica que é supervisor de manutenção. Por exemplo o PCM que é o planejamento de controle e manutenção está fazendo engenharia de produção, a gente tem alguns encarregados que são mais práticos que estão com a gente a já algum tempo, então essa prática pra eles vale e a gente tem um que é mais recentemente

contratado que é técnico em qualidade, a área de qualidade tem um engenheiro de alimentos, eu que sou gerente da fábrica sou engenheira de alimentos. Nós temos um supervisor de almoxarifado que fez logística e pros graduação na mesma área, nós procuramos que os funcionários mostrem uma vontade de crescer e vão ganhando experiências teóricas e práticas e deixar essas pessoas da melhor forma possível aqui.

Alex: Marcia nós temos permissão para circular nas unidades da produção?

Marcia: Não, pois é restrito. A gente ultimamente só está recebendo a visita de cliente e as auditorias. Então desculpa, mas não é permitido...mas o nosso processo é um processo muito simples. Então nos temos o recebimento de todos os pedidos e isso gera um planejamento diário, assim nós emitimos ordens de fabricação. Essas horas de fabricação elas passam por um fluxo de separação. Tudo que é pó é pesado, tudo que é líquido e filtrado e assim o produto é produzido e normalmente a gente tem alguns pontos de controle que é onde pode haver uma contaminação e os estudos nossos de segurança alimentar pode haver, assim a gente toma mais cuidado. Todos os produtos que são embalados, passa pelos detectores de metal sem nenhuma contaminação física e são congelados e expedidos, então é um fluxo muito simples, assim é uma grande confeitaria, a gente faz bolo, cookie, Brownie...mas assim em escala industrial.

Mellanie: você disse que as indústrias vão meio que afunilando, você sabe mais ou menos quando que isso começou? Ou sempre foi meio desgastada?

Marcia: Na verdade não é que seja uma relação desgastada, eu acho que é assim a CETESB nós temos uma relação muito boa com a empresa, eles sabem que a gente trabalha direitinho, então quando a gente precisa de alguma coisa a gente chama eles ou a gente vai na CETESB e pergunta, olha a gente já mudou precisa alterar, não precisa alterar, ou seja, a gente trabalha muito em parceria, com os bombeiros a mesma coisa. A prefeitura, o grande problema é assim cada órgão não conversa com o outro então é uma profusão de duplas coisas que você tem que fazer... Então pra Cetesb você tem que mandar uma série de documentos que tem que mandar pros bombeiros então isso faz parte, agora a gente percebe, por exemplo quando eu entrei e comecei a trabalhar aqui esses prédios todos já estavam abandonados, pois saíram algumas impressões longo desses anos aqui, então a gente sabe que é uma tendência que a área aqui está bastante valorizada apesar de a gente ter um prédio aqui atrás que é da IBM, Santander, então a gente tem algumas coisas industriais e comerciais por aqui. Como a gente é uma

indústria de alimentos e não polui então fica uma coisa um pouco mais tranquila, mas a gente tem restrição e não podemos aumentar nada aqui, nem um telhadinho, pois a área construída já está restrita. Então o que posso dizer é que não é um desgaste mas fica um pouco mais difícil pra se conseguir coisas que há uns anos atrás vc conseguia de uma forma mais tranquila e rápida.

Alex: Tem alguma organização Sindical do qual os trabalhadores daqui fazem parte?

Marcia: Sim, a gente tem aqui pertinho o Sindicato dos trabalhadores de panificação e padarias, então é o mesmo sindicato pra todo mundo, e aí uma vez por ano eles vem aqui tem dissídio eles vão com a direção de recursos humanos, estando tudo ok eles vem leva os funcionários pra conversar... Também é uma relação bastante cordial, pois a empresa ela sempre teve uma relação tranquila no que diz respeito à salários, benefícios então a gente está sempre no topo ali, a empresa dá todos os benefícios pros funcionários, acha que não tem nem tanto o que negociar, vai numa padaria, você consegue um plano de saúde e já é uma vitória... Aqui nós já temos um plano de saúde, os funcionários não pagam nada e a empresa é que pagam tudo, a gente tem todas aquelas coisas de legislação como cesta básica, vale transporte convenio com farmácia, plano odontológico, tem o PLR, claro que tem um conjunto de avaliações sobre isso, mas a gente tem é uma coisa tranquila, os funcionários nós temos avaliações duas vezes por ano, as avaliações são feitas baseadas em requisitos bem estruturados, não é aquela coisa de eu acho, que na minha opinião, sabe a gente procura estruturar de uma forma que as opiniões não sejam tão importantes, então a gente procura fazer o melhor pros funcionários e graças a deus nós não temos muitos problemas com isso não, nosso padrão salarial também não é um padrão salarial ruim com relação as outras indústrias de panificação da região, então a gente tenta fazer um bom trabalho...

Alex: Quais são as outras indústrias de panificação aqui da região?

Márcia: Que eu sei tem a melhor bocado que fica próximo da ponte do socorro. Tem outras indústrias que não são panificação, como a Ofner, Otker, a Tradal que é do ramo de produtos químicos, mas aí são outros segmentos. Mas a Ofner tinha o setor de produção deles que enviava pra os outros lugares, não sei se o sindicato era o mesmo que o deles, mas funcionava bem próximos daqui.

Tabelas – Subitem 2.1

Quantidade de estabelecimentos industriais e empregos na Indústria de transformação da Cidade e no fragmento de Pesquisa⁶⁰

Unidades Territoriais	Estabelecimentos				Empregos			
	2000		2014		2000		2014	
	N	%	N	%	N	%	N	%
BRASIL	248.616	100,0%	394.248	100%	5.175.713	100,0%	8.621.120	100,0
ESTADO DE SÃO PAULO	77.273	31,08%	107.481	27,26%	1.920.857	37,11%	2.848.460	33,04%
INTERIOR DE SÃO PAULO	38.810	50,22%	59.748	55,59%	943.768	49,13%	1.664.121	58,42%
REGIÃO METROPOLITANA	38.463	49,30%	47.733	44,41%	977.089	50,87%	1.184.339	41,58%
SÃO PAULO	26.229	68,19%	30.551	62,70%	512.976	52,50%	630.169	53,21%
CAPELA DO SOCORRO	608	2,32%	791	2,59%	13.556	2,64%	15.634	2,48%
<i>Cidade Dutra</i>	<i>160</i>	<i>26,32%</i>	<i>252</i>	<i>31,86%</i>	<i>2.305</i>	<i>17,00%</i>	<i>3.222</i>	<i>20,61%</i>
<i>Grajaú</i>	<i>76</i>	<i>12,50%</i>	<i>114</i>	<i>14,41%</i>	<i>550</i>	<i>4,06%</i>	<i>904</i>	<i>5,78%</i>
<i>Socorro*</i>	<i>372</i>	<i>61,18%</i>	<i>425</i>	<i>53,73%</i>	<i>10.701</i>	<i>78,94%</i>	<i>11.508</i>	<i>73,61%</i>
SANTO AMARO	1.053	4,01%	1.063	3,48%	48.763	9,51%	37.008	5,87%
<i>Campo Belo</i>	<i>177</i>	<i>16,81%</i>	<i>202</i>	<i>19,00%</i>	<i>5.499</i>	<i>11,28%</i>	<i>2.111</i>	<i>5,70%</i>
<i>Campo Grande*</i>	<i>349</i>	<i>33,14%</i>	<i>345</i>	<i>32,46%</i>	<i>17.624</i>	<i>36,14%</i>	<i>18.418</i>	<i>49,77%</i>
<i>Santo Amaro*</i>	<i>527</i>	<i>50,05%</i>	<i>516</i>	<i>48,54%</i>	<i>25.640</i>	<i>52,58%</i>	<i>16.479</i>	<i>44,53%</i>
M'BOI MIRIM	247	0,94%	306	1,00%	5.006	0,98%	11.226	1,78%
<i>Jardim Ângela</i>	<i>51</i>	<i>20,65%</i>	<i>86</i>	<i>28,10%</i>	<i>508</i>	<i>10,15%</i>	<i>851</i>	<i>7,58%</i>
<i>Jardim São Luís*</i>	<i>196</i>	<i>79,35%</i>	<i>220</i>	<i>71,90%</i>	<i>4.498</i>	<i>89,85%</i>	<i>10.375</i>	<i>92,42%</i>

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. *Relação Anual de Informações Sociais – Rais.*

⁶⁰ Os distritos destacados: Santo Amaro, Campo Grande, Socorro e Jardim São Luis, correspondem ao recorte de pesquisa. No que tange a Região metropolitana e Estado de São Paulo os números correspondem ao total de estabelecimentos e trabalhadores da indústria de transformação, não foi contabilizado a construção civil no total. Cada unidade territorial está relacionada, em termos percentuais, ao território em que está inserida. Os segmentos contabilizados dizem respeito a indústria de transformação, não incluímos o segmento da construção civil.

Estabelecimentos e Empregos Formais por Subsetor de Atividade Econômica, Brasil, Estado de São Paulo, Região Metropolitana e Município de São Paulo, 2000.

Subsetor de Atividade Econômica	Brasil		Estado de São Paulo									
			Total ESP		Região Metropolitana de São Paulo						Interior ESP	
	Total RMSP				Munic São Paulo		Demais Municípios					
	Estab/os	Empregos	Estab/os	Empregos	Estab/os	Empregos	Estab/os	Empregos	Estab/os	Empregos	Estab/os	Empregos
Total	248616	5175713	77273	1920857	38463	977089	26463	512976	12000	464113	38810	943768
Indústria de produtos minerais não metálicos	18814	273819	5101	87084	1233	27678	606	11392	627	16286	3868	59406
Indústria metalúrgica	27555	481943	10663	208989	5572	119222	3263	55564	2309	63658	5091	89767
Indústria mecânica	10090	278480	4932	153349	2760	78594	1724	43734	1036	34860	2172	74755
Indústria do material elétrico e de comunicações	4868	191978	2599	108116	1766	60496	1230	31852	536	28644	833	47620
Indústria do material de transporte	4887	296823	1967	185492	1091	102922	646	27604	445	75318	876	82570
Indústria da madeira e do mobiliário	30895	396501	5879	75764	2088	26138	1338	11599	750	14539	3791	49626
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	18005	308626	6740	142552	4200	93479	3137	60282	1063	33197	2540	49073
Indústria da borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. diversas	11623	220775	4277	96460	2378	53849	1705	26773	673	27076	1899	42611
Ind. química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria...	19128	509646	8479	259488	5213	164790	3038	73131	2175	91659	3266	94698
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	44200	702094	13947	229163	8123	118747	7111	85824	1012	32923	5824	110416
Indústria de calçados	6860	240392	1962	46613	201	4422	168	2321	33	2101	1761	42191
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	45873	984284	9432	256171	3458	85396	2263	52395	1195	33001	5974	170775
Serviços industriais de utilidade pública	5818	290352	1295	71616	380	41356	234	30505	146	10851	915	30260

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Relação Anual de Informações Sociais – Rais.

Estabelecimentos e Empregos Formais por Subsetor de Atividade Econômica: Brasil, Estado de São Paulo, Região Metropolitana e Município de São Paulo, 2014

Subsetor de Atividade Econômica	Brasil		Total ESP		Total RMSP		Estado de São Paulo					
							Região Metropolitana de São Paulo					
							Munic São Paulo		Demais Municípios da RMSP		Interior ESP	
	Estab/os	Empregos	Estab/os	Empregos	Estab/os	Empregos	Estab/os	Empregos	Estab/os	Empregos	Estab/os	Empregos
Total	394.248	8.621.120	107.481	2.848.460	47.733	1.184.339	30.551	554.170	17.182	630.169	59.748	1.664.121
Indústria de produtos minerais não metálicos	28.291	454.512	4.943	112.189	1.070	33.002	448	10.440	622	22.562	3.873	79.187
Indústria metalúrgica	49.775	770.894	14.671	282.988	6.501	133.268	3.397	53.965	3.104	79.303	8.170	149.720
Indústria mecânica	27.906	633.030	10.436	283.632	4.381	105.098	2.342	51.199	2.039	53.899	6.055	178.534
Indústria do material elétrico e de comunicações	7.916	297.181	3.250	127.137	1.919	58.150	1.175	26.094	744	32.056	1.331	68.987
Indústria do material de transporte	8.257	591.072	2.837	281.123	1.356	123.153	658	25.254	698	97.899	1.481	157.970
Indústria da madeira e do mobiliário	39.860	480.545	6.733	95.784	2.201	27.963	1.300	11.493	901	16.470	4.532	67.821
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	27.317	405.698	8.114	164.854	4.590	99.889	3.268	54.660	1.322	45.229	3.524	64.965
Indústria da borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. diversas	20.474	337.446	6.808	139.102	3.463	68.708	2.405	29.926	1.058	38.782	3.345	70.394
Ind. química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria...	26.329	950.919	10.301	412.020	5.320	207.563	2.689	84.435	2.631	123.128	4.981	204.457
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	70.735	997.677	18.893	282.466	10.516	130.753	8.727	92.857	1.789	37.896	8.377	151.713
Indústria de calçados	10.114	309.288	2.972	49.873	126	2.037	97	1.412	29	625	2.846	47.836
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	67.747	1.942.760	15.013	502.986	5.490	133.768	3.555	79.989	1.935	53.779	9.523	369.218
Serviços industriais de utilidade pública	9.527	450.098	2.510	114.306	800	60.987	490	32.446	310	28.541	1.710	53.319

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Relação Anual de Informações Sociais – Rais. Elaboração: SMDU/Deinfo(Org. Américo, A, S, D.)

**Participação (%) no total do valor adicionado, para o ano de
2009 nos municípios da Região Metropolitana.**

Municípios e Região Metropolitana	Indústria (%)	Serviços (%)	Agropecuária (%)
Diadema	44,94	55,06	0
Santo André	33,14	66,85	0,01
São Bernardo do Campo	44,86	55,12	0,02
São Caetano do Sul	41,2	58,8	0
São Paulo	20,72	79,27	0,01
Região Metropolitana	24, 58	75,36	0,07

Fonte: Fundação SEADE, 2012 apud, Licenciamento ambiental EMTU(Metrô)

Quantidade de estabelecimentos segmentos industriais em Santo Amaro: 2000

Segmentos industriais	N	%
Alimentos	50	9,5
Borrachas, fumo e couro	37	7,0
Elétrica e comunicações	41	7,8
Mecânica	55	10,4
Metalúrgica	53	10,1
Química	106	20,1
Textil	59	11,2
Madeira e Mobília	27	5,1
Indústria de material de transporte	19	3,6
Calçados	5	0,9
Minerais não metálicos	13	2,5
Papel e gráfica	62	11,8
Total	527	100,0

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Relação Anual de Informações Sociais – Rais.

Quantidade de estabelecimentos e empregos por segmentos industriais em Santo Amaro: 2014

Segmentos industriais	Estabelecimentos		Empregos	
	N	%	N	%
Alimentos	85	16,5	1852	11,2
Borrachas, fumo e couro	41	7,9	445	2,7
Elétrica e comunicações	35	6,8	1258	7,6
Mecânica	47	9,1	1623	9,8
Metalúrgica	47	9,1	1708	10,4
Química	84	16,3	6427	39,0
Textil	65	12,6	1385	8,4
Madeira e Mobília	20	3,9	260	1,6
Indústria de material de transporte	11	2,1	315	1,9
Calçados	0	0,0	0	0,0
Minerais não metálicos	6	1,2	315	1,9
Papel e gráfica	75	14,5	891	5,4
Total	516	100,0	16479	100,0

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Relação Anual de Informações Sociais – Rais.

Quantidade de estabelecimentos industriais por segmentos no Jardim São Luis – 2000

Segmentos Industriais		
	N	%
Alimentos	25	12,76%
Borrachas, fumo e couro	14	7,14%
Elétrica e comunicações	15	7,65%
Indústria mecânica	13	6,63%
Indústria Metalúrgica	27	13,78%
Indústria Química	31	15,82%
Indústria Têxtil	12	6,12%
Indústria de madeiras	23	11,73%
Indústria de material de transporte	8	4,08%
Indústria de Caçados	0	0,00%
Minerais não metálicos	3	1,53%
Papel e gráfica	25	12,76%
Total	196	100,00%

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Relação Anual de Informações Sociais – Rais.

Número de estabelecimentos por segmentos industriais no Jardim São Luis - 2014

Segmentos Industriais	Estabelecimentos		Empregos	
	N	%	N	%
Alimentos	40	18,18	6945	66,94
Borrachas, fumo e couro	12	5,45	60	0,6
Elétrica e comunicações	13	5,91	166	1,6
Indústria mecânica	27	12,27	192	1,8
Indústria Metalúrgica	24	10,91	152	1,5
Indústria Química	25	11,36	2545	24,5
Indústria Têxtil	28	12,73	214	2,0
Indústria de madeiras	16	7,27	19	0,2
Indústria de material de transporte	11	5,00	5	0,05
Indústria de Caçados	0	0,00	0	0,0
Minerais não metálicos	5	2,27	23	0,2
Papel e gráfica	19	8,64	54	0,5
Total	220	100,00	10375	100,0

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Relação Anual de Informações Sociais – Rais.

Tabelas – subitem 2.3

Segmentos industriais e empregos em Socorro - 2000

Segmentos Industriais		
	N	%
Alimentos	15	4,02
Borrachas, fumo e couro	25	6,70
Elétrica e comunicações	32	8,58
Indústria mecânica	49	13,14
Indústria Metalúrgica	80	21,45
Indústria Química	82	21,98
Indústria Têxtil	30	8,04
Indústria de madeiras	13	3,49
Indústria de material de transporte	17	4,56
Indústria de Caçados	1	0,27
Minerais não metálicos	6	1,61
Papel e gráfica	23	6,17
Total	373	100,00

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Relação Anual de Informações Sociais – Rais

Segmentos industriais e empregos em Socorro - 2014

Segmentos Industriais	Estabelecimentos		Empregos	
	N	%	N	%
Alimentos	22	5,20	755	6,60
Borrachas, fumo e couro	28	6,60	710	6,20
Elétrica e comunicações	32	7,50	707	6,10
Indústria mecânica	67	15,80	1904	16,50
Indústria Metalúrgica	85	20,00	1365	11,90
Indústria Química	88	20,70	2061	17,90
Indústria Têxtil	28	6,60	607	5,30
Indústria de madeiras	15	3,50	410	3,60
Indústria de material de transporte	20	4,70	1953	17,00
Indústria de Caçados	1	0,20	12	0,10
Minerais não metálicos	6	1,40	134	1,20
Papel e gráfica	33	7,80	890	7,70
Total	425	100,00	11508	100,00

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Relação Anual de Informações Sociais – Rais

**Quantidade de estabelecimentos por segmentos industriais
em Campo Grande(Jurubatuba) - 2000**

Segmentos industriais	N	%
Alimentos	31	8,8
Borrachas, fumo e couro	18	5,1
Elétrica e comunicações	27	7,6
Indústria mecânica	48	13,6
Indústria Metalúrgica	71	20,1
Indústria Química	48	15,0
Indústria Têxtil	35	9,9
Indústria de madeiras	15	4,2
Indústria de material de transporte	19	5,4
Indústria de Caçados	4	1,1
Minerais não metálicos	9	2,5
Papel e gráfica	24	6,8
Total	349	100,0

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Relação Anual de Informações Sociais – Rais

**Quantidade de estabelecimentos e vínculos de empregos por segmentos
industriais em Campo Grande (Jurubatuba) - 2014**

Segmentos industriais	Estabelecimentos		Empregos	
	N	%	N	%
Alimentos	43	12,50	1924	10,40
Borrachas, fumo e couro	15	4,30	422	2,30
Elétrica e comunicações	34	9,90	2260	12,30
Indústria mecânica	58	16,80	2016	10,90
Indústria Metalúrgica	64	18,60	1906	10,30
Indústria Química	42	12,20	5411	29,40
Indústria Têxtil	35	10,10	289	1,60
Indústria de madeiras	12	3,50	89	0,50
Indústria de material de transporte	12	3,50	3209	17,40
Indústria de Caçados	0	0,00	0	0,00
Minerais não metálicos	7	2,00	144	0,80
Papel e gráfica	23	6,70	748	4,10
Total	345	100,00	18418	100,00

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Relação Anual de Informações Sociais – Rais